

398.1554
S 585e
T

MARCOS VIEIRA SILVA

63260

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



273308903

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

04

ISO ANI

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO
EDUCATIVO - Um estudo de caso desen-
volvido a partir das experiências
do PRODAC - Programa de Desenvolvi-
mento e Ação Comunitária - da
PUC-MG**

ser devolvido na ú
carimbada

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Educação da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Educa-
ção.

Orientadora: Glauro Vasques de Miranda
Faculdade de Educação da
UFMG

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

1989

T

378.1554 Silva, Marcos Vieira
S585e Extensão universitária: um pro-
1989 cesso educativo - um estudo de
 caso...
 Belo Horizonte, FAE/UFMG, 1989.
 160 p.
 Inclui bibliografia
Dissertação (Mestrado) - UFMG -
FAE Área de concentração: Ciên-
cias Sociais Aplicadas à Educa-
ção.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM
PROCESSO EDUCATIVO

Marcos Vieira Silva

Dissertação defendida e aprovada pela
banca examinadora constituída pelos
professores:

Prof. Glaura V. Miranda - Orientadora

Prof. Caio César Boschi - PUC-MG

Prof. Elza Maria S. Cataldo - UFMG

Curso de Mestrado em Educação da
Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte,



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA DA 125ª (Centésima Vigésima Quinta) APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO NO COLEGIADO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAE/UFMG.

Aos onze dias do mês de agosto de mil novecentos e oitenta e nove, realizou-se na sala nº 307 do prédio da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, mais uma reunião para apresentação da dissertação: "EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO EDUCATIVO - um estudo de caso desenvolvido a partir das experiências de extensão universitária do PRODAC (Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária da PUC/MG)", do aluno **MARCOS VIEIRA SILVA**. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores: Glaura Vasques de Miranda (Orientadora), Elza Maria da Silva Cataldo e Caio César Boschi (PUC/MG). Os trabalhos iniciaram-se às quatorze horas e vinte e cinco minutos com a síntese da dissertação feita pelo mestrando. Em seguida os senhores membros da Banca Examinadora fizeram uma arguição pública ao candidato. Após o relato da orientadora, a Banca foi unânime em aprovar a dissertação de **MARCOS VIEIRA SILVA**, que passa a Mestre em Educação, devendo encaminhar a Secretaria do Curso a versão final em 05 (cinco) exemplares. Nada mais havendo a tratar, eu, Lúcia Assis Alves, Secretária do Curso de Mestrado em Educação, lavrei a presente ata, que depois de aprovada será por mim assinada e pelos membros da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 11 de agosto de 1989.

nhonha,
Zefa e
ra, com
sempre

Glaura Vasques de Miranda
GLAURA VASQUES DE MIRANDA - Orientadora

Elza Maria da Silva Cataldo
ELZA MARIA DA SILVA CATALDO

Caio César Boschi
CAIO CÉSAR BOSCHI

Lúcia Assis Alves
LÚCIA ASSIS ALVES

Secretária do Curso de Mestrado em Educação - FAE/UFMG



DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada ao povo do Vale do Jequitinhonha, de Vila Barraginha e de Itaguara, especialmente a Lira, Zefa e Jailson, de quem presenciei a luta pela vida, com muita garra, com a beleza intrigante da fantasia e com a busca inocente, mas sempre valente, ainda que meio trôpega, de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

- . À Glaura, orientadora amiga e sempre disponível, mesmo quando não concordava com minhas colocações. Sua paciência e dedicação durante todo o trabalho foram um grande incentivo. Sem ela, esta dissertação não seria possível;
- . a meus familiares, que se viram, muitas vezes, privados da minha companhia para que este trabalho fosse possível, especialmente à Bia, pelo incentivo permanente;
- . às Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão e Ação Comunitária da PUC-MG, pelo apoio e incentivo;
- . ao Mário, que mais do que ninguém, sabe o porquê;
- . à Tâmara, companheira de muitas lutas, com quem venho dividindo as dificuldades e os frutos da busca de uma prática democrática e coerente, e que participou deste trabalho desde o primeiro momento;
- . à Guiomar, com quem compartilhei as dificuldades e os resultados do trabalho na Vila Barraginha e em Itaguara;
- . aos meus colegas da PUC, em especial aos que dividiram comigo o trabalho com a extensão;
- . à Tereza Magalhães Coelho, com quem aprendi a amar o povo do Jequitinhonha. Ela lutou incansavelmente por uma extensão universitária realmente comprometida com o povo. Muito do que os órgãos

oficiais só conseguem visualizar hoje a respeito da extensão, Tereza já propunha nos trabalhos que coordenava nos tempos do GT-UCMG e do PRODAC;

- . ao Jeferson, pelo incentivo amigo;
- . aos colegas da ABRAPSO - Associação Brasileira de Psicologia Social, com quem venho trabalhando na busca de uma Psicologia mais "inteira" e solidária;
- . aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental, que acompanharam grande parte deste trabalho;
- . aos funcionários da PUC que me auxiliaram na coleta de dados, em especial à Zilva;
- . à Alaíde, pela cuidadosa revisão do texto e pelo incentivo sempre carinhoso;
- . à Shirley, pela atenciosa normalização bibliográfica;
- . à Vanêssa, pela trabalhosa datilografia;
- . e aos estagiários que participaram dos Projetos, especialmente Carla, Cida, Cláudia Castilho, Cláudia Maria, Cleuber, Denise, Eugênio, Gláucia, Isabel, Márcia, Marísia, Mariza, Míriam, Rose, Silvana, Silvana Kelle e Valdemar, que, mais do que estagiários, foram companheiros de descobertas; entre eles, impossível esquecer a Fátima, que, sempre com alegria, empurrava a todos com sua garra pela vida; ela continua presente em nós;

a todos,

a minha gratidão.

"Escrevo esta canção porque é preciso.
Se não a escrevo, falho com o pacto
que tenho abertamente com a vida.

E é preciso fazer alguma coisa
para ajudar o homem.
Mas agora. Cada vez mais sozinho
e mais feroz,
a ternura extraviada de si mesma,
o homem está perdido em seu caminho.
É preciso fazer alguma coisa
para ajudá-lo.
Ainda é tempo. É tempo."

(Tiago de Melo)

S U M Á R I O

Página

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	
PORQUE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	5
CAPÍTULO II	
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ALGUMAS QUESTÕES	12
CAPÍTULO III	
A TRAJETÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS	38
CAPÍTULO IV	
A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO PRODAC/UCMG	75
CAPÍTULO V	
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO EDUCATIVO	103
CONCLUSÃO	132
ANEXO 1	136
ANEXO 2	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	155
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	159

RESUMO

A presente dissertação compreende um estudo de caso desenvolvido a partir das experiências de extensão universitária do PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária - da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG.

O estudo procurou analisar o processo educativo vivenciado por alunos, professores e comunidades envolvidas nas várias atividades de extensão realizadas.

É apresentada uma trajetória da extensão universitária na PUC-MG, desde o seu início, nos anos 60, passando pela criação da Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária, em fins de 1983 até o ano de 1984, quando se encerraram as atividades na Vila Barraginha e em Itaguara. São analisadas, com maior ênfase, as experiências desenvolvidas pelo PRODAC.

Conclui-se que a extensão universitária, quando desenvolvida numa perspectiva crítica e problematizadora, buscando uma integração com o ensino e a pesquisa, representa uma possibilidade concreta de integração entre teoria e prática.

Conclui-se, também, que a extensão universitária do PRODAC significou um "lugar" de prática pedagógica muito rica; "lugar" de um constante repensar das teorias; "lugar" de produção de conhecimentos; espaço de ação, na perspectiva de uma transformação da sociedade, e, ainda, uma rica experiência de atuação interdisciplinar.

Tais conclusões foram obtidas através da análise de relatos dos trabalhos, de falas de professores, alunos e pessoas das comunidades envolvidas nas atividades, e de trechos do Documentário "Essa Terra Já Virou Tema", realizado pelo PRODAC, em 1983.

ABSTRACT

This thesis consists of a case study of the experiments in university extension carried out in within the Community Development and Action Program (PRODAC) of the Pontific Catholic University of Minas Gerais (PUC-MG).

In this study, the educational experiences of the students, professors and communities involved in the various extension activities were assessed. The development of university extension activities at PUC-MG was described, from their beginnings in the 60s, through the creation of the Deanship of Extension and Community Action in 1983, to the completion of the extension activities in Vila Barraginha and Itaguara in 1984.

In the context of these activities, focus was on the components of the Community Development and Action Program. In particular, progress reports, interviews with participating teachers, students and community members, as well as the documentary produced by PRODAC in 1983 called "They're talking about our land" ("Essa terra já virou tema") were analyzed.

The analyses revealed that university extension programs, when approached from a critical, problem-solving point-of-view and with goal of integrating teaching and research, constitute a viable method of integrating theory and practice.

The university extension activities of the Community Development and Action Program were also found to be a rich source of teaching experience, a constant stimulus for the reevaluation of theory and the production of new knowledge, as well as an opportunity for participating in the transformation of society and experiencing cross-disciplinary integration.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação pretende representar a fase final de um processo educativo vivido a partir de minha participação no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Esse programa

"... tem por finalidade básica a reflexão crítica e sistemática sobre as práticas educativas de seus alunos e professores; procura-se compreender as determinações dessas práticas, vinculando-as às suas dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, administrativas, etc". (Prospecto Informativo do Mestrado em Educação)

Creio ser importante retomar aqui esses objetivos, uma vez que eles foram fundamentais para minha opção por esse Mestrado, em 1982, e foram por mim perseguidos durante o Curso e o paralelo desenvolvimento de minhas atividades profissionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG.

Em função das experiências de que participei no Curso, penso que a Extensão Universitária - quando acompanhada de uma reflexão crítica permanente e da busca de uma integração efetiva com o Ensino e a Pesquisa - pode criar possibilidades para que a Universidade consiga compreender um pouco melhor a relação existente entre teoria e prática, redescobrando o real sentido de sua função social e contribuindo para recuperar a necessária integração entre escola e vida.

Nesse sentido, se este projeto é o final de um processo, ele é, também, e principalmente, um estágio intermediário de um trabalho em processo.

As reflexões surgidas a partir da participação no Mestrado foram fundamentais para o desenvolvimento de minhas atividades na PUC-MG, que, por sua vez, ofereceram os subsídios necessários a essa participação no Mestrado.

A preocupação com essa problemática vem-se desenvolvendo desde agosto de 1979, quando comecei a ensinar Psicologia Social no Curso de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais - UCMG. Desde então, venho lecionando as disciplinas de Psicologia Social nos Cursos de Serviço Social, Psicologia e Enfermagem de Saúde Pública.

Em todas essas disciplinas, sempre procurei refletir, com os alunos, sobre as "aplicações práticas" dos conteúdos estudados em sala de aula, sobre a relação entre esses conteúdos e o cotidiano das pessoas na comunidade, ou seja, sobre a relação Universidade e Comunidade/Sociedade. É claro, porém, que esses aspectos não esgotam essa relação.

Na UCMG, buscava-se efetivar essa relação principalmente através do trabalho de extensão universitária. Pude tomar contato com algumas dessas atividades, como o atendimento odontológico em bairros de periferia, estágios de Enfermagem de Saúde Pública em centros de saúde, e estágios de Serviço Social junto a comunidades e associações de bairros.

A partir de setembro de 1981, comecei a participar do trabalho desenvolvido no **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, Minas Gerais, pois o Departamento de Psicologia da UCMG¹ estava começando a enviar estagiários para aquele **Campus**. Esse trabalho me interessou muito, por dois motivos: primeiro, pela própria proposta do trabalho, que objetivava atingir bairros pobres de Araçuaí e comunidades rurais próximas, e estava sendo desenvolvida a partir das necessidades e interesses da população local, não se fazendo somente a partir de idéias, teorias e projetos formulados em Belo Horizonte. Segundo, pela minha participação como um dos responsáveis

1 - A UCMG - Universidade Católica de Minas Gerais - se transformou em PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - em julho de 1983. As duas formas aparecem em momentos diferentes deste texto.

pela condução do trabalho, ou seja, pela preparação dos alunos, pelo acompanhamento das atividades por eles desenvolvidas, e pela elaboração de novos projetos, a partir dos resultados obtidos com aqueles já em andamento.

Essas perspectivas de trabalho significaram, naquele momento, uma possibilidade concreta de estudar as questões ligadas à relação entre a Universidade e a Sociedade, participando efetivamente das atividades que tentavam colocar em prática essa relação.

Além dos projetos desenvolvidos em Araçuaí, participei, de setembro de 1982 a julho de 1984, do Projeto de Ação Comunitária, um dos programas de extensão universitária da UCMG desenvolvido em Itaguara, no interior de Minas Gerais, a cerca de 100 km de Belo Horizonte, e na Vila Barraginha, na periferia de Belo Horizonte.

O que busco agora, com esta dissertação, é apresentar algumas reflexões sobre a extensão universitária, conduzidas em função das experiências desenvolvidas pelo PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária.

Não pretendi esgotar o tema. Outras leituras podem ser feitas, a partir das obras consultadas, outras obras podem ser lidas, e muitos outros aspectos das experiências desenvolvidas ainda poderão ser analisados.

Em muitos momentos do texto, confundem-se as opiniões do professor da UCMG, orientador e supervisor do trabalho, com as opiniões do mestrando que está fazendo uma dissertação sobre extensão universitária. Se, por um lado, essa dupla condição pode, por vezes, introduzir um viés no trabalho, prejudicando a objetividade da análise por uma certa "falta de isenção", ela possibilita, por outro lado, que essa análise parta de alguém que realmente viveu as experiências, convivendo com alunos, professores e comunidades participantes.

CAPÍTULO I

PORQUE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Se se considera que a Universidade moderna é um local de produção, enriquecimento e confrontação de conhecimentos científicos, e que essa mesma Universidade se deve colocar a serviço da sociedade em que está inserida, pode-se concluir que o conhecimento científico que aquela produz deve ser útil para o equacionamento dos problemas e satisfação das necessidades desta última.

Objetivando desenvolver suas funções e se manter integrada à nossa sociedade, a Universidade brasileira tem procurado estruturar-se em torno de um trinômio de atividades, ou seja, o ensino, a pesquisa e a extensão, em que cada atividade deveria ser tão importante quanto a outra, não havendo, portanto, a priorização de nenhuma delas em detrimento de outra.

Se se disse deveria, é porque parece não ser essa a realidade encontrada atualmente na Universidade. O ensino ministrado é, na maioria das vezes, totalmente desvinculado da pesquisa e da extensão, e tem sido considerado impotente para auxiliar na compreensão e na transformação da realidade brasileira. Critica-se, ainda, o fato de a Universidade estar ou ser muito distanciada da sociedade em que se insere. Nossa sociedade tem passado por períodos de "convulsão" econômica, política e social cada vez mais graves, e a Universidade tem sido afetada por esse processo.

As pesquisas realizadas, além de serem em número insuficiente, têm procurado responder a "questões" de grupos restritos, e a prioridade de financiamentos não tem conseguido proporcionar uma produção de conhecimentos que permita a melhoria de vida do homem brasileiro, com raras exceções.

Por outro lado, se o ensino e a pesquisa apresentam tantas dificuldades, parece lógico que a extensão também seja problemática. Por ser a função mais nova, ela conta, é claro, com menos

tradição para se afirmar. Nos meios universitários, tem havido dificuldades para sua conceituação, e várias concepções diferentes foram colocadas em prática, muitas vezes simultaneamente, nas três últimas décadas. Além disso, fazer extensão significa lidar com realidades novas para a Universidade e adotar uma dinâmica de trabalho que é, muitas vezes, diferente de sua rotina. Um exemplo dessa situação foi apresentado no I Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG, quando representantes do Projeto Metropolitano, programa de extensão desenvolvido pelo Conselho de Extensão dessa Universidade, apontaram algumas dificuldades para o pleno desenvolvimento de suas atividades:

"... o desconhecimento da realidade, o academicismo do ensino e da pesquisa, o sistema burocratizado da Universidade, a não incorporação das contribuições da extensão aos processos da universidade (ensino e pesquisa), a dificuldade de compatibilizar as demandas da comunidade e as do currículo em vigor". (I Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG)

Apesar de todas essas dificuldades, que ocorrem na maioria das universidades, tem sido cada vez maior, nos tempos atuais, a demanda que as chamadas classes populares fazem à Universidade. O ensino, a pesquisa e a extensão que ela tem desenvolvido parecem não estar produzindo os conhecimentos capazes de subsidiar as comunidades carentes na busca de soluções para suas necessidades mais emergentes.

A situação da PUC-MG não tem sido diferente. O mesmo quadro geral descrito anteriormente está ali presente, assim como as demandas das classes populares ou das instituições que atuam junto a elas (escolas, creches, clínicas, hospitais, ambulatórios, sindicatos, associações de moradores, etc.). As atividades de extensão desenvolvidas por ela, através do PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária -, em Araçuaí/MG, Itaguara/MG e na Vila Barraginha, na periferia de Belo Horizonte, e que serão objeto de

análise neste trabalho, tentaram lidar com essas reivindicações. Se procuravam, por um lado, atender às "dêmandas populares", por outro - e sobretudo em consequência dessas demandas -, vinham tentando promover, junto à Universidade, uma reflexão permanente, que possibilitasse o surgimento de subsídios para sua transformação.

Em função do meu trabalho como membro do PRODAC, ou seja, como um dos responsáveis pelo desenvolvimento dos seus projetos, e do consequente envolvimento pessoal com a extensão, decidi basear meu trabalho de dissertação nas questões que vinha levantando, ou seja:

Como as experiências de extensão que estivemos desenvolvendo podem trazer contribuições para a Universidade? Até que ponto nossas experiências podem contribuir para a superação da distância existente entre ensino, pesquisa e extensão? Que "retorno" essas experiências podem trazer para a Universidade, no sentido de contribuir para se repensarem os currículos e os programas de estágio?

Como a Universidade pode subsidiar uma comunidade na busca de soluções para seus problemas? Que contribuições ela pode oferecer quando participa de um processo de educação popular? Que possibilidades "instrumentais" a Universidade proporciona a seus alunos, para atuarem com esse tipo de clientela e de realidade? Que "benefícios" efetivos ela pode proporcionar às comunidades com as quais trabalham seus alunos e professores nas atividades de extensão?

Que contribuições específicas o Departamento de Psicologia pode oferecer, quando participa de um trabalho interdisciplinar na área de educação popular, de ação comunitária, etc?

Como avaliar os resultados desses trabalhos? Que parâme-

tros utilizar? Como sistematizar experiências de trabalho tão dinâmicas, num certo sentido, mas, ao mesmo tempo, tão inatingíveis pelos nossos parâmetros tradicionais? Como extrair dessas experiências uma produção teórica que possa ser apropriada por mais pessoas, na Universidade e nas comunidades envolvidas?

Como lidar com os impedimentos de ordem político-financeira e burocrática que a Universidade apresenta, para a realização de atividades desse tipo? Como criar condições para que os serviços que se pode oferecer sejam colocados à disposição da população que deles necessita e que a eles tem direito?

Essas questões conduziram minha participação nos trabalhos do PRODAC, bem como a elaboração desta dissertação.

A metodologia adotada para este trabalho foi um estudo de caso das experiências de extensão do PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária, desenvolvido pela PUC-MG, situando-o no conjunto das atividades de extensão desenvolvidas pela PUC...

Com esse estudo, buscou-se, ainda, oferecer subsídios para melhor compreender a situação da extensão no contexto da Universidade Brasileira, hoje.

A análise apresentada nos capítulos seguintes centrou-se nas seguintes questões:

- extensão como "lugar" de prática pedagógica;
- extensão como "lugar" de um constante repensar das teorias;
- extensão como "lugar" de produção de conhecimentos;
- extensão como espaço de ação, na perspectiva de uma transformação da sociedade.

O trabalho foi conduzido em duas etapas. A primeira consistiu na caracterização da extensão universitária na PUC-MG, em particular do PRODAC, sua estrutura de funcionamento, a participação dos cursos da PUC, em especial o de Psicologia, as atividades realizadas, as modificações ocorridas, os documentos e projetos produzidos, a política de trabalho desenvolvida. A segunda etapa compreendeu a investigação mais concreta das atividades do PRODAC em Araçuaí, Itaguara e Vila Barraginha, e dos impactos que essas atividades provocaram, tanto nas equipes de trabalho, quanto nas populações atingidas. Procurou-se investigar, ainda, como os alunos e professores assimilaram os resultados dessas experiências, bem como sua repercussão junto aos demais órgãos da Universidade.

O período de trabalho analisado mais detidamente, foi de setembro de 1981 até julho de 1984, e compreende a participação do Departamento de Psicologia nas atividades desenvolvidas no **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha e nos Projetos de Vila Barraginha e de Itaguara.

A coleta de dados consistiu de um levantamento documental e bibliográfico sobre a extensão na PUC-MG, complementado por entrevistas com as principais pessoas envolvidas nas experiências citadas.

O levantamento documental e bibliográfico compreendeu a análise de Relatórios Anuais da Universidade; relatórios de trabalhos produzidos pelas equipes de professores e alunos participantes dos projetos desenvolvidos; textos sobre extensão universitária; o filme "Essa Terra Já Virou Tema", documentário super 8, produzido pelo PRODAC quando do encerramento do trabalho em Araçuaí; audiovisuais e **slides** diversos sobre os trabalhos de Araçuaí, Barraginha e Itaguara.

As entrevistas envolveram alguns professores dos diversos

Departamentos que participaram dos projetos, alunos dos Cursos de Serviço Social, Enfermagem e Psicologia, e membros das comunidades atingidas pelos trabalhos.

A dissertação foi organizada em cinco capítulos. O capítulo I procurou dizer o porquê dela, como surgiram as indagações que possibilitaram sua elaboração. O capítulo II apresenta algumas questões sobre a extensão universitária, com a intenção de situar o tema no contexto da Universidade brasileira atual. O capítulo III retrata a trajetória da extensão na PUC-MG, situando o PRODAC nessa trajetória. O capítulo IV analisa especificamente o trabalho do PRODAC em Araçuaí, Itaguara e Vila Barraginha. O capítulo V discute as conseqüências dessas experiências, tanto para a PUC como para as comunidades participantes, a partir de opiniões de professores, alunos e membros das comunidades. Se, por um lado, é um capítulo conclusivo, por outro lado, ele coloca questões que ainda devem ser objeto de investigações e discussões futuras.

CAPÍTULO II

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ALGUMAS QUESTÕES

O objetivo deste capítulo é apresentar algumas questões a respeito do panorama da extensão universitária no Brasil. Não se pretende esgotar o assunto, mas examinar as principais contribuições para a compreensão e a prática da extensão na universidade brasileira.

A extensão universitária é uma das três pernas que compõem o tripé das funções da Universidade - ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO -, definido pela Reforma Universitária de 1968.

Embora ela já existisse antes, parece haver consenso entre vários autores de que houve uma implementação maior ou uma certa "oficialização" da extensão universitária com o advento da Reforma. Tal implementação, no entanto, apresenta um aspecto bastante contraditório. Se, por um lado, a extensão passa a ser pensada como uma das funções básicas da Universidade, por outro, ela não tem a mesma importância dada ao ensino e à pesquisa. Portanto, é importante salientar que a extensão, já considerada anteriormente uma atividade "menor" em relação ao ensino e à pesquisa, não teve um desenvolvimento significativo, após as determinações da Reforma. Em algumas poucas universidades, a extensão foi plenamente assumida, enquanto em outras parece ser desenvolvida apenas para o cumprimento de uma obrigação, ou, ainda, como uma forma de captar recursos para a Universidade, através da oferta de cursos de extensão.

Tomando-se como referência o Projeto da Reforma Universitária, percebe-se, logo nas primeiras páginas do Relatório Geral do Grupo de Trabalho para a Reforma Universitária, no capítulo referente ao Corpo Docente, a maneira diferenciada pela qual é tratada a extensão universitária:

"O capítulo sobre o Corpo Docente destina-se, já se disse, a afirmar as grandes linhas da "filosofia do magistério universitário", atendendo-se àquelas ques-

tões fundamentais para a vida da instituição, no que se refere à atividade de docência e investigação. E sua primeira inovação real, conseqüente com a nova definição de Universidade, está no reconhecimento da indissolubilidade das tarefas de ensino e pesquisa, expresso na idéia da unidade da carreira docente. Se cabe à Universidade digna desse nome a missão de, indissociavelmente, conservar o patrimônio da cultura e fazer recuar os seus horizontes, transmitir o saber adquirido e criar o saber novo, não teria sentido separar, em compartimentos estanques, os homens que ensinam o que já é patrimônio comum da humanidade dos que exploram as humanas virtualidades de conhecimento. Daí o princípio implícito na idéia de unificação da carreira universitária, segundo o qual todo professor deve investigar e, de algum modo, criar, e de acordo com o qual, também, todo pesquisador deve ensinar e, de alguma forma, transmitir diretamente ao estudante o resultado de sua investigação. Pouco importa que alguns sejam mais professores e outros mais pesquisadores: o que se quer não é, afinal, dividir mecanicamente, na mesma proporção, a docência e a pesquisa, mas tornar expressa a idéia do laço que as une, da associação contínua que devem manter para o cumprimento integral da tarefa universitária". (BRASIL, 1972. p. 35-36)

Não se faz, aqui, qualquer referência à extensão universitária. Defende-se uma indissociabilidade das tarefas de ensino e pesquisa, e não se fala da extensão. Fala-se da conservação do patrimônio da cultura, da transmissão do saber e da criação do saber novo, sem nenhuma referência ao compromisso da Universidade com a comunidade, sem se pensar no retorno desse saber à população. Pensa-se um professor que deve investigar, criar, e um pesquisador que deve ensinar, transmitir. A extensão universitária também é espaço de produção e transmissão de conhecimento, mas é totalmente omitida no texto citado.

Voltando ao Projeto de Lei da Reforma, novamente se percebe, no Artigo 2º, a diferença de tratamento em relação às funções básicas da Universidade:

"Art. 2º - O ensino superior, indissociável da pesquisa, será ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado.

Parágrafo único - As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes". (BRASIL, 1972. p. 65)

Observa-se, aqui, uma ligação entre ensino, pesquisa e extensão, sendo a extensão considerada como uma "divulgação", para a comunidade, dos resultados do ensino e da pesquisa.

Ainda no mesmo documento, o Artigo 13 autoriza a existência dos cursos de extensão:

"Nas universidades e nos estabelecimentos isolados de ensino superior, poderão ser ministradas as seguintes modalidades de cursos:

- a) de graduação, abertos à matrícula de candidatos que hajam concluído o ciclo colegial ou equivalente e tenham sido classificados em concurso vestibular;
- b) de pós-graduação, abertos à matrícula de candidatos diplomados em cursos de graduação que preencham as condições prescritas em cada caso;
- c) de especialização e aperfeiçoamento, abertos à matrícula de candidatos diplomados em cursos de graduação ou que apresentem títulos equivalentes;
- d) de extensão e outros, abertos a candidatos que satisfaçam requisitos exigidos". (BRASIL, 1972. p. 68)

Uma das modalidades do exercício da extensão, a mais comum, é aí prevista, Os requisitos exigidos aos candidatos desses cursos ficam a cargo de cada uma das universidades que os oferecem.

Outra referência à extensão é feita no Artigo 17:

"Os cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão e outros serão ministrados de acordo com os planos traçados e aprovados pelas universidades e pelos estabelecimentos isolados". (BRASIL, 1972. p. 69)

É uma referência pequena, que apenas afirma a competência das universidades e instituições isoladas para elaborar e executar cursos de extensão, de acordo com seus objetivos e diretrizes.

O Artigo 23, ao discorrer sobre as atividades do magistério superior, confirma a diferença de tratamento entre ensino, pesquisa e extensão:

"Entendem-se como atividades de magistério superior aquelas que, pertinentes ao sistema indissociável de ensino e pesquisa, se exerçam nas universidades e nos estabelecimentos isolados, em nível superior, para fins de transmissão e ampliação do saber.

§ 1º - Constituem, igualmente, atividades de magistério superior aquelas inerentes à administração escolar universitária exercidas por professores.

§ 2º - Haverá apenas uma carreira docente, obedecendo ao princípio de integração de ensino e pesquisa.

§ 3º - Serão considerados, em caráter preferencial, para o ingresso e a promoção na carreira docente do magistério superior, os títulos universitários e o teor científico dos trabalhos dos candidatos". (BRASIL, 1972. p. 70-71)

Não se prevê a extensão como atividade exercida para fins de transmissão e ampliação do saber, nem ela é citada claramente como atividade que proporcione o ingresso e promoção na carreira docente.

No Artigo 25, o mesmo quadro se repete:

"As universidades deverão, progressivamente e na medida de suas possibilidades, estender a seus docentes o regime de dedicação exclusiva às atividades de ensino e pesquisa, salvo nos casos em que o tempo parcial se ajuste melhor ao trabalho específico em área determinada". (BRASIL, 1972. p. 71)

Por último, surge, no Artigo 31, uma citação mais explícita a respeito da extensão e da preocupação com o desenvolvimento da comunidade:

Art. 31 - "As instituições de ensino superior, por meio de suas atividades de extensão, proporcionarão aos corpos discentes oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento.

§ 1º - Deverão ainda ser proporcionados meios ao corpo discente para a realização de programas culturais, artísticos, cívicos e esportivos.

§ 2º - As atividades de educação física e dos desportos deverão ser especialmente estimuladas pelas instituições de ensino superior, que manterão, para o cumprimento desta norma, orientação adequada e instalações especiais". (BRASIL, 1972. p. 73)

Esse artigo cita explicitamente apenas os corpos discentes das instituições de ensino superior. Os corpos docentes não são mencionados, e o artigo acaba por não definir qualquer diretriz para a organização das atividades de extensão.

Se a extensão universitária já era, antes, uma questão polêmica e indefinida, os próprios membros do Grupo de Trabalho incumbido da Reforma não deviam ter nenhuma clareza sobre essa função, ou sobre a forma de realizá-la. Quando tentaram explicitá-la, o que fizeram foi contribuir para a manutenção daquela indefinição, ao indicar assuntos diversos como atividades de extensão: programas culturais, civismo, educação física.

Percebe-se, praticamente em todo o documento, uma dife-

rença de tratamento para a extensão universitária. Logo no Art. 2º, é afirmada a indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Ora, um e outra não deveriam também ser indissociáveis da extensão?

Por outro lado, esta é pensada como uma forma de a Universidade estender seus conhecimentos à comunidade. Parece não haver uma preocupação em saber se esses conhecimentos são adequados à realidade da comunidade, ou se correspondem à sua demanda.

Também no Art. 13, quando se mencionou o planejamento dos cursos de extensão, não há qualquer referência às demandas ou necessidades da comunidade. Se a política de cada universidade ou escola isolada for a de buscar a participação da comunidade, tais cursos poderão ter maior validade. Caso contrário, não estarão contribuindo em nada para possibilitar uma integração entre a Universidade e a Sociedade.

Quando o documento menciona a carreira docente, a extensão não é considerada como atividade que proporcione ingresso e promoção nessa carreira. Apenas o parágrafo 3º do Art. 23 parece deixar uma pequena "janela aberta", quando utiliza a expressão "em caráter preferencial"; ou seja, dependendo da filosofia da Universidade, a extensão poderá ser considerada.

No Art. 25, que também menciona a carreira docente, novamente a atividade de extensão é excluída ou ignorada, quando se pensa na organização do trabalho dos professores na Universidade. Extensão não é atividade que justifique dedicação. Nas universidades e escolas isoladas particulares, cujos professores são remunerados apenas pelas aulas ministradas, essa situação se tornou ainda mais grave. Projetos de extensão são cancelados, ou nem são assumidos, porque não se concebe pagar a um professor por uma atividade que não seja a aula tradicional, ministrada para uma turma de, pelo

menos, quarenta alunos.

Para um aprofundamento da história da extensão universitária, a obra de GURGEL, *Extensão Universitária - Comunicação ou Domesticação*, publicada em 1986, é de fundamental importância. Segundo o autor,

"Na análise histórica da extensão pôde-se constatar a existência de três momentos bem definidos: o período das experiências pioneiras; o período das experiências isoladas, da disseminação de idéias e do desenvolvimento de ações a partir dos movimentos sociais; e o período de maior institucionalização da extensão universitária.

O primeiro momento cobre o período entre 1912 e 1930, sendo marcado principalmente pela criação da Universidade Livre da Universidade de São Paulo e pela fundação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, nos moldes dos Land Grant Colleges dos Estados Unidos. A partir destas duas experiências surgem as idéias dos cursos de Extensão e da extensão universitária como forma de prestação de serviços.

O período caracterizado pelo desenvolvimento de experiências isoladas por iniciativa de segmentos variados da instituição de ensino superior vai de 1930 a 1968, coincidindo com a época do nacional-desenvolvimentismo populista e com o momento crítico entre 1964-1968, quando, a nível nacional, se procura concretizar a hegemonia de um outro grupo de poder que tenta redefinir o papel da universidade em consonância com as exigências do capitalismo internacional. Apesar da existência de projetos extensionistas de iniciativa dos docentes, a mais importante contribuição em relação às experiências de extensão deve-se ao movimento estudantil que, em suas bandeiras de luta em prol da reforma universitária, sempre a incluíam como ponto preponderante. Neste período, afirmam-se as idéias referentes à extensão artística e cultural; a relação entre universidade e povo - mormente populações carentes; e a concepção da extensão como uma função eminentemente política.

(...)

A época de maior institucionalização nacional da extensão universitária, entre 1969 e 1976, tem como

pontos básicos: o advento da Lei nº 5.540; a disseminação das idéias extensionistas pelo Conselho de Reitores; o aparecimento dos **Campi** Avançados - como propostas estratégicas de extensão; e o surgimento da CINCRUTAC. É o momento em que surge a CODAE, quando se passa a contar igualmente com estruturas administrativas de planejamento, coordenação e execução das atividades de extensão, a nível das universidades. Avança-se muito a nível do discurso oficial, incorporando-se, inclusive, o conceito de comunicação à proposta geral de extensão, concepção esta que passou a ser amplamente difundida, certamente em função da presença de antigos militantes dos movimentos estudantis - especialmente dos estudantes vinculados à Igreja -, que aceitaram ocupar um espaço no plano institucional. Esta pode ser uma das razões que explicam o conteúdo humanista dos documentos oficiais de então. De outro ângulo, pode-se apelar, também, para o comportamento hábil e inteligente dos grupos de poder, em sua atuação no sentido de criar mecanismos propiciadores da missão educativa do Estado. O governo brasileiro do pós-1964 procurou destruir ou desarticular os movimentos sociais, descaracterizando as suas propostas, despolitizando-as e incorporando-as aos instrumentos legais e planos surgidos após 1968. Veja-se, por exemplo, o caso da Lei nº 5.540 em relação à Declaração da Bahia". (GURGEL, 1986. p. 171-72)

GURGEL (1986, p. 175-76) aponta, ainda, para a situação de instabilidade que a extensão tem vivido na universidade brasileira:

"Na realidade, se considerada no plano estritamente institucional e na perspectiva dominante nas universidades brasileiras, a extensão tem sido até hoje uma função exercida assistematicamente, esporadicamente, sem vinculação com o ensino e a pesquisa, não sendo considerada sequer como função, apesar das inúmeras instâncias burocráticas existentes para sua operacionalização ou coordenação. O que é chocante é o alegado compromisso que a universidade declara criar com as comunidades pobres, pela via da extensão, gerando grandes expectativas..." (grifo do autor)

SANCHIS (1986), em artigo publicado na Revista Enfoque², da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, afirma ter a impressão

"... de que o problema da extensão renasce constantemente como problema e, apesar de ter dado origem a múltiplos projetos (hoje estamos precisamente reunidos para celebrar uma modalidade de extensão que está em plena realização), continuar revelando um fundo de insatisfação, como se o ideal não conseguisse se concretizar". (p. 20)

O autor apresenta, ainda, uma conceituação de extensão universitária que considera sua articulação com sociedade e cultura:

"A extensão seria uma espécie de alargamento da universidade, fora de seus limites estreitos, além de seu público oficial, cativo - o dos estudantes; consistiria, da parte dela, em tomar a cargo uma impregnação cultural da sociedade brasileira, nas perspectivas constantemente renovadas que as descobertas, o saber, a ciência - tanto a 'exata' quanto a 'humana' e a 'social' - e a técnica oferecem ao homem moderno. Perspectiva que, afinal, constitui a grandeza e o ônus da nossa vida.
(...)

a extensão universitária não é tanto um tipo particular de atividade, mas um enfoque que perpassa todas as atividades da universidade. Um enfoque particularizador, que ultrapasse, sem o suprimir, o caráter universalista e nivelador da abstração, um enfoque 'culturalizante', uma visão mais orgânica da tarefa de criar e difundir conhecimentos". (SANCHIS, 1986. p. 21-23)

CURY (1986, p. 25), na mesma Revista, comentando a experiência de extensão do Projeto Metropolitano da UFMG, discute a relação entre extensão e movimento social, mostrando a mudança no sentido da palavra extensão:

2 - Enfoque foi publicada como edição experimental da revista da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. A partir do nº 1, publicado em setembro/87, a revista passa a se chamar Conexão.

"O sentido da palavra extensão era um sentido caritativo, que nós utilizamos, às vezes comumente, no sentido de que é preciso estender a mão. Eu vou estender a mão ao pobre, ao fraco, ao necessitado, ao incapaz... A extensão nasceu um pouco com este signo, com esta marca: um caráter caritativo, assistencialista. É notório, por exemplo, se tomarmos para análise, o Projeto Rondon, cuja concepção era a de estender algo, de uma forma caritativa, àqueles que não tiveram acesso a determinados bens.

O que existe de novo hoje é exatamente uma inversão. A partir da prática social seja nos locais onde o projeto atuou ou não, surgiu uma prática diferente, nascida de uma reflexão sobre o trabalho. O trabalho se tornou o princípio-chave da reivindicação. Não se trata agora de uma extensão do ponto de vista da caridade ou da assistência ou da ajuda. Trata-se, sim, de se ter uma concepção de devolução. Trata-se de se ter uma concepção em que a distribuição, implícita em todos estes projetos, não passa de um princípio de devolução. E este princípio de devolução está inscrito ainda sob a forma de acesso, nada mais que acesso. Esta é uma primeira colocação que eu tinha a fazer, e que não é propriamente feita somente para quem trabalha na Universidade, na área de extensão. Isto é algo que deveria ser refletido com mais profundidade com quem trabalha mais detidamente com a questão da pesquisa e do ensino".

SAVIANI (1981, p. 73) também caminha nessa direção e está preocupado com uma relação mais igualitária da extensão com o ensino e a pesquisa:

"E como é que a extensão se torna uma atividade, uma função equiparada às duas outras? Na medida em que ela se articula com as demais e na medida em que o próprio ensino seja visto, também, como uma prestação de serviços à sociedade em seu conjunto, na medida em que a própria pesquisa seja vista como uma prestação de serviços à própria sociedade. Então, que pesquisas a universidade vai desenvolver? Ela vai desenvolver exatamente aquelas pesquisas que a sociedade está requerendo, vai se preocupar em explorar aqueles problemas que são candentes à sociedade em que ela está inserida".

Em artigo publicado na Revista Educação e Realidade, ZEN, (1981, p. 7-8), da UFRGS, aponta as modificações sociais da atualidade como responsáveis por mudanças na Universidade:

"As grandes modificações que caracterizam a atualidade provocaram profundas alterações nas concepções e modos de vida da sociedade. Padrões e valores são hoje constantemente questionados, numa contínua busca de identidade e afirmação.

Nessa situação, a universidade também foi palco de mudanças, tendo deixado de representar um centro elitista de conhecimentos, para assumir uma posição ativa dentro da comunidade, exercendo e sofrendo influências diretas do meio em que está inserida. Às instituições de ensino superior foram definidas novas funções, que as vinculam ao desenvolvimento social, político e econômico.

Assim, o que marca a imagem da universidade atual é o grau de sua participação na comunidade, o dinamismo com que acelera as transformações sociais, levando ao meio a sua presença de matriz de tecnologia, gerando bem-estar e melhoria de vida da coletividade".

A autora coloca, ainda, a questão da motivação para as atividades de extensão na UFRGS:

"Segundo manifestação do CRUB (1977), o idealismo continua prevalecendo entre os professores que se dispõem a fazer extensão, porque ainda não ocorre o reconhecimento da extensão como encargo docente.

Comparando tal afirmação com os dados coletados, verificou-se que este quadro já se apresenta diferente a nível da UFRGS, onde os grupos se mostram motivados favoravelmente à extensão, considerando-a tão importante quanto o ensino e a pesquisa, não só para a instituição mas também para seus interesses e expectativas individuais. De outro lado, a extensão já foi estabelecida legalmente como atividade docente, com iguais incentivos e prerrogativas atribuídos às demais funções universitárias". (ZEN, 1981. p. 10)

Muitas universidades optaram por uma modalidade de exten-

são em que esta é considerada como uma atividade de prestação de serviços à população. Em dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UFMG, o Professor da Faculdade de Medicina da UFMG, José Otávio Penido Fonseca, analisa a extensão desenvolvida por aquela Faculdade através da prestação de serviços de saúde à população.

"Etimologicamente, **EXTENSÃO** origina-se do latim **EXTENSIONE**, que significa 'estender', 'ampliar', 'aumentar'.

EXTENSÃO inclui tipos diversificados de produção, envolvendo desde atividades culturais até atividades de divulgação do saber, bem como prestação de serviços e, mais recentemente, trabalhos de organização popular.

Colocar a prestação de serviços de saúde em questão significa buscar e identificar os diferentes significados que ela vem assumindo na educação médica, como forma de atendimento médico e como forma de ensino, nas suas várias mediações com a formação e a tecnologia médica junto à população.

Na área de saúde é difícil delimitar até onde vai a extensão e onde começa a prestação de serviços, porque a prestação de serviços de saúde, na Faculdade de Medicina, constitui o ponto central da prática de extensão universitária e já implica a distribuição do saber médico e o atendimento à população". (FONSECA, 1988. p. 31)

Reverendo a trajetória da extensão, uma polêmica sempre presente diz respeito à sua conceituação. Em palestra sobre o tema "A Conceituação da Extensão Universitária", proferida pelo Prof. Renato Hilário dos Reis, Diretor de Operações do Projeto Rondon, no I Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, em Curitiba, o autor apresenta algumas conceituações da extensão universitária. Elas representam, para ele.

"... momentos cronológicos diferenciados da evolução do conceito, seu entendimento e principalmente da história de sua operacionalização, e que traduzem, hoje, os critérios básicos para se determinar se uma

ação é ou não é ensino-pesquisa-extensão:

1. 'As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade sob forma de cursos e serviços especiais as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes'.
2. 'Por meio das atividades de extensão, proporcionarão ao corpo discente oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral de desenvolvimento'.
3. 'A Extensão Universitária é a forma através da qual a instituição de ensino superior estende sua área de atendimento às organizações, outras instituições e populações de um modo geral, delas recebendo um influxo no sentido de retroalimentação dos demais componentes, ou seja, o ensino e a pesquisa'.
4. 'Este Ministério-MEC entende extensão como um prolongamento consciente da universidade no campo em que sua atuação se fizer necessária, envolvendo os seus recursos físicos, financeiros e humanos, para ações de múltiplos aspectos técnicos, científicos, sócio-culturais, no sentido de completar o ciclo que requer a verdadeira aprendizagem'.
5. No já citado Seminário de Extensão Universitária de Brasília, vários debatedores assim se pronunciaram:

'É uma nova metodologia de ensino, é um fator de educação, dentro do processo ensino-aprendizagem. A universidade se realimenta através da extensão, sobrevive e cresce com ela, o mesmo acontecendo, como recíproca, com a comunidade que se beneficia da extensão'. 'A extensão não seria o elo de ligação entre uma e outra (Universidade/comunidade), mas a própria essência do ensino, entendido este amplamente'. (Profª Maria do Rosário Cassimiro - UFG)

'A universidade não pode ser adjetivada de extensionista. A função de extensão está intimamente vinculada à sua essência... mecanismo de auto-avaliação para o ensino e a pesquisa e como a forma de restauração de sua prática social'. (Prof. Divonzir Arthur Gusso - CNRH)

'Novo veículo de comunicação permanente com a sociedade e sua problemática'. (Prof. Antônio Albuquerque Souza Filho - SEPS)

'Forma de ensino inter-relacionada com a comunidade, de maneira a realimentar o sistema e acelerar os processos de desenvolvimento'. (Prof. Walter Antonino Bianchini - UFSM)

'... Processo de Educação, no sentido amplo de termo'. (Prof. Célio Cunha - CNPq)

'... Vincula-se à missão social da Universidade, à formação da consciência crítica e social do estudante e à maior participação das populações de menor poder aquisitivo do País, na produção, circulação, utilização e gestão dos bens da sociedade! (Profª Myriam Levy Cardoso Moreira - Projeto Rondon)

'Pode-se mesmo destacar como ponto comum entre os debatedores a ênfase em vincular o conceito de extensão à própria função social da Universidade, de forma que o ensino e a maneira de se organizar e funcionar da universidade se projetem, influenciem e se realimentem através de intercâmbio, forma e espaço definidos'. (Profª Marilu Fontoura de Medeiros - SESu)

6. Acrescentaríamos ainda a formulação integração universidade-comunidade numa perspectiva curricular (visão aberta de educação), reciprocamente-transformativa". (REIS, 1984. p. 47-49)

O autor apresenta uma síntese que, segundo ele, caracteriza, de direito e de fato, uma atividade de ensino-pesquisa, extensão:

"... Produção de conhecimento, de saber e realização de ações simultâneas oxigenantes e reciprocamente transformadoras entre a Universidade e a comunidade, ou seja, toda ação deve expressar resultado de modificação no aluno, no professor, na escola, na comunidade, como expressão de um processo de troca em que ocorra aprendizagem recíproca, sistematicamente organizada, essencialmente transformadora, evolutiva e acumulativa". (REIS, 1984. p. 49)

Pensando-se nas dificuldades para implementação da extensão universitária, podem-se citar, ainda, algumas considerações feitas pelo Prof. Renato REIS, na mesma palestra:

"A inexistência, muitas vezes, de uma definição política a nível das Universidades e outros setores interligados à educação, no sentido de se dar respaldo institucional à relação interativa-transformativa entre Universidade/Comunidade.

A persistência e a renitência de se manter currículos, programas e calendários que expressam prioridades acadêmicas, fundamentadas numa concepção de educação e universidade ainda insuficientemente atentas aos grandes anseios e necessidades da Nação, principalmente, do segmento representado pela população mais carente (às vezes, tão próxima da Universidade e, lamentavelmente, tão longe). (...)

O próprio nível de consciência, ainda incipiente, de setores da comunidade, face ao seu papel de co-responsáveis na ação pedagógica das Instituições de Ensino Superior.

O caráter, muitas vezes, exclusivamente assistencialista e paternalista de determinadas ações realizadas para a comunidade e não com a comunidade. (...)

A compreensível, explicável, mas não aceitável, execução de ações de caráter diversional, cultural, de difusão de conhecimentos, de prestação de serviços, relevantes em 'si', mas, indevidamente denominadas 'atividades de extensão', face a sua sistemática e permanente desvinculação do processo ensino-aprendizagem". (REIS, 1984. p. 50-51)

Por outro lado, o autor apresenta, também, algumas propostas de superação gradativa de tais dificuldades:

"nos Planos de Ação de cada Instituição de Ensino Superior esteja definida política-institucionalmente sua integração com a comunidade, numa perspectiva curricular;

na formulação e execução das ações das Instituições de Ensino Superior, ênfase especial seja dada à indispensável sintonia entre as instâncias decisórias políticas (Reitorias, Vice-Reitorias, Pró-Reitorias)

e as instâncias decisórias didático-disciplinares-pedagógicas (colegiados, coordenações de cursos, departamentos), num verdadeiro sistema de vasos comunicantes, de forma a quebrar o isolamento e o exclusivismo entre um setor e outro nas universidades. Não se pode conceber e se aceitar o estancismo e o isolamento entre as chamadas Pró-Reitorias de Administração, Planejamento, Extensão, Graduação, Ensino, Pesquisa, Pós-graduação ou suas congêneres e entre estas e os Departamentos, que são os verdadeiros executores da ação educativa; (...)

estimule-se a progressiva participação cooperativa das Instituições de Ensino Superior na elaboração e execução dos planos de governo, das instituições públicas e privadas, a nível municipal, estadual, regional e nacional;

estimule-se a progressiva participação da comunidade na formulação e execução dos Planos de Ação das instituições de Ensino Superior". (REIS, 1984. p. 52-53)

Em um artigo publicado em 1980 - As oito teses equivocadas sobre a Extensão Universitária - no livro A Universidade e o Desenvolvimento Regional, ROCHA (1980) procura refletir sobre essa indefinição. Segundo o autor, seu trabalho pretende:

"... fazer um estudo de teses, uma análise de 'oito teses', ou, no caso, de 'oito dimensões' com que a extensão universitária é percebida, as quais, porém, não se pode denominar simplesmente 'equivocadas, ambíguas ou errôneas'. Na realidade, se tomadas isoladamente, podem conduzir a equívocos, ambigüidades ou erros, mas, se somadas em um todo, colocadas em uma perspectiva histórica e dotadas de um conteúdo coerente e lógico, não poderão receber tal acusação". (p. 216-17)

A primeira das oito teses é: "A extensão como forma de prestação de serviços". Segundo o autor, a prestação de serviços é uma das dimensões da extensão, mas não pode ser a única:

"A prestação de serviços deve ser pensada como uma consequência lógica do exercício das funções da Uni-

cidade e não como coisa à parte do todo universitário". (ROCHA, 1980. p. 220)

Deve haver uma preocupação crítica da Universidade ao prestar serviços. Ela deve se preocupar com a mudança, com o desenvolvimento. No último parágrafo dessa tese, o autor expressa sua opinião segundo a qual a prestação de serviços através da extensão deve ser compreendida como um mecanismo de ligação entre a Teoria e a Prática.

"Todavia, o fundamental é que ao prestar serviços a Universidade 'pense' e 'atue' na comunidade, respeitando seus valores próprios e ajudando-a em seus desejos de autopromoção. As fórmulas, o aprendizado das salas de aula, as lições de laboratório, os livros, os valores excessivamente tecnicistas devem ser ali mesclados ao saber empírico, e, nesse contato, se aprende certamente a compreender melhor qual a ligação entre a 'Teoria' e a 'Prática'." (ROCHA, 1980. p. 222-23)

A segunda tese - "A extensão como função da agregação da Universidade aos programas governamentais" - discute o atrelamento da Universidade aos programas governamentais de desenvolvimento. Segundo FÁVERO, citada por ROCHA (1980. p. 223),

"Na sociedade contemporânea, em particular, as relações entre Estado e Universidade se revestem de grande importância. Faz-se necessário sobretudo um confronto do que deveriam ser as duas expressões de síntese nacional: uma, o Estado, como expressão máxima da estrutura de poder; e a outra, a Universidade, como expressão da estrutura do saber. Não obstante, é preciso não esquecer que a autonomia desejada pela Universidade varia em função do estágio de desenvolvimento da sociedade de que faz parte e do projeto político do país".

ROCHA (1980, p. 223) concorda que a Universidade pode estar presente,

"... mas deve selecionar os programas de que participa, evitando se comprometer em atuações que representam o puro cumprimento de rotinas administrativas e que nada têm de novo, para despertar o seu interesse inventivo".

A terceira tese de ROCHA trata da "Extensão identificada como estágio". Para o autor, a identificação da extensão com formas de estágio, principalmente estágios voluntários ou optativos, é incorreta. Muitas vezes, o estágio está fadado ao fracasso, pois é função de um ensino alienado e tradicionalista. Muitas atividades de estágio são feitas apenas para cumprir um requisito necessário à obtenção do diploma. Por outro lado, diz ainda o autor, é importante o relacionamento do estágio com os programas de extensão:

"É ela uma projeção da universidade no meio, e como tal, pode fornecer um campo de estágio vivo e renovado, um verdadeiro laboratório onde o futuro profissional descobre seu ambiente e se situa na realidade em que deverá atuar. Dessa maneira, os programas de extensão devem ter uma diversidade que permita opções ao estágio dos estudantes. Porém, a instituição de ensino superior não deverá forjar, no interesse de diversificar seus campos de estágio, programas artificiais de extensão sem respeitar anseios comunitários ou institucionais envolvidos". (ROCHA, 1980. p. 225)

O autor conclui que extensão e estágio têm objetivos específicos, mas podem coincidir em alguns momentos.

O tema da quarta tese é "a Extensão como forma de captação de recursos". Aqui, o autor levanta a questão do 'caráter de excepcionalidade' que a extensão acaba adquirindo, quando pensada como fonte de captação de recursos.

"Deve-se atentar também para o fato de que, em sua preocupação financeira, a Universidade pode assumir uma estrutura de Empresa, que significa verdadeiro

contra-senso com o seu objetivo de instituição formadora de homens, centro de difusão cultural, instituição crítica, etc." (ROCHA, 1980. p. 228)

Ainda segundo ROCHA (1980):

"A tentativa de tornar a Universidade uma 'instituição econômica', usando a extensão como instrumento, não pode ser aceita. A extensão não pode se restringir a essa perspectiva. E a tentação de dar essa dimensão à Universidade toda pode levá-la a ver o ensino simplesmente como um negócio ou uma atividade lucrativa, o que é realmente inadmissível". (p. 229)

A "Extensão como forma de levar estudantes isoladamente ao conhecimento" é o tema da quinta tese. Aqui se faz uma crítica aos programas de extensão que se preocuparam apenas em proporcionar ao estudante o conhecimento de realidades diferentes da vivenciada nos grandes centros, onde geralmente se localizam as universidades. Muitos eram programas ocasionais, vividos ou desenvolvidos sem a participação ou supervisão dos professores e sem uma preocupação com o processo ensino-aprendizagem. A própria Lei nº 5.540, em seu Artigo 40, foi responsável por isso, quando enfatizou a participação dos corpos discentes nas atividades de extensão.

No dizer de ROCHA (1980),

"Não se pode deixar que somente ao estudante seja permitida a participação na realidade, e ao professor não. O primeiro, apesar de ser o elemento básico do ensino e a principal razão de ser da instituição, tem apenas um período de passagem nela. Enquanto o docente, como elemento mais permanente do sistema, pode ser um forte agente de mudanças, as quais na maioria das vezes ocorrem em períodos muito longos. A participação do Professor pode, inclusive, ajudar a acelerar a dinâmica de retroalimentação de todo o sistema de ensino superior". (p. 232)

Em sua sexta tese, "Extensão como função optativa e se-

cundária", o autor critica dirigentes e universidades que colocam a extensão universitária nessa situação, pela qual a Reforma Universitária não pode ser responsabilizada. Na verdade, se a Lei deu à extensão um tratamento diferenciado, essa postura refletia a condição a que estava relegada a extensão no meio universitário.

O parágrafo final dessa tese faz uma colocação que permite pensar a extensão em outra perspectiva, ou seja, numa posição de prioridade em relação às outras duas funções, de ensino e pesquisa:

"Se a extensão fica relegada à condição de terceira prioridade, os programas, as metodologias, os próprios currículos e tudo enfim que se refira ao ensino em si irão refletir somente a preocupação intramuros e traduzir a visão de uma Universidade fechada. E, quando se for procurar promover a sua comunicação com o meio, já se vai encontrar uma resistência interna, pois a tradição da Universidade acadêmica, voltada para o ensino formal, é tão grande, que pode obstaculizar muitos bons reforços extensionistas. Nessa concepção obviamente a extensão assume uma posição funcional diferente, e não colocada em posição de igualdade com as duas demais, teria que ser colocada em posição de maior prioridade... Afinal, é através dela que a universidade se coloca a serviço da sociedade." (ROCHA, 1980. p. 234-35)

A sétima tese - "A Extensão como função dissociada do ensino e da pesquisa" - coloca a necessidade de se pensar a tríplice função definida pela Reforma - Ensino, Pesquisa e Extensão - como a integração de três 'aspectos' indissociáveis do trabalho da Universidade. O autor termina essa tese citando MARQUES:

"Para melhor concepção da indissociabilidade possível entre ensino/pesquisa e extensão, pode-se tomar a posição lançada também pelo Prof. Cabral Marques: 'É na extensão que o ensino e a pesquisa se associam operacionalmente.'

O Ensino vai até o limite do conhecido. O que foi ensinado pode esgotar-se sem que se tenha obtido uma solução para o problema. A pesquisa prossegue no caminho do desconhecido; a condição inicial para a pesquisa é a falta de conhecimento para descrever, explicar, predizer ou controlar um fenômeno ou para solucionar um problema.

Não se pode fazer extensão sem ensino e pesquisa. É a extensão que exige mais ensino e mais pesquisa.

Ensino, pesquisa e extensão são diferentes formas de experiência, de aprendizado". (MARQUES, José Maria Cabral - A função extensão na Faculdade de Direito, documento mimeografado apresentado no VII Encontro de Faculdades de Direito, realizado em São Luís, em julho de 1977) (ROCHA, 1980. p. 236-37)

A oitava tese - "A Extensão compreendendo todas aquelas atividades que não se enquadram no âmbito das demais funções da Universidade" - dispensa maiores comentários, e vai citada em sua íntegra:

"Um último tipo de concepção errônea de extensão é a que procura colocar, neste conceito, tudo aquilo que normalmente não se possa enquadrar como atividade de ensino e pesquisa. Por exclusão, se vai somando toda uma gama de atividades, que variam desde simples ações administrativas a grandes convênios que possibilitem captar recursos para a Universidade.

A extensão aparece assim como algo indefinido ou etéreo e, como tal, passa a ser um repositório de tudo aquilo que a Universidade quer fazer, mas não sabe onde enquadrar.

É esta, talvez a mais absurda e irracional das oito dimensões equivocadas aqui apresentadas". (ROCHA, 1980. p. 237)

Ao final de seu texto, o autor apresenta, ainda, uma definição de extensão como síntese, em função da análise que faz de todas essas teses:

"A extensão é (ou deve ser) a função de comunicação

da Universidade com o seu meio, possibilitando sua retroalimentação, em face da problemática da sociedade, propiciando uma reflexão crítica e revisão permanente de suas funções próprias - ensino e pesquisa. A extensão deve representar, igualmente, uma significação de busca ou libertação de potencialidades de docentes, discentes ou quadros administrativos, já que deve obrigatoriamente representar uma formulação educacional mais viva, coerente e aplicada. Deve preocupar-se com o momento histórico que se vive e com o 'devir' da história, com o particular e com o universal". (ROCHA, 1980. p. 241-42)

Também merece ser citado o Relatório Final da Comissão Nacional para Reformulação da Educação Superior, de novembro de 1985, tentativa do Governo da Nova República de encaminhar as propostas de mudanças no ensino superior. O documento apresenta propostas para:

"Ajustar o ensino de graduação às necessidades presentes e futuras do País (...) O treinamento profissional e a extensão universitária estão entre os aspectos mais negligenciados no ensino superior brasileiro. No entanto, eles podem se constituir em mecanismos de grande importância para o estabelecimento de vínculos efetivos entre o ensino superior e a sociedade. A atividade de extensão pode ser utilizada como instrumento para alimentar os cursos, currículos e programas com conhecimentos oriundos do dia-a-dia da população com a qual o estudante deverá trabalhar, tendo portanto grande valor pedagógico, além de proporcionar serviços efetivos. Os estágios curriculares, se devidamente supervisionados, são formas válidas de colocar os estudantes em contato com a realidade profissional e de relacionar a teoria com a prática". (BRASIL, 1985. p. 22-23)

O mesmo Documento, no capítulo referente às Recomendações apresenta um item intitulado "GESTÃO DEMOCRÁTICA E CONTROLE SOCIAL DA UNIVERSIDADE". A extensão universitária aparece como um subitem, e, em relação a ela, a Comissão recomenda:

"(i) Considerar a extensão como uma dimensão essencial às

finalidades da IES, integrada ao ensino e à pesquisa. Efetuar estudos sistemáticos para especificar sua natureza e seu significado para o conhecimento da realidade. Estimular a atuação da IES nas diferentes comunidades e na sociedade em geral, sem perda da sua especificidade.

(ii) Encorajar a participação das IES nos planos e programas de desenvolvimento nacional, regional e local. Sugerir ao MEC e às Secretarias da Educação entendimentos com outros órgãos governamentais, visando à participação das IES em conselhos e colegiados de organismos de desenvolvimento regional e estadual, tais como SUDENE, SUDECO, SUDAM, SUFRAMA e SUDESUL.

(iii) Utilizar bibliotecas, laboratórios, museus, editoras, gráficas, teatros, e outros serviços complementares das IES de modo a fazê-los funcionar também como meios de interligação com a comunidade.

(iv) Incentivar o caráter multidisciplinar dos programas e projetos de prestação de serviços às comunidades.

(v) Estimular convênios e projetos com empresas estatais e privadas, a fim de melhor conhecer o mercado de trabalho profissional, de elaborar subsídios para uma política industrial voltada para os interesses nacionais e das maiorias e de produzir inovações tecnológicas, sem prejuízo da autonomia universitária.

(vi) Rever as concepções de cidade universitária como **campus** fechado, abrindo canais que facilitem sua comunicação com a sociedade circundante.

(vii) Assegurar, nas atividades de extensão universitária, os seguintes objetivos: a difusão dos conhecimentos obtidos; a continuidade dos serviços oferecidos à população; a contínua ação recíproca entre a extensão, por um lado, e, por outro, o ensino e a pesquisa". (BRASIL, 1985. p. 31-32)

Além dos textos mencionados, têm sido promovidos, nos últimos anos, vários seminários e encontros, com o objetivo de analisar a atuação da universidade brasileira, em termos do exercício de suas funções de Ensino, Pesquisa e Extensão. Relativamente à extensão, os mais importantes foram os dois Encontros de Pró-Reitores

de Extensão das Universidades Públicas. O primeiro foi realizado em Brasília, em novembro de 1987, contando com a participação de 33 Universidades. Em maio de 1988, em Belo Horizonte, foi realizado o II Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas, tendo como tema: Estratégia de Articulação com o Ensino e a Pesquisa, e, como subtemas: "Extensão/Pesquisa e Compromisso Social", "O Conceito de Sala de Aula", "Extensão/Estágio e Crédito Curricular", "Projetos/Atividades de Extensão". Na oportunidade, houve a participação de 39 instituições.

A ocorrência desses encontros parece sugerir que a Extensão Universitária tem merecido maior atenção por parte das Universidades, ou, pelo menos, da Universidade Pública. Até então não era uma prática corrente a realização desse tipo de encontros entre Pró-Reitores de Extensão. Além disso, as temáticas propostas e discutidas demonstram uma preocupação com a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, e uma relação mais estreita entre Universidade e sociedade.

Dois trechos do Documento Final do Encontro de Belo Horizonte destacam uma preocupação não enfatizada anteriormente,

"Quanto à gestão financeira, faz-se necessário que os projetos de extensão sejam viabilizados pela universidade, com recursos do seu próprio orçamento. Entretanto, pode-se buscar o apoio de agências financiadoras a partir do momento em que a indissociabilidade ensino/pesquisa se torne o ponto de partida para a prática acadêmica e, sempre que possível, estabelecer mecanismos que viabilizem a integração interinstitucional. (...) As Pró-Reitorias de Extensão ou órgãos similares teriam sua existência vinculada a uma ação tática de articulação, sensibilização e coordenação, no contexto estratégico de construção processual da abertura e do confronto universidade-sociedade." (II ENCONTRO..., 1988. p. 20)

Em termos de publicações, a extensão vem merecendo mais

atenção e espaço por parte de estudiosos, sendo objeto de teses e dissertações. Em **"Educação e extensão: domesticar ou libertar?"** de autoria do Prof. Renato Quintino dos SANTOS, ex-Pró-Reitor de Extensão da UFMG, o autor faz uma análise da "Educação Bancária" e da "Extensão Invasora", e defende a "Extensão Problematicadora, como Comunicação".

Além disso, surgiram publicações específicas de Pró-Reitorias de Extensão. A PUC-MG editou, em 1988, EXTENSÃO - Cadernos de Ciências Sociais da PUC-MG, e a UFMG vem editando CONEXÃO - Revista de Extensão da UFMG, já com três números publicados e o quarto em preparação.

É em função desse contexto que se pretende analisar, nesta dissertação, uma experiência de extensão que se procurou desenvolver numa perspectiva crítica, como colocado por ROCHA e como extensão problematicadora. Os capítulos que se seguem objetivam mostrar essa trajetória e analisar os resultados obtidos.

CAPÍTULO III

A TRAJETÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

O objetivo deste capítulo é analisar a trajetória das atividades de extensão universitária na Universidade Católica de Minas Gerais, desde o seu início até o ano de 1984.

Para caracterizar o desenvolvimento dessas atividades, utilizou-se, neste capítulo, para efeito analítico, uma divisão em quatro fases mais marcantes.

PRIMEIRA FASE - INICIATIVAS ISOLADAS

Não há propriamente um marco inicial para a primeira fase. As atividades de extensão na UCMG têm início na década de 60, a partir de programas desenvolvidos segundo os interesses, possibilidades e a tradição de cada Departamento ou Setor da Universidade. Nesse período, as atividades de extensão são realizadas de maneira isolada pelos vários órgãos e Departamentos. Não há nenhuma definição clara de uma política extensionista ou qualquer direção imprimida pela organização central da Universidade, como elemento norteador das atividades a serem desenvolvidas. Entre essas atividades, estão promoções culturais, conferências, excursões, cursos de extensão e programações diversas.

A partir de 1969, há um crescimento nas atividades de extensão, provavelmente decorrente das determinações da Reforma Universitária e das discussões travadas posteriormente sobre sua implantação. Os trabalhos de extensão ainda continuam a ser desenvolvidos por iniciativa dos Departamentos, sem uma coordenação geral. As atividades características desse período são os cursos de extensão, oferecidos em diversas áreas do conhecimento, abrangendo desde as áreas técnicas, até as Ciências Humanas e Sociais. A maioria deles é de curta duração, dirigida ao público externo à Universidade, havendo, inclusive, convênios com empresas privadas para o oferecimento de cursos a seus funcionários. Os mais oferecidos nes-

se período são os de Contabilidade, Fotografia, Comunicação e Expressão, Treinamento Gerencial, entre outros.

Entretanto, é possível observar que alguns cursos, da área de Enfermagem e Saúde Pública - Cursos de Visitadoras Sanitárias e Curso de Orientação de Saúde no Lar - já apresentam características distintas. Eles já mostram uma preocupação de caminhar numa perspectiva de atuação da Universidade junto a órgãos e setores da sociedade, principalmente aqueles envolvidos com atividades sociais e comunitárias. Merecem destaque os convênios da Escola de Serviço Social com a Legião Brasileira de Assistência, a Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica e o Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais, que objetivam proporcionar estágios aos alunos de graduação.

Em ambos os casos, a extensão se caracteriza ora como prestação de serviços por parte da Universidade à sociedade, ora, ainda, como estágio para os alunos, realizado a partir de demandas das instituições. Essa perspectiva, embrionária na época, vai ser, num período posterior, definidora da política de extensão da UCMG.

Ainda nessa fase, são também consideradas como extensão as palestras e seminários promovidos pelos vários Departamentos para o público interno da Universidade. Além dessas atividades, três órgãos da UCMG são considerados como parte da extensão universitária: o Serviço de Orientação, o Departamento de Assistência Judiciária e o Instituto de Orientação Juvenil.

O Serviço de Orientação desenvolve trabalhos que hoje não são mais considerados como atividades de extensão, mas se inserem nas atividades dos órgãos de ensino, ou, no caso do Departamento de Psicologia, dos órgãos de atendimento psicológico. Tais atividades são as seguintes: recepção aos calouros em pequenos grupos de sensibilização e informação; levantamento sistemático do perfil de aptidões dos alunos que ingressam na Universidade; orientação vital

e vocacional dos alunos; grupos de formação com alunos do Instituto de Psicologia; psicoterapia individual e de grupo, acessível aos alunos; laudo psicológico exigido para os cursos de Psicologia, Serviço Social e Enfermagem. Além disso, esse Serviço de Orientação mantém programas certamente com um maior conteúdo de extensão, porque procura levar a Universidade a um maior relacionamento com a comunidade, como o Projeto Integração I (Integração Aluno/UCMG/Comunidade), que visa a "integrar o aluno na comunidade, através de adequado aproveitamento profissional". (UCMG, 1970. p. 54)

O Departamento de Assistência Judiciária "Desembargador Lopes da Costa" também exerce atividades de extensão:

"... foi criado com a finalidade de proporcionar a prática forense aos estudantes do 4º e 5º anos do Curso de Direito e prestar assistência judiciária gratuita aos carentes de recursos". (UCMG, 1970. p. 55)

Observa-se, nesse caso, uma grande preocupação com a prática profissional, já que os cursos da Universidade são geralmente muito teóricos. Portanto, essa atividade, apesar de prestar serviços à comunidade, é, acima de tudo, uma oportunidade de proporcionar estágios aos estudantes do curso de Direito. A prática dos estudantes envolve vários tipos de atendimento, tais como: consultas jurídicas, acompanhamento às Delegacias de Polícia, Secretarias, etc.

Finalmente, o terceiro órgão considerado como de extensão, o Instituto de Orientação Juvenil - IOJ -, criado e mantido por convênio entre o Juizado de Menores e a Universidade Católica, tem como objetivos:

"Promover o estudo de distúrbios de personalidade de menores, entre 12(doze) e 18(dezoito) anos de idade;

que lhe forem encaminhados pela Reitoria ou pelas autoridades ou serviços com os quais haja sido estabelecido convênio, a fim de fixar a exata situação em que se encontram do ponto de vista emocional e indicar, em cada caso, as medidas de assistência que devem ser adotadas;

Promover, dentro de suas possibilidades, a realização dessas medidas, através de assistência aos menores e suas famílias, e encaminhamento a estabelecimentos especializados, internações ou colocações em empregos;

Facilitar a prática de estágio supervisionado aos alunos da UCMG, na área de trabalho que executa;

Promover a realização de reuniões, cursos e palestras, visando a interessar a comunidade no amparo ao menor desajustado, bem como a divulgação de assuntos e trabalhos que possam contribuir para o adequado enfoque do problema dos diversos setores do ensino, da pesquisa e da administração;

Incentivar pesquisas que possam contribuir para o aperfeiçoamento dos métodos terapêuticos para o tratamento e recuperação do menor delinquente". (UCMG, 1970. p. 51)

Até esse momento, observa-se, na UCMG, uma certa indefinição em torno do conceito de extensão universitária. Atividades bastante diversas, caracterizadas ora como prestação de serviços, ora como mecanismos de estágios, ora como cursos com os mais diferentes objetivos, são consideradas como extensão. Desde palestras e seminários, até o atendimento psicoterapêutico, passando por atividades de integração de calouros e por diversas práticas profissionais são rotuladas como atividades de extensão.

Portanto, esse período caracteriza-se pela ausência de uma política de extensão mais claramente definida pela Universidade e por uma aparente convivência de concepções diferentes da extensão universitária. É importante ressaltar que essa indefinição não é exclusiva da UCMG, mas uma situação igualmente vivenciada pelos meios universitários brasileiros.

SEGUNDA FASE - A CRIAÇÃO DO CENTRO DE EXTENSÃO - 1972 a 1974

O que demarca o início de uma segunda fase da extensão na UCMG é a criação do Centro de Extensão, em agosto de 1972, com a "atribuição genérica de estabelecer a política de extensão universitária da UCMG". (UCMG, 1973. p. 84)

Segundo o Relatório de Atividades do Centro de Extensão da UCMG, do ano de 1973,

"A criação do Centro de Extensão resulta de um engajamento da Universidade Católica de Minas Gerais na comunidade a que pertence e da qual tem recebido constantes apelos só respondíveis através de um órgão com estrutura e sistema de funcionamento bastante flexíveis.

Atribuem-se ao Centro de Extensão, portanto, as funções inerentes ao trabalho de ligação entre a Universidade e a comunidade, naquilo que esta reivindica espontaneamente e que seria complementar às atividades do ensino e da pesquisa, no nível da graduação e/ou da pós-graduação.

O atendimento a esta demanda espontânea é feito através de suas frentes de atuação:

- 1) Coordenação de Cursos: encarregada da organização e da coordenação dos cursos de Extensão, de Aperfeiçoamento e de Especialização.
- 2) Coordenação de Promoção Cultural: encarregada da organização e da coordenação das atividades culturais da Universidade." (UCMG, 1974b. p. 1)

A análise das atribuições do Centro de Extensão deixa clara a idéia de que a Universidade deve manter uma relação mais direta com a comunidade a que pertence, e que essas funções devem decorrer das atividades de ensino e pesquisa, ou complementá-las. Portanto, do ponto de vista teórico, parece mais clara a proposta, embora a análise da sua prática de extensão revele, ainda, muitas incertezas. Talvez por isso, as primeiras atividades do Centro tenham um "caráter de experimentação", como pode ser visto no Relatório de Atividades da UCMG de 1972. (UCMG, 1973. p. 84)

A principal mudança introduzida pelo Centro de Extensão é a centralização do planejamento e da coordenação dos cursos de extensão. A execução desses cursos continua sendo realizada pelos vários Departamentos, não se registrando mudanças significativas em seus conteúdos ou em sua programação.³

O Setor de Promoção Cultural começa a apresentar algumas inovações, entre as quais merecem destaque:

I Salão Brasileiro de Comunicação e Audiovisual, destinado e aberto ao público em geral, realizado no Palácio das Artes, de 22 de setembro a 1º de outubro de 1972, com uma frequência calculada em 50.000 pessoas e a participação de 24 firmas e entidades comerciais e culturais;

a criação do Grupo de Teatro, que realiza várias apresentações;

o Concerto Musical no **Campus**;

a Semana do Folclore.

As inovações nesses programas parecem centrar-se, por um lado, na tentativa de organização de eventos de natureza artístico-cultural, mais abertos ao grande público, sem um objetivo mais próximo da prestação de serviços. Por outro lado, pode-se considerar o oferecimento à comunidade de atividades artístico-culturais como uma espécie de serviço prestado pela Universidade, à medida que ela é considerada um órgão produtor e divulgador de conhecimento e de cultura.

A partir de 1973, uma outra modificação afeta a estrutura

3 - Nesse período, destacam-se as seguintes programações: Curso de Construção de Provas Objetivas, destinado a professores da UCMG; VII Colóquio Alemão sobre Cultura do Livro; Curso de Sistemas a Ar Comprimido; Curso de Mecânica das Estruturas; Seminário sobre Assistência Materno-Infantil; Cursos de Contabilidade, Cinema, Literatura, Tecnologia do Concreto e Fotografia, entre outros.

de organização da extensão da UCMG. O Instituto de Orientação Juvenil, o Serviço de Assistência Judiciária e o Serviço de Orientação deixam de ser órgãos ligados à extensão, tornando-se órgãos suplementares da Reitoria e da Faculdade de Direito. Embora quanto às atividades desenvolvidas eles possam ter continuado realizando trabalhos típicos de extensão, não mais figuram nos relatórios dos órgãos de extensão da Universidade.

A leitura dos relatórios mostra, ainda, a partir de 1973, uma grande preocupação com a questão financeira:

"Procurando tornar suas atividades auto-sustentáveis do ponto de vista financeiro, o Centro de Extensão procurou realizar convênios com várias instituições para efeito de subvenção: CAPES/Miniplan, TELEMIG, FUNDACENTRO, Secretaria Municipal de Cultura, Informação, Turismo e Esportes, Secretaria de Estado da Educação e MTPS". (UCMG, 1974a. p. 47)

Essa preocupação com a captação de recursos para o financiamento de atividades certamente tem reflexos na programação do Centro de Extensão, nesse período. Os cursos continuam como as atividades predominantes da extensão, não somente por serem pagos, e com isso se auto-sustentarem, mas por ter a UCMG acumulado alguma tradição nessa área.

Observa-se, pelas proposições contidas no Relatório de 1973, uma grande preocupação com a integração entre a Universidade e a comunidade, e com o atendimento das demandas apresentadas pela comunidade. No entanto, a análise da prática de extensão desse período revela uma limitação a esse respeito, à medida que os cursos e as promoções culturais continuam a dominar as programações realizadas. Falta, pois, uma tentativa de maior integração entre ensino, pesquisa e extensão. A extensão ainda é um apêndice, e não uma das pernas do tripé proposto pela Reforma Universitária, sobre o qual

se deveria apoiar a Universidade. Hoje, a extensão continua sendo a perna mais curta, e, não raro, a de menor importância. Cabe ressaltar que essa situação não é exclusiva da UCMG, mas ocorre praticamente na maioria das universidades brasileiras.

TERCEIRA FASE - IMPLANTAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE EXTENSÃO

Para a UCMG, o ano de 1974 marca o início de uma nova fase na extensão universitária. Várias modificações significativas têm início nesse período.

Em primeiro lugar, é implantada uma política de realização de cursos de extensão caracterizada por "programas sistêmicos", em substituição aos cursos antes oferecidos de modo isolado e descontinuo. O Relatório do Centro de Extensão de 1974 assim se refere a tais mudanças:

"Houve, no ano que passou, um crescimento contínuo nas atividades do Centro de Extensão. Foi o ano da implantação de uma nova política de realização de cursos, ou seja, da criação de programas sistêmicos, que vieram substituir a promoção isolada e descontinua". (UCMG, 1975b. p. 2)

Em segundo lugar, a UCMG passa a realizar cursos de aperfeiçoamento e especialização como atividades do próprio Centro de Extensão. O mesmo Relatório assim se refere a essa inovação:

"Outro fato que marcou as atividades do Centro de Extensão foi a fixação pelo Reitor de uma nova atribuição: a responsabilidade de realizar os cursos de pós-graduação lato sensu (aperfeiçoamento/especialização) da Universidade". (UCMG, 1975b. p. 2)

Mantém-se, ainda, a "indefinição" em torno da extensão universitária, ou seja, a de considerar os cursos de pós-graduação como atividades de extensão. Na UCMG, posteriormente, é criada uma Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que passa a se responsabilizar por esses cursos. Em outras universidades, cursos desse tipo também são oferecidos em vários momentos pelos órgãos de extensão. Na própria UFMG, só muito recentemente, ou seja, em 1987, os cursos de especialização passam ao âmbito da pós-graduação.

Em terceiro lugar, são introduzidas mudanças na área de Promoção Cultural.

"Também a área de promoção cultural foi marcada por modificações importantes. A primeira delas deu-se no próprio enfoque das atividades: antes voltadas para a comunidade externa, as promoções, a partir de 1974, visaram especialmente ao público da Universidade, procurando-se com isso incentivar estudantes, funcionários e professores para as atividades culturais e despertar vocações artísticas internas.

(...)

A necessidade de dotar a Universidade de dependências adequadas para as promoções culturais fez com que o Centro de Extensão dedicasse parte do seu esforço no sentido de criar ambientes culturais que pudessem ser utilizados a partir de 1975. Assim, foram executados os trabalhos preliminares de implantação de uma discoteca e de uma área livre para exposições coletivas e individuais." (UCMG, 1975b. p. 2/3)

Em quarto lugar, esse período é marcado, ainda pela inclusão, como atividades de extensão, dos Cursos de Licenciatura de Curta Duração em Letras, Estudos Sociais e Ciências, realizados no interior do Estado, como extensões da Faculdade de Ciências Humanas. Essas extensões passam a funcionar em várias regiões do Estado, com sede em cidades como Pedro Leopoldo, Ponte Nova, Itabira,

Pará de Minas, etc.

Finalmente, esse mesmo ano representa um novo marco na política de extensão da UCMG, com a criação da extensão comunitária, ou seja, um programa de atividades desenvolvidas de forma comunitária e atendendo a demandas específicas de comunidades carentes de regiões do interior do Estado e da periferia de Belo Horizonte.

Além do já exposto, são realizados, ainda em 1974, em colaboração com as diversas unidades da UCMG, 61 cursos de extensão, com um total de 1496 participantes, divididos nos seguintes programas: Programa de Aperfeiçoamento e Treinamento Gerencial, com 16 cursos; PREPES - Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior, com 35 cursos; Programa de Desenvolvimento Tecnológico, com 3 cursos; Programa de Difusão Cultural, com 3 cursos; Programa de Cursos Especiais, com 2 cursos, e o Programa de Desenvolvimento de Recursos Humanos para Administração Municipal, com 2 cursos. São esses os programas sistêmicos citados pelo Relatório do Centro de Extensão.

O Setor de Promoção Cultural, entre outras atividades, promove a X Semana do Folclore e os Encontros Semanais de Cultura, com o objetivo de desenvolver atividades extracurriculares, marcando o encerramento das semanas acadêmicas da UCMG com promoções realizadas aos sábados pela manhã. Tais atividades têm grande importância, pois significam um espaço de produção e difusão cultural que veio permitir o surgimento e desenvolvimento de expressões artísticas regionais, hoje consideradas no cenário cultural mineiro, com destaque para músicos e cantadores do Vale do Jequitinhonha.⁴

4 - Rubinho do Vale, Paulinho Pedra Azul, Dércio Marques, Doroti Marques e Titane são alguns dos nomes que participam destes eventos.

Em relação aos Cursos de Licenciatura de Curta Duração, percebe-se novamente a indefinição em torno da extensão universitária. Esses cursos, implantados pela Reforma Universitária de 1968, são considerados, na UCMG, pelo menos durante um certo período, como atividades de extensão. No Relatório da Faculdade de Ciências Humanas de 1975, - Supervisão Geral das Extensões no Interior -, os objetivos desses cursos estão assim explicitados:

"Era pensamento da Universidade, conhecedora da realidade do ensino em Minas, criar um tipo de profissional do ensino adaptado às necessidades de cada região, para promover a melhoria da produtividade do Ensino de 1º Grau, mediante a habilitação de professores por áreas de estudo. A Universidade descentralizou o ensino em pólos de influência sócio-econômico-cultural do interior". (UCMG, 1975c. p. 1)

Cabem aqui algumas observações.

Se esses cursos já existiam antes da Reforma Universitária, por que só em 1974 são incluídos nas atividades de extensão?

Seria uma confusão meramente semântica, extensões da Universidade no interior, ou seja, órgãos descentralizados regionalmente sendo confundidos com atividades de difusão ou distribuição do conhecimento, ou seja, de extensão universitária?

Os Cursos de Licenciatura Curta, por serem realizados fora do **Campus**, estariam sendo considerados como atividades extramuros, e, portanto, de extensão universitária?

Esses cursos não seriam atividades características de ensino, mesmo sendo oferecidos fora dos muros da UCMG?

Será que o fato de estarem sendo satisfeitas demandas da comunidade daria a esses cursos o cunho de extensão?

Atividades de ensino poderiam, ao mesmo tempo, ser definidas como de extensão?

Por que essas atividades deixam de figurar nos relatórios posteriores do Centro de Extensão e passam a figurar nos relatórios da Faculdade de Ciências Humanas?

O fato de esses cursos não serem mais realizados pelo Centro de Extensão retira deles o caráter de atividade de extensão?

Parece que, se essas questões eram pouco claras para a UCMG, naquela época, continuam sendo polêmicas para a extensão universitária ainda hoje. Por outro lado, um aspecto positivo dessa aparente indefinição, ou seja, da coexistência de concepções distintas de extensão universitária, é que ela não impediu a realização de vários projetos e programas de trabalho por parte da Universidade, ainda que não houvesse consenso entre seus professores e órgãos acadêmicos e administrativos quanto a uma política de extensão.

Outro marco importante do período, que merece ser comentado, é o surgimento da extensão comunitária, que passou a ser desenvolvida em um **Campus** Avançado: o **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha, em Araçuaí, Minas Gerais. Na realidade, o trabalho teve início anteriormente, no segundo semestre de 1973, quando se dá a assinatura do convênio entre a Fundação Projeto Rondon,⁵ a UCMG, as Faculdades ABC Paulista e a Escola Superior de Agricultura de Lavras. A implantação do **Campus** é precedida de um trabalho de diagnóstico da região, com o objetivo de levantar as necessidades da população e as peculiaridades dos vários locais de trabalho. A implantação das atividades de extensão tem lugar a partir de 1974. No Relatório desse ano, é feita a seguinte avaliação:

5 - Vide referência sobre a História da Extensão no Capítulo II, p. 19-20.

"Com um ano e meio de existência, o CAVJ vem oferecendo uma metodologia de trabalho que tem repercutido em vários **Campi** Avançados, no Brasil inteiro.

É um trabalho complexo, variado e lento e o GT-UCMG teve de criar técnicas e metodologias próprias para sua atuação. Exige-se ser reestruturado sempre, para que, aos poucos, possa ir-se integrando na realidade do País.

O trabalho do GT-UCMG está crescendo, tomando forma, apesar das dificuldades encontradas.

Vêm sendo executados trabalhos multidisciplinares pelas Faculdades, conjuntamente, bem como trabalhos específicos, próprios de cada área, diante de diagnósticos ou solicitação das comunidades". (UCMG, 1975a. p. 77)

As primeiras atividades do CAVJ nesse ano estão a cargo de três Departamentos.

O Departamento de Comunicação desenvolve os seguintes projetos: Pesquisa Linguística; levantamento das necessidades sentidas pela Comunidade; criação e desenvolvimento de canais de comunicação na comunidade; Boletim Informativo do CAVJ; Jornal "O Araquai"; valorização do Folclore Regional; jornais murais, divulgação nas comunidades.

O Departamento de Enfermagem promove: treinamento de Funcionários do Hospital; cursos de Atendente Hospitalar; campanhas de imunização e campanha educativa no Bairro Olaria.

O Departamento de Serviço Social participa desses trabalhos como responsável pelo treinamento dos estagiários.

Como se vê, tais projetos buscam desenvolver um trabalho integrado com a população e atento à realidade sócio-cultural do Vale do Jequitinhonha. Segundo a Professora Tereza Magalhães Coelho,

então Coordenadora do trabalho na UCMG, os professores estudam e fazem pesquisas históricas, buscando conhecer e entender a realidade do Vale do Jequitinhonha, para, assim, prepararem melhor os alunos estagiários.

Em 1975, o trabalho do **Campus** Avançado passa a ter maior regularidade, com o envio de equipes mensais dos cursos de Comunicação e Enfermagem. São feitos treinamentos mensais com os alunos, antes do estágio, em atividades específicas de cada área; desenvolvimento comunitário; situação sócioeconômica do Vale do Jequitinhonha, em especial Araçuaí, e seus aspectos culturais. Também mensalmente, à medida que as equipes retornam do CAVJ, vão sendo feitas avaliações sobre todos os trabalhos ali desenvolvidos. Além disso, realiza-se um seminário para os coordenadores dos Grupos Tarefa do CAVJ, com o objetivo de discutir uma metodologia de ação para os trabalhos de extensão a serem executados no **Campus** Avançado.

Em novembro do mesmo ano, o GT-UCMG organiza, em Belo Horizonte, uma Semana de Estudos sobre "Uma Realidade Brasileira: O Vale do Jequitinhonha", com palestras e debates sobre o Vale e o trabalho desenvolvido pela Universidade naquela região, com a participação das demais entidades participantes do convênio.

Percebe-se haver uma preocupação constante com o andamento e a qualidade do trabalho desenvolvido em Araçuaí. A prática de avaliações permanentes demonstra uma busca de continuidade e crescimento do trabalho, e uma abertura para discuti-lo em público. Tais características são pouco comuns em se tratando dos Programas de **Campus** Avançado, em convênio com o Projeto Rondon. A maioria deles permanece quase sempre bastante afastada dos interesses e aspirações das comunidades, a ponto de serem jocosamente batizados pelos estudantes e alguns professores de "Rondotur". No Vale do Jequitinhonha, as coisas acontecem de modo diferente.

No ano de 1976, a extensão da UCMG é marcada por fatos

novos:

"Dois fatos relevantes marcaram as atividades do Centro de Extensão da Universidade Católica de Minas Gerais no ano de 1976: a implantação, em julho, do II Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior (PREPES) e a criação, em agosto, da Fundação Dom Cabral". (UCMG, 1977a. p. 125)

"Criada em 09 de agosto de 1976, a Fundação Dom Cabral é o resultado da atuação de duas unidades da UCMG. Do Centro de Extensão, através de seus programas destinados à área empresarial, e da antiga Associação Dom Cabral, que atuava no âmbito da Faculdade de Direito, na assistência ao aluno carente. (...)

A Fundação Dom Cabral, criada como resposta às necessidades detectadas, tem por finalidade colocar à disposição das empresas a infra-estrutura necessária aos seus projetos de treinamento e desenvolvimento de pessoal, pesquisas, testes e outros tipos de serviços." (UCMG, 1977b. p. 1-2)

A partir daí, o Centro de Extensão é desmembrado. A equipe e os programas do setor empresarial são transferidos para a Fundação Dom Cabral, passando o Centro de Extensão a operar unicamente na área cultural e universitária. Não fica claro, com os dados obtidos - porque não era objetivo desse trabalho - se a criação da Fundação Dom Cabral se dá em função de mudanças na concepção de pesquisa e extensão na UCMG, ou somente em função de conveniências para captação de recursos oriundos de empresas privadas e estatais.

Quanto ao Campus Avançado, o GT-UCMG continua desenvolvendo os projetos de ação comunitária, contando, ainda, com a participação de alunos da Escola de Serviço Social como estagiários e com um aumento na participação dos alunos de Comunicação e Enferma-

gem.

Além disso, o GT-UCMG participa da elaboração e coordenação do projeto do Curso de Licenciatura de Curta Duração nas áreas de Letras, Estudos Sociais e Ciências, 1º Grau, para o Vale do Jequitinhonha. Os cursos são estruturados de maneira a levar em conta a realidade social e política da região, bem como o atendimento das necessidades expressas pela comunidade em cada uma das áreas prioritárias determinadas. É feito um convênio com a CODEVALE - Cia de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha - e com a Secretaria de Estado da Educação, para a efetivação do Curso, reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 7 de julho de 1976. Os cursos são divididos em módulos, sendo o primeiro realizado em julho/agosto de 1976 e o último, em fevereiro de 1980.

Como se vê, a extensão universitária da UCMG toma novos rumos. A extensão comunitária, com o programa do CAVJ, adquire contornos mais definidos e aparece como um projeto mais integrado e abrangente, incorporando várias frentes de trabalho, que buscam atender às várias necessidades e possibilidades de toda a população ligada à área do **Campus** Avançado. Outro aspecto que chama a atenção é a convivência de três visões ou perspectivas diferentes de extensão. Uma extensão compreendida como oferta de cursos e programações culturais; uma extensão ligada à prestação de serviços à área empresarial, através da Fundação Dom Cabral; e uma extensão comunitária, feita pelo GT-UCMG, com o programa do **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha.

De acordo com a então Coordenadora do GT-UCMG Prof^a Tereza Magalhães Coelho, "há uma 'coexistência pacífica' entre essas abordagens, e os coordenadores de cada área trabalham juntos em algumas ocasiões". (Entrevista gravada). Ainda segundo a mesma professora, a extensão comunitária, apesar de ser uma das áreas do Centro de Extensão, está diretamente ligada à Reitoria da UCMG. Essa ligação, de certa forma, garante o desenvolvimento dos projetos, mesmo

com a situação marginal que a extensão vive desde o seu surgimento, já que não é assimilada como uma atividade inerente à Universidade, ficando tudo na dependência do interesse e da boa vontade do chefe de cada Departamento. "Quando mudava a direção era necessário quase começar tudo de novo". (Entrevista gravada). Muitos professores não vêm e/ou não querem ver qualquer relação entre suas disciplinas e os programas de curso com as atividades de extensão comunitária. Tais fatos fazem com que muitos alunos desistam de integrar as equipes de trabalho, principalmente do CAVJ, apesar de amparados pelo Conselho Federal de Educação,⁶ pois temem que, ao voltar, não consigam cumprir o semestre letivo. Além disso, poucos professores participam ou acompanham os programas de extensão, muito mais por desinformação e falta de apoio do seu Departamento, do que por qualquer outro motivo.

Essa situação de marginalidade tem sido sempre característica da extensão universitária, tanto na UCMG, quanto em outras universidades brasileiras, e, salvo algumas raras exceções, perdura até hoje. O ensino tem sido sempre, e ainda é, considerado como mais importante, pela pressão exercida pelos alunos e pela necessidade de que a Universidade lhes proporcione formação profissional. Em nossa cultura, o diploma universitário é ainda considerado como fundamental à ascensão social, mesmo que tenha havido uma deterioração em seu **status** social e profissional. Além disso, nas universidades particulares, é o ensino, através do pagamento das anuidades, que proporciona a maior fonte de renda e a própria razão de ser da instituição universitária. No caso das universidades católicas, há uma filosofia própria, uma preocupação com a educação, com a formação religiosa e com a ação comunitária, que as torna um pouco diferentes, embora a questão financeira seja uma preocupação permanente.

6 - Uma portaria do Conselho Federal de Educação vem garantir aos alunos que participam do estágio no **Campus** Avançado o abono de suas faltas, bem como a oportunidade de fazer, em data especial, os trabalhos escolares e provas que hajam perdido.

Outro ponto importante é o fato de a extensão não haver conquistado ainda o mesmo prestígio que a pesquisa, e não existirem entidades que a fomentem, como fazem, com aquela, o CNPq, a FINEP, a FAPEMIG, etc.

Continuando a análise da trajetória da extensão da UCMG, percebe-se que os anos de 1977 e 1978 são significativos. O Centro de Extensão desenvolve-se e amplia suas promoções, tendo participado do 1º Encontro de Dirigentes de Extensão de Universidades Mineiras, na UFMG.

O Grupo de Trabalho da UCMG (GT-UCMG), prossegue com as suas atividades de extensão comunitária no Vale do Jequitinhonha, e com os trabalhos em outras cidades além de Araçuaí, onde assessora a organização da Associação dos Artesãos e da Loja da Associação dos Artesãos. Em Itaguara, cidade situada a cerca de 100 km de Belo Horizonte, têm início alguns projetos de extensão, entre os quais: "Promoção das Artesãs de Itaguara" e "Promoção para a Saúde", este destinado à população rural e a cargo do curso de Habilitação em Saúde Pública do Departamento de Enfermagem da UCMG, com os objetivos de:

"Desenvolver a consciência da necessidade de promoção de saúde na comunidade; desenvolver uma participação ativa da comunidade nos programas a serem realizados e possibilitar um campo de estágio que permita um contato direto do universitário com a comunidade". (UCMG, 1978. p. 55)

QUARTA FASE - O SURGIMENTO DO PRODAC

O ano de 1978 introduz novas modificações na extensão da UCMG. De acordo com o Prof. Caio César Boschi, então Coordenador do Centro de Extensão, tais modificações assumem grande importância:

"Significativas transformações na estrutura administrativa e nas suas diretrizes de ação, ao lado de um alcance e penetração das promoções, caracterizaram o sexto ano de existência do sistema de extensão da Universidade Católica de Minas Gerais.

Com a aprovação do novo estatuto da UCMG, o Centro de Extensão deu lugar à Coordenadoria de Extensão, pretendendo ser não apenas uma mudança de nomenclatura. (...)

Nova vida ganhou esta Coordenadoria com a integração do antigo Grupo Tarefa da UCMG à sua estrutura, sob a denominação de PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária (cf. Portaria nº 04178, de 10.04.78, do Magnífico Reitor). Hoje, quase um ano depois, não é sem justificado orgulho que nos é possível sentir o quanto as comunidades intra e extramuros têm se mostrado receptivas e satisfeitas com o trabalho desenvolvido por aquele setor". (UCMG, 1979. p. 1)

O PRODAC trabalha com vários Departamentos da Universidade e com instituições externas à UCMG, para a elaboração e o desenvolvimento dos seguintes projetos:

- treinamento de Capacitação das Lideranças Rurais do município de Oliveira; treinamento de Artesãos de Araçuaí e Berilo para sua integração na Associação dos Artesãos de Araçuaí; valorização, preservação do artesanato e desenvolvimento dos artesãos do Povoado de Boa Vista, Itaguara/MG; produção de Jornais de Bairro; 2ª Feira de Artesanato - Artesãos de Araçuaí, Berilo e Itaguara; elaboração e execução de um Roteiro de Observação do Povoado de Boa Vista, quanto à área física, de saúde e política, aspectos econômicos, sociais e religiosos, principais problemas da comunidade, costumes e instrução; pesquisa sobre a realidade sócio-cultural das comunidades rurais do Município de Itaguara; elaboração, por solicitação da Delegacia de Ensino, do Projeto de Licenciatura de 1º Grau para a cidade de Paracatu/MG; realização do 4º e 5º módulos dos Cursos de Licenciatura de 1º Grau da Extensão do Vale do Jequitinhonha (Araçuaí/MG).

Esses projetos demonstram uma ênfase na preocupação com a comunidade e suas necessidades, preocupação essa praticamente ausente nas concepções anteriores de extensão universitária. Por isso, cabem aqui algumas reflexões.

Por que a UCMG se preocupa com as comunidades?

A idéia de uma Universidade que se coloque a serviço da sociedade é compartilhada por toda a Universidade ou adotada apenas por alguns setores?

As questões surgidas no trabalho de extensão podem significar uma retroalimentação da Universidade? De que maneira?

Embora tais questões não possam ser amplamente respondidas nesta dissertação, pois, para fazê-lo, deveria ter sido utilizada outra metodologia de trabalho, é possível constatar que uma extensão que procure trabalhar com os problemas concretos das comunidades a serem atingidas, fazendo desse trabalho programas de estágio e formação profissional, parece haver conseguido uma integração bem interessante com o ensino e com a pesquisa, ainda que incipiente, e, em alguns casos, esporádica.

Nesse mesmo ano de 1978, o Programa de Promoção Cultural também é citado com destaque no Relatório da Coordenação de Extensão:

"Por seu turno, a Promoção Cultural lançou-se em experiências mais ousadas e plenamente coroadas de êxito, como a transformação do auditório do Colégio Santa Maria em casa de espetáculos para a comunidade, para não falar de duas apresentações de caráter internacional: O Grupo Tacuabé, do Uruguai, e o Coral da Universidade Del Valle, de Cali (Colômbia)". (UCMG, 1979. p. 1)

O PREPES - Programa Regional de Especialização de Professores de Ensino Superior - continua sua bem sucedida trajetória. Utilizando a colaboração de professores contratados de outras universidades, principalmente da UFMG, e, também, de professores da própria casa, a UCMG vem organizando módulos do PREPES em várias áreas, possibilitando formação para professores de várias regiões do Estado e de outros Estados do País. Os demais cursos de extensão são incluídos no Programa de Atividades Especiais, tendo por objetivo a educação permanente, através de cursos e seminários.

As dificuldades em torno da concepção e da execução da extensão universitária se tornam novamente visíveis e aparecem explícitas no Relatório do Prof. Bonifácio José Teixeira, coordenador do Programa de Atividades Especiais:

"As alterações na estrutura da Universidade, a própria limitação do campo de atuação, a fase de readaptação do Centro de Extensão e, por fim, os vícios estruturais e pessoais impediram que a área proporcionasse a produtividade esperada. Ainda assim, deu-se início a alguns trabalhos em áreas pioneiras que, com um acompanhamento mais efetivo, prometem resultados positivos.

Na realidade, ressentem-se a falta de uma política de extensão na UCMG. O modelo externo de empresas vendedoras de cursos condiciona razoavelmente as pessoas geradoras de cursos na UCMG. Por outro lado, a idéia simplista de que extensão, pela aparente avidez do mercado, é a função lucrativa da Universidade, impede não só a obtenção de resultados qualitativos, bem como o próprio lucro colocado como objetivo primeiro. A extensão tende a ser a melhor captadora de recursos, à medida que os Departamentos passarem a funcionar de maneira mais criativa, imbuídos de espírito universitário". (UCMG, 1979. p. 7)

Como se pode observar, a extensão não é, até então, assumida como uma das funções inerentes à Universidade. Apesar de todos os esforços apontados, a própria Universidade não consegue es-

tabelecer uma política de extensão claramente definida e assumida por todos os seus setores. Além disso, a questão de verbas para atividades comunitárias talvez represente um dos mais sérios obstáculos ao seu desenvolvimento, em se tratando de universidades particulares, cujos recursos advêm principalmente do pagamento de anuidades. Na verdade, as dificuldades apontadas permanecem, e tentativas de se alterarem os nomes dos programas, com o objetivo de superá-las, não resultam em mudanças significativas na concepção e na execução da extensão.

A coexistência de concepções diferentes de extensão novamente transparece no Relatório Anual de Atividades da UCMG de 1979. No capítulo referente à extensão universitária, a enumeração das atividades então realizadas demonstra essa situação:

- Cursos Promovidos
- Participação em Congressos
- Participação em Seminários
- Participação em Simpósios
- Jornadas e Semanas de Estudo
- Participação em Encontros
- Conferências Realizadas
- Assistência Judiciária
- Extensão Universitária na Zona Rural
- **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha
- Feira de Artesanato na UCMG

- Promoções Artístico-Culturais

- Atividades Esportivas.

Como se vê, muitas delas não precisariam estar ali incluídas, se uma política de extensão estivesse claramente definida naquele momento. O que não é possível saber é se a "indefinição" era do órgão responsável pela extensão - no caso, a Coordenadoria de Extensão/Centro de Extensão - ou dos órgãos responsáveis pela elaboração do Relatório, ou talvez de ambos.

Com exceção da Extensão Universitária na Zona Rural, do **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha e da Feira de Artesanato na UCMG, as demais atividades aparecem sintetizadas em quadros, segundo áreas e Departamentos da UCMG. Esses três itens são detalhadamente relatados, inclusive em termos de seus objetivos e das atividades desenvolvidas. Isso certamente terá acontecido por terem essas atividades sido desenvolvidas pelo PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária, que começa a desenvolver uma filosofia própria de extensão universitária, que transparece no texto a seguir:

"A Lei da Reforma Universitária, ao vincular de modo indissociável o **Ensino**, a **Pesquisa** e a **Extensão**, possibilitou uma perspectiva nova para a Universidade Brasileira. Dessas três funções da Universidade, a que menos se projetou e foi mais confundida e incompreendida foi a extensão.

A UCMG, sentindo a necessidade de assumir sua função de agente dinâmico na sociedade e de evitar formar seus alunos para um saber elitista e uma formação pura e simples de profissionais, resolveu que, além do Ensino e da Pesquisa, fosse reforçada a terceira perna do tripé que constitui a Universidade: a Extensão.

Nascido como fruto das atividades de um grupo de professores e alunos, que desde 1973 se empenhou na realização de trabalhos junto às comunidades urbanas e

rurais, foi criado o PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária". (UCMG, 1980. p. 139)

Mais adiante, o mesmo Relatório enuncia os objetivos e a filosofia do PRODAC:

"Mantendo sua filosofia de origem, o PRODAC tem como objetivo geral manter um contato mais estreito entre a UCMG e as comunidades urbanas e rurais mais pobres, através de ações do sistema universitário no processo de desenvolvimento social.

Trata-se de uma ação conjunta entre o PRODAC e os Departamentos da UCMG, visando aos alunos, na medida em que o Programa constitui uma forma de estágio, dentre as outras oferecidas aos discentes pela Universidade. É, portanto, uma forma de praticar a extensão universitária, com reflexo sobre o sistema educacional e sobre a comunidade, à medida que os alunos, em contato com outras comunidades, terão condições de conhecer a realidade brasileira e usar sua criatividade de estagiários, obtendo um retorno mais rico para seus Departamentos de origem". (UCMG, 1980. p. 139)

Como se pode perceber, a filosofia de extensão desejada e desenvolvida pelo PRODAC apresenta características específicas, distintas daquelas dos demais programas e atividades desenvolvidos pela Coordenadoria de Extensão. Em função disso, será apresentada uma análise mais detalhada de sua proposta de trabalho no próximo capítulo desta dissertação.

Retomando a descrição da trajetória da extensão universitária na UCMG, percebe-se que o ano de 1980 não apresenta muitas novidades. Na elaboração do Relatório de Atividades, mantém-se a mesma estrutura do ano anterior, ou seja, quadros estatísticos para as demais atividades e relatos comentados para a extensão universitária na zona rural e no **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha.

O trabalho coordenado pelo PRODAC e desenvolvido em Ita-

guara aparece mais estruturado. Os Departamentos de Serviço Social e Enfermagem são os que enviam alunos, sendo os planos de ação elaborados com a participação de membros da comunidade. O trabalho é considerado como estágio para os alunos e financiado com verbas da LBA (Legião Brasileira de Assistência) e ajuda da Paróquia de Itaguara.

Com relação ao **Campus** Avançado, percebe-se o mesmo processo de desenvolvimento e crescimento do trabalho. Em primeiro lugar, os Planos de Ação passam a ser também elaborados com a participação da comunidade. Em segundo lugar, aumenta o número de Departamentos da UCMG participantes do trabalho. Finalmente, acentua-se a preocupação com o retorno do trabalho de extensão desenvolvido por alunos e professores para as comunidades e para a própria Universidade. Essa questão continua a ser central na filosofia de trabalho do PRODAC: a extensão universitária significando um campo de estágio, mas, ao mesmo tempo, trazendo um retorno para a Universidade, no sentido de que suas práticas se tornem subsídios para repensar seus currículos e métodos pedagógicos.

Em 1981, o Relatório de Atividades, no que diz respeito à extensão, não mais apresenta os quadros estatísticos. As atividades como cursos, congressos, seminários e pesquisas, bem como as promoções culturais, são citadas nominalmente. Como novidade, aparece o Cineclube, com uma programação que inclui filmes clássicos da cinematografia mundial e brasileira, e filmes considerados importantes na produção contemporânea. São citadas, ainda, as apresentações do Coral da UCMG e a realização da Feira de Artesanato.

Essa instabilidade dos relatórios é mais um elemento que parece confirmar a inexistência de uma política de extensão claramente definida e assumida pela Universidade. Não havendo clareza na concepção e execução da extensão, não há também na maneira de relatá-la.

Por outro lado, o trabalho do PRODAC pode ser identificado como uma tentativa de encontrar um caminho mais estável e coerente, possibilitando a afirmação de uma concepção específica de extensão universitária.

O **Campus** Avançado continua a merecer o maior destaque. São detalhados nove Planos de Ação, que seguem a metodologia descrita e comentada anteriormente. Em 1981, 102 alunos da UCMG e 42 da ESAL (Escola Superior de Agricultura de Lavras), perfazendo um total de 144 alunos, participam das equipes do GTU que estagiam no **Campus** Avançado. Três projetos especiais têm início: O Sistema de Odontologia Simplificada, desenvolvido em Araçuaí, através do Departamento de Odontologia, em convênio com o PRODEVALE (Programa de Desenvolvimento Integrado da Região do Nordeste do Estado de Minas Gerais); o Projeto de um Curso de Aperfeiçoamento de Professores Rurais, encaminhado ao mesmo PRODEVALE, e o Projeto de Cursos de Licenciatura de 1º Grau em Regime Parcelado, para a realização de cursos de Letras, Estudos Sociais, Ciências e Pedagogia.

Em 1982, o PREPES já é um programa consolidado e nacionalmente conhecido, sendo este, certamente, um dos fatores que levam a UCMG à criação de uma Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que passa a ser responsável pela sua organização e funcionamento. A Coordenadoria de Extensão passa a subordinar-se ao Vice-Reitor, e a Divisão de Apoio Comunitário passa a integrá-la.

"Seu objetivo é prestar assistência aos membros da comunidade universitária e suas famílias, dando prioridade aos mais carentes, assim como apoiar e estimular programas que busquem uma maior integração dessa comunidade, e a valorização e promoção do ser humano". (UCMG, 1983. p. 227)

Ela passa a compreender os seguintes serviços:

- Posto de Pronto Atendimento: atendimento das emergências de saúde no Campus e Serviço de Biometria para a UCMG;
- Convênios de Saúde: criados para possibilitar a todos os membros da comunidade universitária o atendimento médico, odontológico, psicológico, hospitalar, de Raios X e laboratorial, a preços reduzidos e padronizados;
- Creches e Jardins de Infância: convênios para atendimento dos filhos de professores, funcionários e alunos;
- Lazer: convênio com a Delegacia Regional do SESC/MG, para que os servidores da UCMG possam utilizar as áreas de lazer da Colônia Sylla Velloso e das colônias de férias em Grussaí (litoral fluminense) e Minas Gerais;
- Curso de Alfabetização: organização de curso de alfabetização e educação integrada para funcionários da UCMG, oferecidos no seu próprio local de serviço e utilizando horário cedido pela Administração da Universidade;
- Setor de Estágios e Convênios, com o objetivo de servir de intermediário na assinatura de contratos de estágios com diversas empresas e instituições públicas do País; além disso, são oferecidos estágios e monitorias nos diversos setores e Departamentos da UCMG;
- SOS - Serviço de Orientação Social -, com o objetivo principal de

(...) "sentir os problemas mais graves da Comunidade Universitária, propiciando a indicação dos rumos a serem tomados pela política social da instituição, quer em relação a seus alunos, quer em relação aos servidores." (UCMG, 1983. p. 232-33)

Os principais problemas levados ao SOS pelos funcionários de baixa renda foram os de habitação e, pelos alunos, os de inadimplência escolar.

"A Divisão de Apoio Comunitário ainda incentivou e apoiou a criação e funcionamento da Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos colaboradores da Sociedade Mineira de Cultura, a qual foi criada, em janeiro de 1982, com o objetivo de servir a seus associados, melhorando seu nível de vida e resolvendo seus problemas financeiros através de empréstimos a juros essencialmente sociais." (UCMG, 1983. p. 234)

Percebe-se, por esses dados, as tentativas de estruturação de uma política de extensão que apresenta, como característica, a integração da ação comunitária voltada também para a comunidade universitária. O fato de que a Coordenadoria de Extensão passa a ficar sob a supervisão geral do Vice-Reitor demonstra uma preocupação especial da Universidade para com a extensão.

Ainda em 1982, o PRODAC passa por transformações significativas. É formada uma equipe com professores dos Departamentos de Economia, Enfermagem, Psicologia, Serviço Social e Sociologia, que trabalham sob a coordenação da Professora Tereza Coelho, então Coordenadora do PRODAC. Em linhas gerais, o trecho seguinte proporciona uma idéia do trabalho desenvolvido:

"Durante o ano de 1982 o PRODAC desenvolveu, através de sua coordenação, Direção do CAVJ e dos Departamentos de Enfermagem, Psicologia, Ciências Biológicas, Serviço Social, Economia, Sociologia, Pedagogia, Geografia e História da UCMG, e da Escola Superior de Agricultura de Lavras, o trabalho de Extensão Universitária executando atividades com as comunidades do Vale do Jequitinhonha, município de Itaguara e no Bairro de Barraginha, (periferia de Belo Horizonte).

Durante o ano de 1982, a equipe do PRODAC se reuniu regularmente todas as 4^{as} feiras pela manhã, realizando tarefas diversas como: discussões do desenvolvimento dos vários projetos, planejamento, elaboração de textos e de documentos, leitura e avaliação dos relatórios dos estagiários, etc.

Em outros dias e horários diferentes, se ocupou da preparação da equipe de alunos de seus respectivos Departamentos: selecionando, treinando, orientando, acompanhando os trabalhos à distância, através de cartas, telefonemas, ou de visitas ao campo de estágio. No retorno da equipe, avaliou os trabalhos diretamente com os alunos.

Na sede do CAVJ a Direção recebeu mensalmente cada equipe de alunos universitários. Ainda na sede do CAVJ a Direção executou outras atividades como: treinamento para os alunos, reflexões constantes sobre o trabalho, visitas às comunidades, administração geral". (UCMG, 1983. p. 235-36).

O Setor de Promoção Cultural consolida sua posição como órgão de produção e promoção cultural, com atividades durante todo o ano letivo, tais como: apresentações do Coral da UCMG, em Belo Horizonte e em Cali, na Colômbia, a convite da Universidade Del Valle, por ocasião do II Festival Internacional de Coros; Encontros Semanais de Cultura, com apresentações de cantores e compositores de Belo Horizonte e do interior do Estado; exibições de filmes, através do Cineclube, que promove também o Ciclo de Debates "Cinema e Vida"; mesas redondas sobre Arte e a Feira de Artesanato.

Além disso, inaugura-se a Sala de Exposições da UCMG, com os seguintes objetivos:

"Criar na Universidade um espaço permanente para difusão das Artes Plásticas, promovendo exposições periodicamente.

Estimular a comunidade universitária para o hábito de frequentar exposições como forma de apreciação das Artes Plásticas.

Incentivar potencialidades e valores artísticos exis-

tentes na Universidade e em suas áreas de influência, através de exposições de seus trabalhos". (UCMG, 1983. p. 245)

O ano de 1983 significa, para a UCMG, a sua transformação em Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-MG.

Principalmente em seu 2º semestre, este é um ano bastante produtivo para a extensão universitária realizada pela Universidade. Duas modificações significativas ocorrem. A primeira delas é a criação da Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária, em substituição à Coordenadoria de Extensão. A atividade de extensão parece ganhar, assim, **status** mais elevado, significando, talvez, um reconhecimento da instituição pelos trabalhos realizados por suas equipes; ou, ainda, o reconhecimento da necessidade do estabelecimento de uma política de extensão mais claramente definida e assumida pela Universidade. As funções básicas da Universidade passam a ser organizadas pelas Pró-Reitorias, ou seja, Pró-Reitoria de Graduação, para o Ensino, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária. Essas modificações incorporam, definitivamente, as atividades de ação comunitária ao âmbito da extensão universitária.

A segunda modificação ocorre com o encerramento do convênio com a Fundação Projeto Rondon e a Diocese de Araçuaí para o funcionamento do **Campus** Avançado do Vale do Jequitinhonha, que completa os dez anos de trabalhos previstos. A Universidade e o Projeto Rondon criam uma Comissão de Estudos, com o objetivo de analisar a viabilidade da criação de um novo **Campus** Avançado no município de Pirapora/MG.

Pelo exposto no Relatório de Atividades, os órgãos e setores ligados à Pró-Reitoria de Extensão desenvolvem normalmente suas atividades, recebendo destaque o PRODAC, uma vez que o traba-

lho em Araçuaí será encerrado ao final do ano, e merece uma avaliação final, com um relato mais exaustivo. Em função de sua especificidade, o trabalho do PRODAC será analisado mais detalhadamente no próximo capítulo desta dissertação.

O Setor de Promoção Cultural e a Coordenação Executiva de Estágio Integrado aparecem, ainda, com maior destaque no Relatório.

Além dos programas que vinha desenvolvendo, o PRODAC realiza o filme "Essa Terra Já Virou Tema", documentário sobre as atividades desenvolvidas pelo CAVJ nos seus dez anos de existência. Organiza, ainda, o I Seminário de Extensão Universitária, de 03 a 06 de outubro, com o objetivo geral de:

"Adquirir condições para a implementação de um Programa de Extensão da PUC-MG - aperfeiçoamento da Extensão Universitária como melhoria da qualidade do Ensino Superior e Integração da PUC-MG com a comunidade". (PUC-MG, 1984. p. 386)

São realizadas várias exposições e debates sobre as atividades de extensão da PUC - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - e da ESAL - Escola Superior de Agricultura de Lavras -, contando com a participação de professores e alunos de ambas as universidades e técnicos do Projeto Rondon.

O Setor de Promoção Cultural, além de suas promoções já tradicionais, organiza e incentiva discussões e uma pesquisa junto aos vários Departamentos,

"Com o objetivo de criar uma política de integração cultural na PUC, anseio da Reitoria e expectativa dos Departamentos.

(...) O programa de atividades culturais para 1984 foi elaborado, pela primeira vez, juntamente com

professores e alunos dos Departamentos". (PUC-MG, 1984. p. 390-91).

Merece, ainda, destaque a implantação da Coordenação Executiva de Estágio Integrado, que objetiva:

"... operacionalizar um conjunto de atividades curriculares, promovidas pelos diversos Cursos de Graduação, em colaboração com as empresas e/ou instituições diversas, sob condições programadas, visando a proporcionar aos docentes um complemento à sua formação profissional, social e humana e ao atendimento das normas previstas pelo Conselho Federal de Educação". (PUC-MG, 1984. p. 391)

Todos esses fatos demonstram um fortalecimento da extensão da PUC, mantendo-se a característica de uma coexistência de diversas modalidades de atuação sendo desenvolvidas concomitantemente, sob a coordenação geral da Pró-Reitoria.

Como a Portaria que institui a Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária é datada de 16 de novembro de 1983, é no ano seguinte que ela apresenta à comunidade universitária suas propostas de trabalho, a começar pela organização de um Colegiado de Extensão, com representação de todos os encarregados dos Setores da Pró-Reitoria, de professores representantes dos Departamentos já envolvidos no trabalho, e de alunos. O objetivo é efetivar uma maior participação da comunidade universitária na implementação da política de extensão.

O primeiro item do Relatório de Atividades da Pró-Reitoria no ano de 1984 apresenta, de maneira resumida, as proposições e concepções que se pretende alcançar:

"Propõe-se implementar uma Política de Extensão intimamente vinculada às propostas e atividades de Ensino

e Pesquisa e estabelecer uma conexão orgânica com a sociedade.

Desenvolvida quase sempre através de estágios, a Extensão é um momento privilegiado no processo de aprendizagem, o momento da avaliação, de se medir, na prática, a qualidade do ensino.

Como serviço, procura a Extensão atender às carências da Comunidade Universitária e, na ação externa, é uma forma de democratização da Universidade, ao colocar os bens produzidos pela Instituição à disposição da sociedade.

Como Ação Comunitária, propõe-se estabelecer um diálogo fecundo com a população e uma cumplicidade com os anseios e direitos sociais dos mais carentes".
(PUC-MG, 1985. p. 305)

A Pró-Reitoria promove, nessa época, uma reestruturação dos setores já existentes e a criação de novos setores. Em lugar do PRODAC, surgem o PUC Cidade e o PUC **Campus** Avançado Vale São Francisco. A estruturação passa a ser a seguinte:

- PUC-Cidade - este setor compreende: a implantação e o planejamento de **Campus** Aproximado na Região Metropolitana de Belo Horizonte; o Projeto de Apoio Psicopedagógico à Escola Estadual Helena Guerra; a intervenção social na Favela Pedreira, do Bairro 1º de Maio; o Telecurso de 1º Grau para funcionários da PUC, e o Telecurso de 1º e 2º Graus, na Escola Estadual Helena Guerra.
- PUC - **Campus** Avançado Vale São Francisco - este setor compreende: a elaboração e o planejamento do **Campus** Avançado do Vale do São Francisco; a discussão do Projeto de Implantação com a Coordenação Estadual da Fundação Projeto Rondon-MG, ESAL e Centros da PUC-MG; o levantamento dos dados para a elaboração do diagnóstico das condições sócioeconômicas da região sob influência do **Campus** Avançado do Vale do São Francisco, em Pirapora/MG, tendo como objetivo subsidiar a formulação dos projetos de intervenção; o desenvolvimento das ações de extensão junto às creches de Pirapora

e Buritizeiro, pela equipe interdisciplinar (Enfermagem, Psicologia e Serviço Social), composta de 15 estagiários e 03 professoras supervisoras.

- PUC - Coordenação de Estágios - setor assim caracterizado no Relatório da Instituição:

"Os trabalhos da PUC - Coordenação de Estágios -, realizados neste período, visam a buscar a integração do conjunto de atividades didático-pedagógicas relativas ao Estágio Curricular Supervisionado dos cursos de graduação e manter relações permanentes com as instituições que oferecem oportunidades e campos de estágio e outras formas de colaboração ao processo educativo dos alunos e instituições de produção de bens e serviços e tentar, em conjunto, avançar no aprimoramento profissional, social e cultural". (PUC-MG, 1985. p. 310)

- PUC - Cultura e Artes - setor cujos propósitos constam do mesmo Relatório:

"... pretende fomentar e divulgar a produção artística e cultural de alunos, professores, funcionários e da comunidade. As atividades culturais mostraram como educar e, sobretudo, criaram cultura respondendo aos desafios da sociedade atual. A produção do saber não pode esgotar-se, nem acabar nas salas de aula, antes, pode abrir-se e enriquecer o saber e o que fazer da sociedade". (PUC-MG, 1985. p. 310)

- PUC em Comunidade (Apoio Comunitário) - setor que surge com a reestruturação e ampliação da Divisão de Apoio Comunitário (convênios para assistência médica, bolsas de estudo, assistência médico-ambulatorial no Campus, etc.)

- PUC - CURSOS DE EXTENSÃO:

"Esta coordenação visa a propiciar o aporte organizacional aos cursos de extensão propostos pelos Departamentos. Ademais, através das demandas captadas no seio da comunidade universitária e do público em geral, sugere cursos nas diversas áreas do conhecimento.

Pensamos que tais objetivos foram em grande parte alcançados, pois dos 11 cursos e 7 seminários realizados, 15 foram promoções conjuntas desta Pró-Reitoria com os Departamentos". (PUC-MG, 1985. p. 326)

- PUC - MERCADO PROFISSIONAL:

Banco de Informações Profissionais:

"Devido à crise sócioeconômica nacional, é importante ressaltar a necessidade da organização do Serviço de Informações Profissionais pela PUC-MG, alocado à Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária.

Sentiu-se, pois a necessidade de criação de uma coordenação de dados sobre o Mercado Profissional, tanto no nível de 'troca direta' (oferta/demanda), como no nível de estudos, levantamento e projetos de pesquisa realizados pelos Departamentos da PUC-MG.

Estes, ao discutirem currículos o fazem, muitas vezes, fundamentados em estudos que melhor direcionam a formação profissional de seu corpo discente, redimensionando perspectivas e oferecendo diretrizes acadêmicas para os diversos cursos". (PUC-MG, 1985. p. 331)

Percebe-se nessa estruturação, uma organização mais clara das atividades de extensão e a implantação gradativa de uma política de extensão que abrange várias áreas e possibilidades de atuação. Há uma equipe de profissionais trabalhando na Pró-Reitoria e uma maior integração entre esta e os vários Departamentos da Universidade, que também mantêm professores com horas de disponibilidade para trabalhar com extensão. Os vários Setores e Programas de Extensão possibilitam uma maior integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Os cursos de extensão, atividade em que a UCMG/PUC-MG havia acumulado grande tradição, voltam a ser organizados, tornando-se, inclusive, uma fonte de renda para a realização de outros projetos da Pró-Reitoria. Os aspectos positivos dos trabalhos anteriores são considerados para a organização da Pró-Reitoria de Extensão e as dificuldades podem ser enfrentadas com as novas propostas.

Termina aqui a trajetória da extensão universitária que este trabalho pretendia analisar. Partindo de iniciativas isoladas de alguns Departamentos e Setores da Universidade, a PUC implanta uma política de extensão que se vai estruturando aos poucos, superando dificuldades diversas, desde a falta de verbas até o desinteresse de alunos e professores, bem como o descaso de órgãos públicos, passando, também, pela falta de clareza sobre o significado e as possibilidades da extensão universitária, principalmente quando integrada ao ensino e à pesquisa. Cursos de extensão, promoções culturais, estágios articulados com prestação de serviços e ação comunitária, com maior ou menor ênfase para cada um deles, de acordo com as condições do momento, constroem uma política de extensão que conta ainda com o programa do **campus** avançado, em convênio com o Projeto Rondon. Entre várias dificuldades, sobressaem os aspectos positivos e os resultados obtidos.

Parece ter sido fundamental para o desenvolvimento da extensão na Universidade Católica de Minas Gerais a participação direta e o envolvimento pessoal do Reitor Dom Serafim Fernandes de Araújo, em relação ao período de 1973/1982. Dom Serafim é natural do Vale do Jequitinhonha e sempre se mostrou empenhado com a extensão universitária, principalmente a extensão comunitária desenvolvida pelo PRODAC naquela região. Certamente este empenho está relacionado à sua formação religiosa e atuação na Igreja, e à proposição de um compromisso com a população carente assumido pela Universidade Católica.

No capítulo seguinte, pretende-se focalizar o PRODAC, que desempenhou um papel bastante significativo na extensão universitária da PUC-MG.

CAPÍTULO IV

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DO PRODAC/UCMG

A CONCEPÇÃO

O PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária da UCMG - nasceu, conforme se viu no capítulo anterior, como fruto das atividades de professores e alunos empenhados na realização de trabalhos junto às comunidades urbanas e rurais de nosso Estado. O exame dos objetivos do PRODAC revela que se pretendia manter um contato mais estreito da Instituição com as comunidades urbanas e rurais mais pobres, como uma forma de praticar a extensão universitária que proporcionasse reflexos sobre o sistema educacional da Universidade.

Esperava-se, ainda, que os alunos, em contato com uma realidade social diferente da existente nos grandes centros urbanos, onde se localizam as universidades, questionassem seus conhecimentos, na busca de possibilidades de prestação de serviços mais relevantes à população, principalmente a de baixa renda.

O retorno desses questionamentos e preocupações à Universidade certamente provocaria possibilidades de mudança e renovação das estruturas curriculares.

De acordo com entrevista feita com a Prof^a Tereza Magalhães Coelho, sua Coordenadora, o PRODAC foi criado com o objetivo de continuar o trabalho no Vale do Jequitinhonha, através do **Campus Avançado**, e de abrir novas frentes de trabalho comunitário, o que se fez em Itaguara, no interior de Minas Gerais, e na Vila Barraginha, na periferia de Belo Horizonte.

O PRODAC veio sedimentar uma concepção específica de extensão universitária⁷, com algumas características bem marcantes, a

7 - Cabe salientar que predominava, nessa época na área de Ciências Humanas e Sociais, uma preocupação com estudos e ações voltados para questões relativas à comunidade.

começar pela própria idéia de sua integração com a ação comunitária. A extensão praticada pelo PRODAC se dirigia às comunidades urbanas e rurais carentes, às chamadas classes populares, população, portanto, bem diversa da que vinha sendo atingida habitualmente pelos cursos e outras atividades de extensão universitária realizadas pela UCMG.

Ao invés de levar projetos prontos, elaborados em gabinetes da Universidade, interessava ao PRODAC conhecer a realidade em que iria atuar, perceber e entender as necessidades da população, para, só então, fazer propostas de atuação. Isso fica claro ao se analisarem os primeiros projetos de trabalho já desenvolvidos em Araçuaí pelo GT-UCMG, antecessor e semente do PRODAC.

Paralelamente ao desenvolvimento dos projetos, eram realizados seminários e grupos de discussão sobre a realidade sócio-cultural e políticoeconômica do Vale do Jequitinhonha. Interessava, pois, conhecer de perto a realidade da comunidade a ser atingida pelo trabalho.

Um dos pontos significativos da filosofia do PRODAC era o seu profundo respeito pelos valores culturais da população, embora se percebesse que, em certos momentos, alguns desses valores poderiam ser prejudiciais ao próprio desenvolvimento da comunidade. Isso significava mais uma questão a ser trabalhada com a comunidade, e não um ponto a ser condenado, *a priori*.

Essa postura de respeito e a preocupação em conhecer a realidade da região foram fundamentais para se conquistar a confiança da população no trabalho a ser desenvolvido. O PRODAC incentivava ao máximo essa participação e procurava desenvolver os projetos de trabalho de forma a permitir que ela acontecesse, conforme lembra a Prof^a Tereza Magalhães Coelho:

"A gente não fazia projetos e levava para lá não. De pois que o trabalho estava em andamento é que se montava o projeto. Então, eram colocados os objetivos e todo o trabalho em forma de um projeto". (Entrevista Gravada)

Os projetos não eram, pois, elaborados na Universidade e levados prontos para a comunidade. Cada aspecto do trabalho era discutido e avaliado com os envolvidos, desde o pessoal do CAVJ, os professores e alunos/estagiários do PRODAC, até os membros da comunidade. A proposta não era de um trabalho para a comunidade, mas um trabalho com a comunidade. À medida que se contava com essa participação desde o início do desenvolvimento dos projetos, a probabilidade de retorno do trabalho para a comunidade já estava, em parte, assegurada.

Tal situação era diferente da grande maioria dos trabalhos de extensão realizados pelas Universidades, que nunca ou quase nunca se preocupavam ou se preocupam com o retorno desses trabalhos para as comunidades ou até para a própria Instituição.

Com tudo isso, o PRODAC tinha a oportunidade para questionar aqueles valores e posturas da comunidade que a mantivessem estagnada ou com um processo de desenvolvimento retardado e alienante. Como já foi dito, não se pretendia trabalhar para a comunidade, mas junto com a comunidade, possibilitando-lhe conquistar sua autonomia. A própria população passou por um processo intenso de tomada de consciência de suas necessidades e de busca das oportunidades de supri-las.

Foram formados diversos grupos de trabalho, incluindo-se os moradores, que atuaram junto aos estagiários e professores da UCMG, bem como junto às diversas instituições de Araçuaí que participavam dos trabalhos desenvolvidos, tais como a Prefeitura Municipal, o Mobral, o Posto de Saúde, a L.B.A., a Emater, a Febem, a

Igreja, etc.

Avaliando cotidianamente seu trabalho, a Coordenação do PRODAC sempre se preocupou com a continuidade dos projetos desenvolvidos pelas equipes de professores e estagiários que se sucediam em campo. Pretendia-se evitar o que ocorria em outros trabalhos de extensão da própria UCMG, bem como em "campi" avançados, ou seja, a realização de atividades isoladas ou cursos estanques, por parte de cada equipe de estagiários e professores, sem qualquer preocupação com a continuidade. Nesse tipo de trabalho, a população se sentia usada. Era como se cada equipe começasse novamente do zero, desconhecendo interesses, necessidades e valores da população, além do trabalho de grupos anteriores.

Em Araçuaí e, posteriormente, em suas demais frentes de trabalho, o PRODAC elaborou projetos de atuação em substituição a práticas ou cursos isolados e descontínuos.

Pretendia-se que as equipes que se sucedessem em campo fossem preparadas para dar continuidade aos projetos desenvolvidos. Quando ali chegassem, deveriam estar informadas da história daquela comunidade e do estágio em que se encontravam os projetos de trabalho. É claro que, muitas vezes, havia dificuldades para esse processo de inserção da nova equipe, e de sua aceitação por parte das comunidades, mas, de maneira geral, cada nova equipe era bem recebida pela população, pois representava a Universidade, que já conquistara a sua confiança. Na maioria das vezes, os estagiários é que tinham mais dificuldade em entender ou aceitar os valores da comunidade e as possíveis mudanças, frequentemente necessárias, nos conteúdos e metodologias aprendidos em sala de aula.

Além disso, havia, ainda, duas questões fundamentais para o PRODAC: a busca de uma predominância de projetos desenvolvidos por equipes interdisciplinares e a preocupação com o retorno do

trabalho para a Universidade.

Embora houvesse projetos muito específicos, como alguns da área de Saúde, desenvolvidos pelo Departamento de Enfermagem, procurava-se estimular e desenvolver a participação dos diferentes Departamentos nos projetos de trabalho, em que cada um poderia contribuir com sua área de conhecimento. Exceto a Escola Superior de Agricultura de Lavras, que desenvolveu a maioria de seus trabalhos de maneira isolada, praticamente todos os Departamentos da UCMG que enviavam estagiários para o **Campus** tiveram atuações interdisciplinares.

Quanto à preocupação com o retorno do trabalho para a Universidade, o PRODAC a defendia como questão de honra. Esperava-se que houvesse uma real integração entre ensino, pesquisa e extensão. As questões produzidas no trabalho de extensão deveriam sugerir temas para a pesquisa e para os programas de ensino.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PRODAC - UM POUCO DO SEU COTIDIANO

O trabalho do PRODAC analisado nesta dissertação é o desenvolvido no período de 1978 a 1984. Dois momentos podem ser destacados. O primeiro, desde o seu início em 1978 até o segundo semestre de 1981; e o segundo, no período de 1982 a 1984.

No primeiro momento, embora tenha obtido resultados muito positivos, o trabalho ficou muito isolado dentro da Universidade. A participação dos Departamentos ainda era circunstancial, e os alunos geralmente ficavam sem apoio, em termos de um acompanhamento específico de sua área de formação profissional. Isso fazia com que alguns projetos fossem interrompidos ou tivessem seu desenvolvimento retardado. Além disso, alguns cursos não enviavam equipes de

alunos com regularidade e, muitas vezes, isso também provocava interrupções ou o cancelamento de alguns projetos.

Nessa fase, o PRODAC não tinha uma equipe definida. Havia uma Coordenadora, que contava com a participação e o trabalho de professores dos Departamentos de Psicologia, Enfermagem, Serviço Social e Comunicação. Junto a esses professores, trabalhavam alunos/estagiários dos respectivos cursos e, em alguns momentos, de outros cursos.

No caso dos professores, com exceção dos do curso de Serviço Social, em que o estágio no **Campus** Avançado e em outras frentes de trabalho era curricular, a participação se dava de maneira mais informal. Os professores não recebiam pagamento pela orientação e supervisão ministrada aos alunos. Isso dificultava a realização de projetos permanentes, que exigissem uma participação constante dos professores. Os projetos, então, caminhavam muito mais por interesse pessoal de alguns deles e dos alunos do que como consequência de uma política acadêmica definida. Foi muito importante, também, a atuação da Coordenação do PRODAC, que desenvolvia um grande esforço para que o trabalho se efetivasse, cobrindo, muitas vezes, a falta de professores dos vários Departamentos.

Em 1981, assumiu a direção acadêmica do **Campus** Avançado a Professora Ana Maria Sarmiento Seiller Poelman, do Departamento de Psicologia, que buscou e incentivou a participação de professores e alunos de Psicologia nos trabalhos do **Campus**. O curso passava, então, por um processo de reformulação de currículo, o que facilitou o engajamento tanto de professores quanto de alunos.

Houve, também, por parte da nova Direção do CAVJ, uma dupla preocupação, com a estruturação do trabalho em vários projetos de atuação, segundo as principais necessidades da comunidade, e com

o incentivo à atuação interdisciplinar. Foram enviadas aos Departamentos algumas sugestões de projetos, a partir das necessidades das comunidades. A maioria deles permitia ou dependia de atuação multidisciplinar.

Foi um período muito rico para a extensão universitária desenvolvida na UCMG, pois proporcionou uma dinamização e maior divulgação das atividades realizadas, possibilitando, conseqüentemente, maior participação de professores e alunos. Alguns projetos que já estavam em andamento foram revistos e incrementados, buscando a integração de outros Departamentos. Outros foram iniciados já com uma programação mais definida, e contando com uma atuação multidisciplinar.

O quadro 1, a seguir, dá uma idéia dos trabalhos desenvolvidos em 1981.

Os projetos tiveram como objetivos básicos atender às demandas manifestas das comunidades e identificar demandas e necessidades implícitas, que poderiam e/ou deveriam ser trabalhadas⁸.

Com isso, a Coordenação do PRODAC pôde negociar, com alguns Departamentos e com a Reitoria da UCMG, a disponibilidade de alguns professores para trabalhar na orientação e supervisão dos projetos a serem desenvolvidos. Foi formada uma equipe de professores dos Departamentos de Serviço Social, Psicologia, Economia, Enfermagem e Sociologia, sob a coordenação da Professora Tereza Magalhães Coelho. O trabalho dessa equipe se dividia em duas frentes. Uma delas compreendia a orientação e supervisão direta e indireta dos trabalhos de campo, bem como o recrutamento e treinamento

8 - Ao final desta dissertação, o Anexo nº 1 apresenta uma descrição mais detalhada desses Planos de Ação, contendo as unidades da UCMG e as instituições de Araçuaí que deles participaram e um resumo das atividades desenvolvidas.

QUADRO Nº 01 - PLANOS DE AÇÃO DO PRODAC - 1981

Nº	ÁREA DE ATUAÇÃO/TEMA	OBJETIVO GERAL
01	BAIRRO CANOEIRO "JOSÉ ALVES DE CARVALHO"	- Incentivar o desenvolvimento comunitário.
02	BAIRROS "SÃO JORGE E ITATIAIA"	- Incentivar o desenvolvimento da população dos bairros.
03	BAIRRO "SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS" - "PIPOCA"	- Verificação das necessidades básicas da comunidade.
04	CAMPANHA DE REGISTRO CIVIL - PROGRAMA DE LEGALIZAÇÃO DO HOMEM BRASILEIRO	- Legalização civil da comunidade carente, para facilitar sua atuação na obtenção de recursos, benefícios, etc.
05	OLERICULTURA E FRUTICULTURA	- Recuperação de hortas e pomares.
06	COMUNIDADE DE BARRA DA BARRIGUDA	- Incentivar o espírito comunitário.
07	COMUNIDADE DO COXIXO - "ZONA BOÊMIA"	- Suprir as necessidades básicas da população.
08	CURSO DE ATENDENTE DE ENFERMAGEM	- Treinar e capacitar atendentes de Enfermagem, para melhor desempenho de suas funções.
09	CAMPANHA DO LIXO	- Melhorar o nível de higiene e saúde da população, através de uma campanha educativa.
10	GRUPO DE JOVENS GABA (GRUPO DE ADOLESCENTES DA BOA VONTADE)	- Despertar os jovens para o trabalho comunitário.

de estagiários. Tais atividades eram desenvolvidas por toda a equipe, ou por um ou outro membro, quando se tratava de momentos específicos dos vários Departamentos.

A segunda frente de trabalho compreendia os momentos em que se procurava atingir, de maneira geral, os objetivos propostos para o PRODAC, através da elaboração de novos projetos; discussões sobre extensão universitária e as possibilidades de viabilizá-la de maneira mais efetiva na UCMG; elaboração de textos e documentos; leitura e discussão dos relatórios das equipes de estagiários e da Direção do CAVJ; contatos e reuniões com outros órgãos e Departamentos da Universidade, etc. Foi intenso o trabalho dessa equipe durante o ano de 1982, quando se procurou integrar novos alunos e professores de vários Departamentos nas atividades em desenvolvimento e nos novos projetos.

O quadro 2, a seguir, dá uma idéia desse processo.

Os títulos, objetivos e atividades de cada projeto, citados nesse quadro, explicam ou deixam perceber muito pouco da realidade do trabalho desenvolvido em cada um deles. O dia-a-dia do estagiário na comunidade, o contato com a população, as respostas que essa população dava ao trabalho são aspectos difíceis de serem transmitidos em relatórios, e, geralmente, não expressíveis em linguagem acadêmica tradicional.

O projeto da Rua do Recreio, por exemplo, significou, para as crianças do "Coxixo" muito mais do que lazer. Coxixo é o nome pelo qual era conhecida a região de Araçuaí onde se localizava a zona boêmia da cidade. Ali também moravam e trabalhavam muitos artesãos, principalmente os que produziam artesanato com couro (selas, sapatos, chapéus, etc.). Eram organizadas várias brincadeiras com as crianças, aos domingos pela manhã. Tais brincadeiras procu-

ravam, além de proporcionar diversão, trabalhar as necessidades dessas crianças, de acordo com sua faixa etária.

A coordenação da Rua do Recreio ficava a cargo da área de Psicologia, sendo que todos os estagiários presentes ao **campus** participavam das atividades. Cada um deles ficava responsável pela condução de uma atividade, sendo os grupos maiores conduzidos por uma dupla de estagiários.

As atividades eram avaliadas pela equipe e pela direção do CAVJ, e, no PRODAC, pelos professores supervisores. As observações feitas sobre as crianças forneciam subsídios para a organização dos encontros seguintes. Quando alguma criança ou grupo de crianças necessitava de um acompanhamento mais específico, um estagiário ficava encarregado dessas atividades. Os trabalhos desenvolvidos com as crianças proporcionaram, ainda, uma aproximação muito grande com os pais, principalmente com as mães. Muitas delas procuravam os estagiários, solicitando auxílio para lidar com os filhos, e, também espaço para discutirem seus problemas. Em muitos momentos, ainda comentavam os aspectos positivos que percebiam no trabalho e as mudanças observadas nas crianças.

Por tudo isso, esse projeto parece ter proporcionado às crianças possibilidade de desenvolvimento físico e psicomotor, e, por que não dizer, oportunidade para que crianças e pais se sentissem sujeitos em seu próprio ambiente, coisa negada a eles em função de sua condição social.

Merecem destaque, ainda, os minipostos de saúde, que contribuíram para proporcionar à população uma nova consciência, em termos de saúde. Membros da comunidade foram treinados para o trabalho de primeiros socorros e promoção da saúde. Conhecimentos e valores sobre saúde, tanto da comunidade quanto dos professores e



- Rua de Recreio
no Coxixo
Araçuaí



Recreação
com crianças
no Arraial
dos Crioulos
Araçuaí

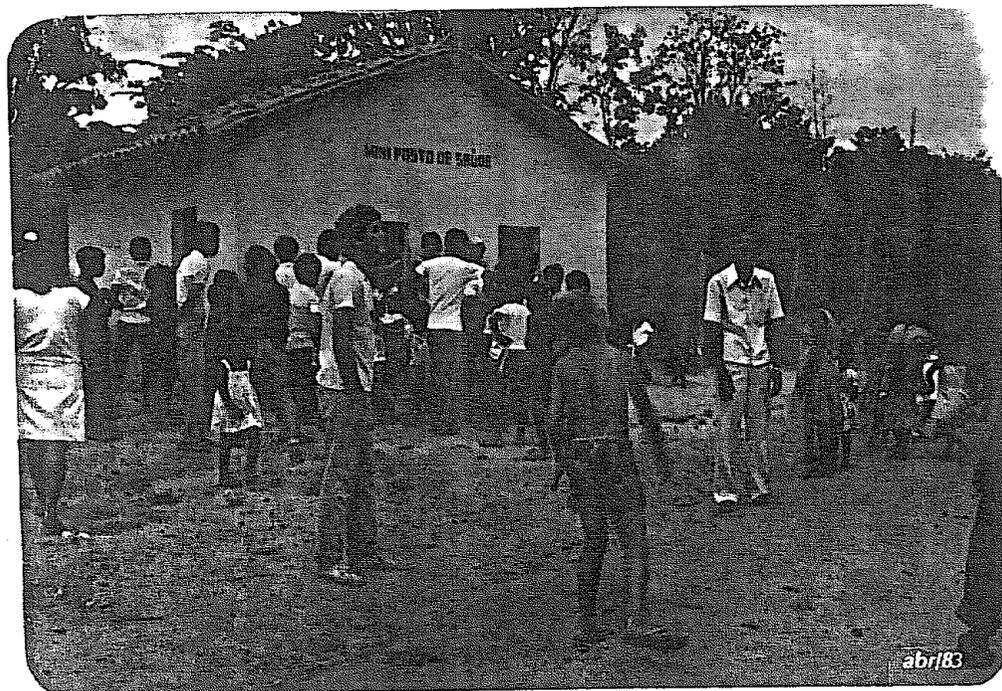
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA



- Arraial dos
Crioulos
Araquai



- Mini Posto
de Saúde do
Arraial dos
Crioulos



estagiários da UCMG foram adquiridos e/ou revistos. Jovens trabalharam com a população em pequenos programas de saneamento, vacinação, acompanhamento de gravidez de alto risco, acompanhamento de hipertensos, etc.

A aceitação e participação da população nos programas e o engajamento dos jovens atendentes de saúde foi considerado surpreendente, mesmo pelos estagiários e pelos professores da Enfermagem, que tinham sido os principais responsáveis pelo seu treinamento e acreditavam no sucesso do trabalho.

Com relação à preparação dos estagiários, a equipe do PRODAC e a Direção do CAVJ reorganizaram todo o trabalho, dividindo-o em dois momentos. O primeiro deles era realizado em Belo Horizonte, compreendendo um treinamento geral para o trabalho, ministrado a todos os estagiários, e um treinamento específico, de acordo com a área de formação e atuação de cada curso. Faziam parte do treinamento geral informações sobre a realidade sócio-cultural e político-econômica do Vale do Jequitinhonha; leitura e discussão de textos sobre extensão universitária; e uma visão geral do trabalho desenvolvido pela UCMG e pela ESAL. O treinamento específico compreendia a preparação para o trabalho a ser desenvolvido no campo, de acordo com cada um dos projetos. Cada Departamento atuante, através de seu representante no PRODAC, elaborava ou indicava textos que pudessem preparar o estagiário para sua atuação. Quando se necessitava da participação de um Departamento que não contava com um professor no PRODAC, alguém de sua equipe fazia o contato com o referido Departamento. Além disso, os professores do PRODAC procuravam trabalhar em contato com os professores das várias disciplinas dos cursos participantes, os quais poderiam auxiliar na orientação e supervisão dos alunos.

O segundo momento da preparação dos estagiários era realizado pelos professores responsáveis pela Direção do **Campus** Avan-

çado, em Araçuaí. Compreendia informações mais específicas sobre a cidade e as áreas de atuação do **Campus**; o estágio em que se encontrava cada projeto de trabalho; dados sobre os órgãos do município com os quais o CAVJ trabalhava e a organização dos cronogramas de trabalho de cada equipe.

O acompanhamento do trabalho no campo era realizado de duas maneiras: primeiro em Araçuaí, através do acompanhamento pelos professores membros da Direção do **Campus**. Os trabalhos eram permanentemente acompanhados e avaliados, com reuniões semanais de planejamento. Paralelamente, era mantida correspondência regular entre os estagiários e professores supervisores, telefonemas ou transmissões de rádio do **Campus** para o PRODAC, relatórios semanais das equipes de estagiários e relatórios mensais da Direção do CAVJ.

Além disso, os professores do PRODAC faziam viagens regulares à sede do **Campus**, para acompanhar as atividades, avistar-se com professores e estagiários, e reunir-se com membros das comunidades. Tais viagens proporcionavam subsídios para avaliação do trabalho, elaboração de novos projetos e ampliação da participação de professores e alunos dos vários cursos da Universidade.

Todo esse trabalho de preparação e acompanhamento dos alunos foi fundamental para a transformação dos trabalhos isolados e intermitentes em planos de ação contínua, desenvolvidos pelas várias equipes que se sucediam em campo.

Como a maioria desses planos era interdisciplinar, a falta de estagiários de alguma área geralmente era coberta pelos demais, com o suporte das orientações dos professores e da Direção do CAVJ.

No período de 23 a 25 de abril de 1983, foi realizado, em Araçuaí, o Encontro de Avaliação e Estudo dos Trabalhos do **Campus**

Avançado do Vale do Jequitinhonha. Como o próprio nome indica, pretendia-se avaliar os trabalhos do **Campus**, buscar propostas de solução das dificuldades encontradas e colher subsídios para elaboração de novos projetos. O Encontro contou com a presença de toda a equipe do PRODAC, da Direção do CAVJ, representantes da Fundação Projeto Rondon, estagiários da equipe regular do mês de abril daquele ano, estagiários de Enfermagem Materno-Infantil, um grupo de 6 (seis) ex-estagiários dos cursos de Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Economia, a estagiária da Clínica Integrada de Odontologia, representantes dos órgãos municipais de Araçuaí, a Comissão de Representantes da Comunidade junto ao CAVJ, representantes dos bairros com os quais o **Campus** trabalhava e um representante da Igreja Católica de Araçuaí.

Os participantes do Encontro foram divididos em quatro subgrupos: Setor de Saúde, Setor de Agricultura, Setor de Educação e Setor de Organização Social. Todos os projetos foram avaliados e repensados, como também a seleção e o treinamento dos estagiários. As propostas de treinamento e acompanhamento do trabalho, que vinham sendo desenvolvidas experimentalmente pelo PRODAC, foram apresentadas em sua versão definitiva, já citada acima, e foram aprovadas pelo plenário do Encontro. Dessa forma, esperava-se corrigir desconhecimentos no desenvolvimento dos projetos, bem como possibilitar maior participação dos estagiários dos vários cursos e dos órgãos públicos e associações de moradores de Araçuaí.

Disso tudo parecem ter resultado propostas mais adequadas às necessidades do trabalho, bem como um fortalecimento da equipe do PRODAC, em termos de mais espaço acadêmico, de representatividade e aceitação do seu trabalho.

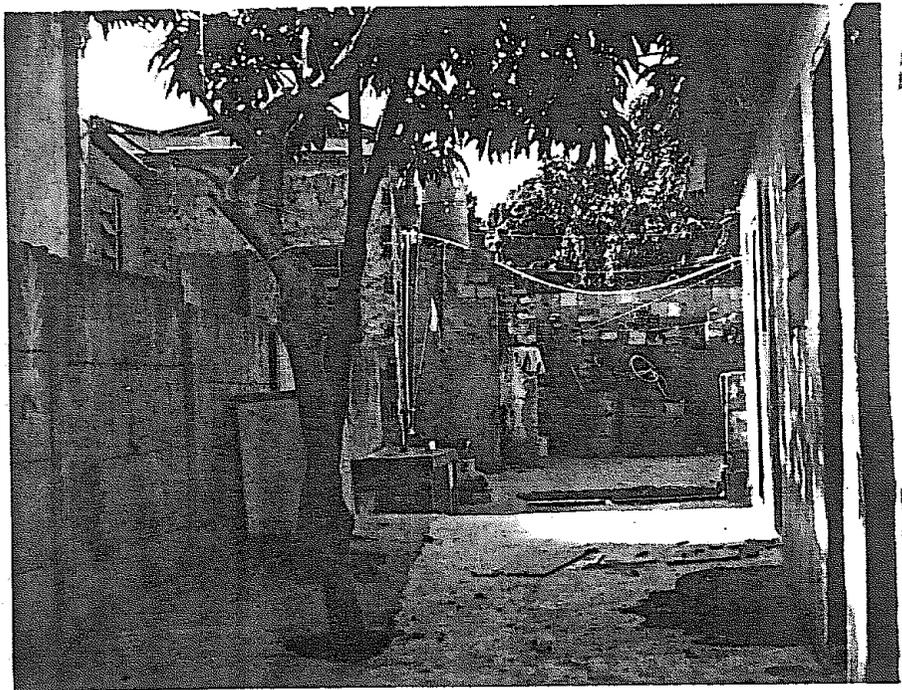
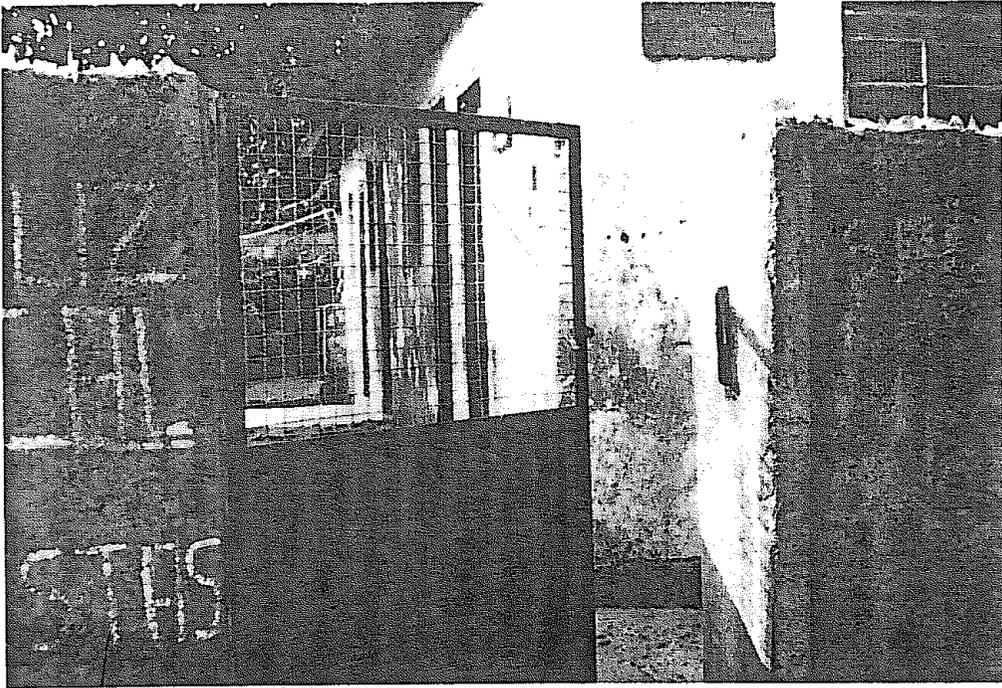
Uma das decorrências do Encontro foi a elaboração de um "Plano Para a Divulgação do Trabalho no CAVJ/PRODAC/DEPARTAMENTOS". O Plano visava a manter a comunidade acadêmica da UCMG informada e

participando do trabalho no CAVJ. Pretendia-se, ainda, a troca de experiências com outras instituições e comunidades acadêmicas. Esse plano nunca foi desenvolvido em sua totalidade, mas o que dele foi executado produziu resultados importantes para o PRODAC.

Outro aspecto de trabalho do PRODAC que merece destaque é a criação de novas frentes de trabalho para a extensão universitária. O município de Itaguara, no interior de Minas Gerais, e a Vila Barraginha, na periferia de Belo Horizonte, são duas dessas áreas. Em Itaguara, já havia um trabalho desenvolvido na zona rural por estagiários do Departamento de Serviço Social. O Conselho da Paróquia da cidade, órgão formado por pessoas ligadas à Igreja, professores e jovens, tinha o objetivo, partilhado pelo PRODAC, de que o trabalho atingisse, através de um rodízio, outros bairros ou áreas do município.

Nessa época, a Fundação Projeto Rondon tinha interesse em trabalhar com a Universidade no seu Programa de Ação Comunitária, através do qual mantinha grupos de estagiários em vários bairros da periferia de Belo Horizonte. Foi, então, assinado um convênio entre o Rondon e a UCMG, para possibilitar o trabalho em Itaguara e na Vila Barraginha. Foram formadas duas equipes de alunos dos cursos de Psicologia, Serviço Social e Enfermagem. Os alunos recebiam uma bolsa do Rondon para financiamento de alimentação e transporte para as áreas de atuação.

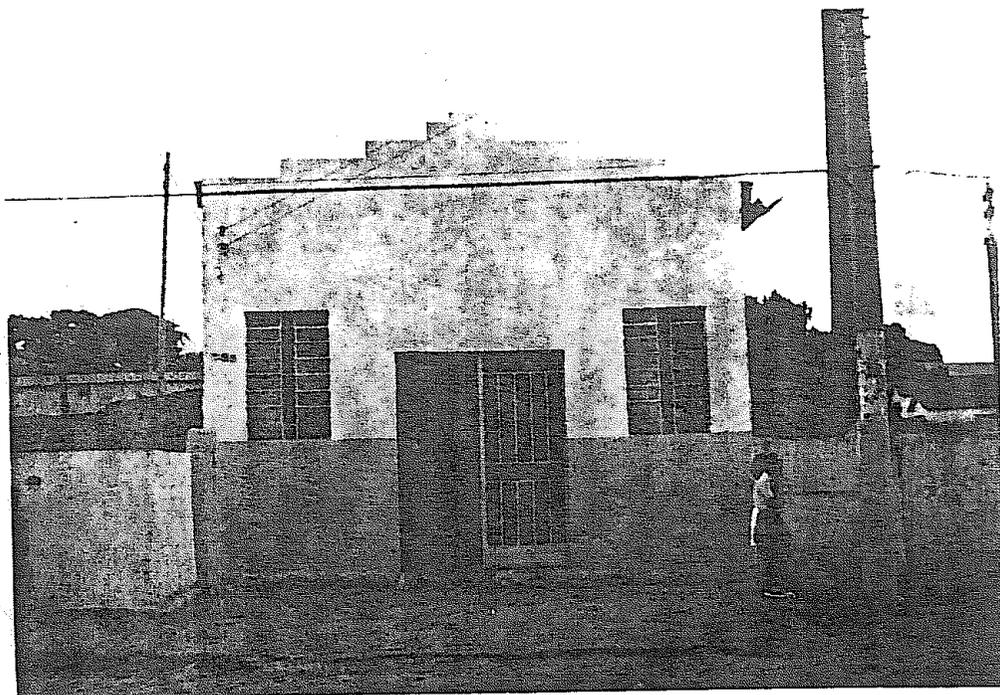
O Projeto de Itaguara e Vila Barraginha tinha o objetivo geral de prestar assessoria aos grupos de moradores de dois bairros de Itaguara - Rua do Alto e Bairro dos Dias - e da Vila Barraginha. Foram desenvolvidas várias frentes de trabalho em função das demandas e necessidades das comunidades e das possibilidades de atuação dos estagiários. Nesses dois projetos, havia alguns pontos que, desde o início, foram significativamente facilitadores, quais sejam:



- Creche de Vila Barraginha



- Igreja de
Vila Barraginha

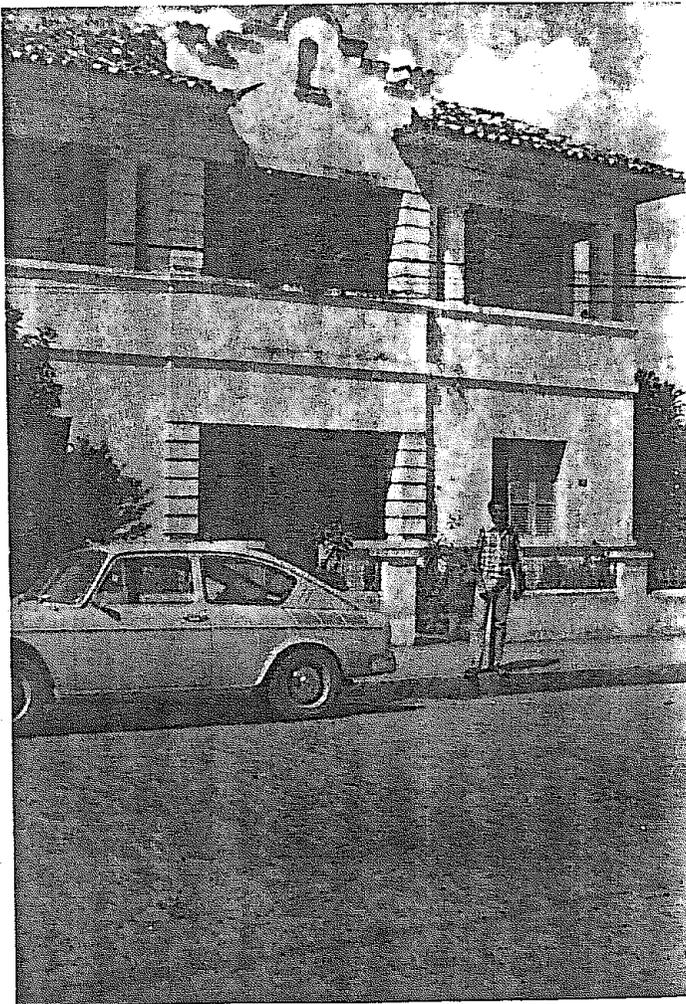


- ITAGUARA
Vista geral
da cidade

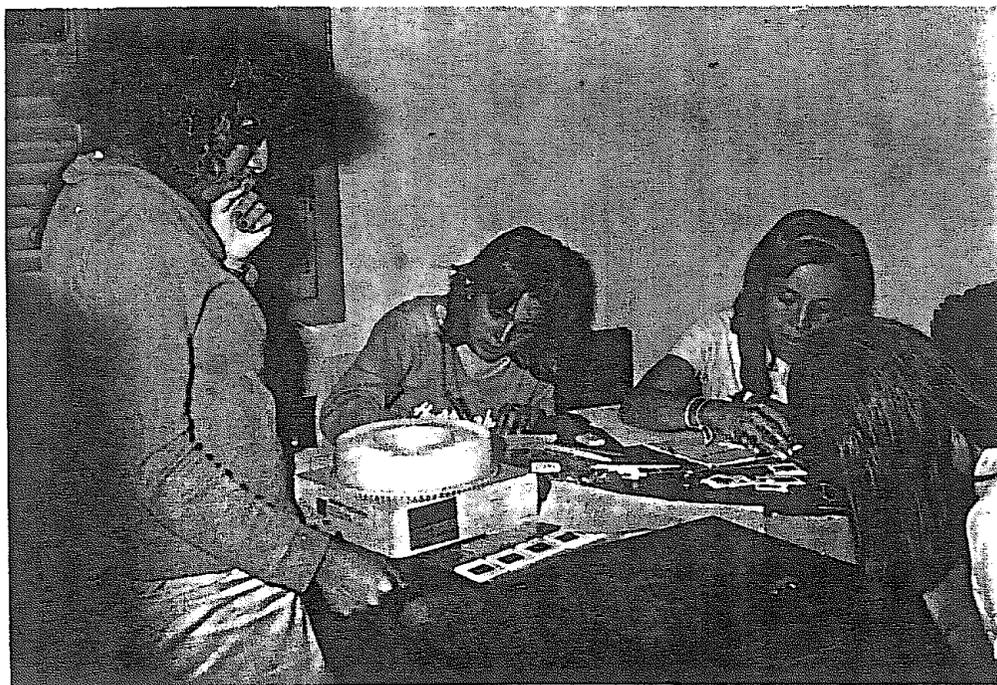


- Festa Popular
Itaguara





- Casa Paroquial
de Itaguara



- Itaguara
Reunião de
equipe

a grande aceitação e/ou demanda dos trabalhos por parte das comunidades;

a participação do grupo da Pastoral de Itaguara e dos grupos comunitários já existentes na Vila Barraginha;

a continuidade ou a constância de participação dos mesmos alunos nas duas equipes, por um período nunca inferior a seis meses;

a orientação e supervisão semanal dos alunos estagiários, feito na UCMG;

a supervisão regular em campo, feita por professores da UCMG.

FORMA DE AVALIAÇÃO DO PRODAC NA ÉPOCA

Dessa forma, o trabalho, desde o seu início, parecia levar vantagens em relação ao **Campus** Avançado, que, em função de sua stância, impedia que algumas dessas situações acontecessem.

Por outro lado, havia, também, pontos de dificuldades, e se mantiveram como uma constante, apesar de todo o desenvolvimento e crescimento do trabalho. Foram eles:

dificuldades de se encontrar horários comuns para a orientação e supervisão dos estagiários, pelo fato de o estágio não ser curricular para o curso de Psicologia;

dificuldades para conciliação dos horários dos professores supervisores;

dificuldades, por parte da UCMG, de encarar a orientação e supervisão de estagiários como atividade docente, já que era realizada fora da sala de aula, e, geralmente, para pequenos grupos de alunos de vários cursos;

- dificuldades para que professores, geralmente pagos à razão de hora-aula ministrada, assumissem encargos extraordinários.

Além dessas duas novas frentes (Vila Barraginha e Itaguara), o PRODAC foi responsável pela elaboração do Anteprojeto "Vale do Jatobá - Implantação de Nova Frente de Ação"; do Projeto de Aperfeiçoamento de Professores Rurais dos Municípios de Araçuaí e Itinga, financiado pela CODEVALE - Cia de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha; e do Projeto da VI Feira de Artesanato, realizada no mês de maio/82, em Belo Horizonte, no **Campus** da UCMG.

Membros da equipe participaram de vários seminários em Departamentos da UCMG, e a Coordenadora da equipe acompanhou grupos de professores e alunos dos cursos da UCMG, que fizeram visitas ao **Campus** Avançado, para conhecer de perto o trabalho realizado.

Em termos de retorno para a Universidade, os trabalhos realizados pelo PRODAC produziram alguns reflexos significativos. Os currículos e programas dos vários cursos estavam voltados para outra realidade, pensando problemáticas de outra população. Metodologias de ação tiveram de ser alteradas e recriadas. Os alunos que voltavam do estágio geralmente traziam preocupações novas e questões diversas das usualmente levantadas em sala de aula.

Houve dificuldade com muitos professores, que não aceitavam discussões sobre possíveis mudanças em seus conteúdos programáticos e métodos de trabalho. Por outro lado, muitos deles se interessavam pelos trabalhos e pelas discussões deles decorrentes, procurando introduzir, na medida do possível, mudanças nos programas de suas disciplinas, ou criando oportunidades para que seus alunos fizessem pequenos estágios ou trabalhos práticos junto aos projetos de extensão, como por exemplo, o estágio que os alunos do curso de Psicologia, disciplina Psicologia Social, fizeram na Zona Rural de

Itaguara, trabalhando com os aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais de uma escola rural do distrito de Bela Vista.

Foi também incluída no currículo do curso de Comunicação Social a disciplina Comunicação Rural, como reflexo dos estágios dos alunos do CAVJ. Ainda em relação ao curso de Comunicação, de acordo com a Professora Tereza Magalhães Coelho, Coordenadora do PRODAC, ele foi muito beneficiado com o trabalho de extensão no CAVJ, mesmo antes da formação da equipe do PRODAC. Ainda não sabiam como trabalhar na área de comunicação rural, e através do CAVJ conseguiram subsídios importantes e desenvolveram técnicas mais úteis para o trabalho com esse tipo de comunidade. Ainda segundo a Coordenadora, o Departamento de Comunicação teve um grande impulso por ocasião do trabalho no CAVJ, principalmente nos três primeiros anos, de 1973 a 1976. O Departamento de Educação executou seu primeiro projeto com professores rurais, no município de Araçuaí, com uma equipe de professores e alunos trabalhando com o PRODAC. Sob a coordenação do PRODAC, um professor e alguns alunos do Departamento de Engenharia Elétrica executaram trabalhos na cidade de Ibitité/MG, sendo esta a primeira experiência desse Departamento com comunidades de baixa renda. A Coordenadora do PRODAC lembra, ainda, que o curso de Serviço Social desenvolveu sua primeira atuação em área rural através do próprio PRODAC⁹.

Do ponto de vista dos estagiários entrevistados, a maioria deles sempre foi de opinião de que o estágio no PRODAC significava uma experiência pedagógica muito rica, e alguns chegavam a considerá-lo como superior a um semestre letivo, em termos de aprendizagem e amadurecimento profissional. É importante, ainda, ressaltar que muitos dos alunos que participaram dos estágios do PRODAC trabalham hoje como técnicos em vários órgãos que atuam no

9 - Ainda sobre o retorno para os Departamentos, consultar "PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO DAS AÇÕES DE 'EXTENSÃO' DA UCMG", documento produzido pelo PRODAC em 1982.

Vale do Jequitinhonha, bem como em outras regiões do Estado.

Preocupado com a questão do retorno dos trabalhos de extensão para a Universidade, o PRODAC procurou produzir e divulgar textos, documentos, projetos e relatórios que apresentavam e analisavam suas experiências. Dois deles merecem maior destaque. O primeiro, "NOTAS DO PRODAC PARA COLABORAÇÃO NA DISCUSSÃO DA 'EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA' NA UCMG", é o resultado de discussões da equipe sobre Extensão Universitária. Na introdução do trabalho, são explicitados os seus objetivos:

"Tomamos, como subsídios para nosso trabalho, documentos anteriormente produzidos pela Universidade, os resultados dos nossos trabalhos de campo (Vale do Jequitinhonha, Itaguara e Barraginha) e algumas publicações sobre Extensão Universitária, Educação Popular, Ação Comunitária, etc.

Trata-se de algumas reflexões iniciais sobre as formas de se conceber a extensão universitária, tomando como ponto de partida a relação da Universidade com a Sociedade e as funções de uma Universidade Católica".

O documento prossegue:

"Resolvemos apresentar esta proposta para maiores discussões, envolvendo a comunidade acadêmica, pois acreditamos que só da reflexão coletiva poderá resultar um projeto, mais elaborado, e com maiores possibilidades de ser assumido efetivamente". (UCMG, 1982b. p. 1)

O documento tece algumas considerações sobre a função da Universidade enquanto católica, discute a relação entre Universidade, mercado de trabalho e necessidades sociais; a relação da Universidade com a comunidade e algumas concepções de extensão universitária. Para finalizar o texto, é apresentado o PRODAC, com uma explicação geral sobre seus objetivos e possibilidades de atuação integrada com os vários Departamentos da UCMG. O último parágrafo

do Documento chama a atenção para a necessidade de um trabalho integrado como a única forma de viabilização dos projetos do PRODAC:

"Nesta perspectiva, o PRODAC, enquanto proposta de trabalho, só se viabilizará se congregarem efetivamente os diversos Departamentos como parte integrante sua, naquelas frentes conjuntas de trabalho". (UCMG, 1982b. p. 11)

O segundo documento significativo, "PROPOSTA DE INTEGRAÇÃO DAS AÇÕES DE 'EXTENSÃO' DA UCMG", como o próprio título indica, procura apresentar propostas de trabalho visando a uma maior participação dos vários Departamentos da UCMG no trabalho de extensão, e buscando maior integração entre ensino, pesquisa e extensão. Um item importante do documento apresenta uma avaliação dos trabalhos, como uma tentativa de responder à seguinte pergunta: "É possível um retorno para o Departamento?"

O quadro da página seguinte, retirado desse item, sintetiza essa proposta.

O documento apresenta, ainda, algumas "Formas de viabilização do Estágio Curricular em torno da Extensão Universitária", com ênfase no "Anteprojeto Vale do Jatobá - Implantação (Nova Frente de Extensão)". É apresentada a seguinte justificativa para a criação dessa nova área de atuação:

"Partindo da necessidade de oferecer aos alunos uma formação profissional através de um aprendizado vinculado às comunidades carentes, a Coordenadoria de Extensão, através do PRODAC, propõe a abertura de mais uma frente de "Extensão" Universitária.

Esta frente de Extensão será mais uma das que constituem o "Campus" Aproximado da UCMG". (UCMG, 1982c. p. 11)

O PRODAC pretendia, a partir da experiência acumulada

ENTRAVES NAS FRENTES DE EXTENSÃO NOS TRABALHOS ANTERIORES	PROPOSTA PARA A REALIZAÇÃO DE UM TRABALHO DE EXTENSÃO, HOJE
<ul style="list-style-type: none"> - Desligamento da estrutura dos Cursos aulas e estágios curriculares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incorporação a "Extensão" à estrutura normal dos Cursos-aulas-estágios curriculares.
<ul style="list-style-type: none"> - Falta de docentes no Departamento para acompanhar as atividades de "Extensão". 	<ul style="list-style-type: none"> - Motivar e indicar os docentes dos Cursos com habilidades exigidas para execução dessa forma de Ensino.
<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação com o orçamento elevado do Departamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Se a "Extensão" é incorporada como ensino na estrutura do Curso, não haverá sobrecarga de recursos financeiros.
<ul style="list-style-type: none"> - Até agora a "Extensão" na Universidade dependeu do interesse de alguns Chefes de Departamentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - É necessário que a Universidade leve a proposta de "Extensão" aos Departamentos como uma ação da Instituição.
<ul style="list-style-type: none"> - Descomprometimento dos Departamentos com a "Extensão" trazendo instabilidade ao trabalho comunitário e à formação profissional do aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> - É necessário que os Departamentos se comprometam a manter a "Extensão" evitando o desgaste das comunidades e a não formação profissional dos alunos.
<ul style="list-style-type: none"> - A atividade interdisciplinar nas frentes de trabalho tem sido unilateral. O fato de se ter cursos diferenciados num campo de trabalho não quer dizer que ocorra atividade interdisciplinar. 	<ul style="list-style-type: none"> - A interdisciplinaridade deverá ocorrer no momento em que surgir a necessidade, isto é, se o centro do trabalho no bairro ou grupo é saúde, o Departamento responsável deverá requisitar aos outros Cursos as atividades de acordo com as demandas. Conjuntamente poderão definir o trabalho interdisciplinar.
<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de consenso do conceito de "Extensão" na Universidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover encontros dos Departamentos, Órgãos de Extensão e Reitoria para refletir sobre o que seja Extensão Universitária.

nas frentes anteriores, desenvolver um novo projeto, contando com uma maior participação dos Departamentos da UCMG, a fim de "proporcionar aos alunos uma aprendizagem socioprofissional mediante participação das comunidades envolvidas".

Vê-se, pelo seu conteúdo, que esses documentos buscavam significar o coroamento das pretensões de se estabelecer, efetivamente, uma política de extensão para a UCMG.

Em função de várias dificuldades, das quais já foram citadas algumas, mas principalmente pelo fato de que a extensão continuava sendo considerada uma função menor na Universidade, esses documentos foram utilizados de modo muito pouco participativo, o que não permitiu a produção de novos trabalhos desse tipo. A dificuldade para obtenção de verbas que pudessem financiar os projetos de extensão foi, também, um fator fundamental para que as pretensões do PRODAC não se viabilizassem.

No capítulo seguinte, serão abordados, com mais ênfase, os aspectos considerados como os mais significativos em termos de resultados e possibilidades de avanço para a extensão universitária, decorrentes dos trabalhos desenvolvidos pelo PRODAC.

CAPÍTULO V

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM PROCESSO EDUCATIVO

Este capítulo tem por objetivo comentar as questões centrais utilizadas para a análise da prática pedagógica da extensão universitária realizada pelo PRODAC.

O acompanhamento e a análise dos projetos desenvolvidos, as entrevistas com alunos e professores participantes e a análise de relatos das comunidades envolvidas nos trabalhos mostraram que a extensão realizada sob a perspectiva do PRODAC, ou seja, quando acompanhada de uma reflexão crítica permanente e da busca de uma integração com o ensino e a pesquisa, pode criar possibilidades para que a Universidade consiga momentos de integração entre teoria e prática, bem como encontre alguns caminhos no real sentido de sua função social e da recuperação da necessária integração entre a escola e a vida.

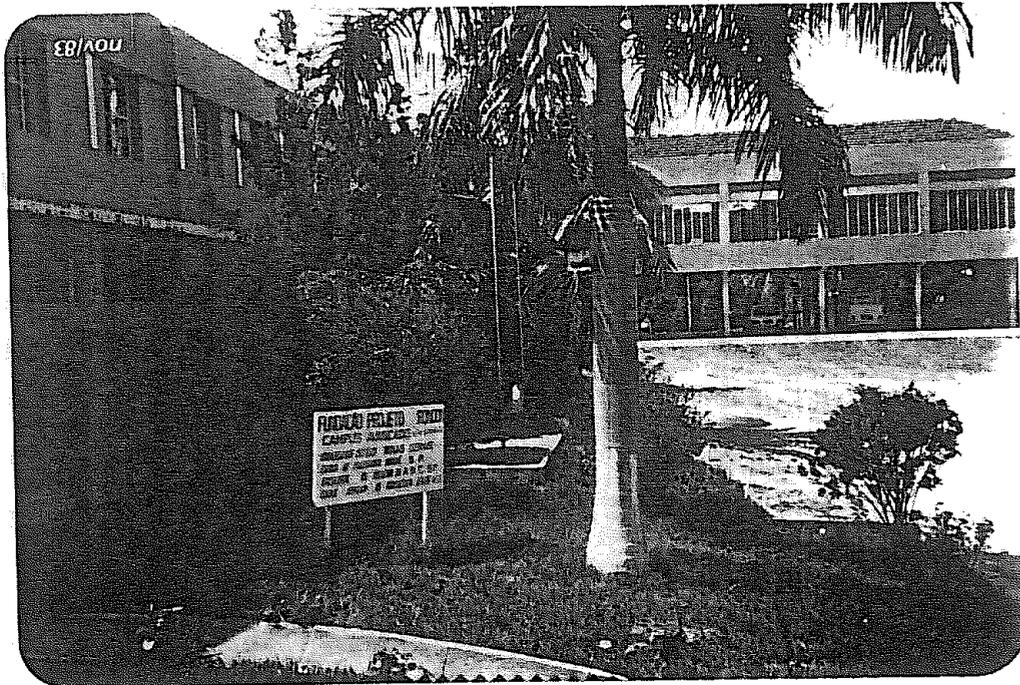
Serão apresentadas, a seguir, algumas opiniões de professores, alunos e membros das comunidades que confirmam ou parecem confirmar as questões centrais que orientam este trabalho. Foram utilizadas entrevistas realizadas com alunos e professores, trechos de relatórios das atividades, falas de pessoas das comunidades em momentos diversos do trabalho, trechos do documentário "Essa Terra Já Virou Tema", realizado pelo PRODAC. Algumas falas se referem aos trabalhos desenvolvidos pelo **Campus** Avançado, em Araçuaí e nas comunidades próximas, outras, aos trabalhos realizados em Itaguara e na Vila Barraginha, na periferia de Belo Horizonte.

Desde a sua instalação, realizada com muita pompa¹⁰, o **Campus** produziu mudanças e provocou reações de várias ordens na população de Araçuaí, desde a perplexidade inicial, passando pela desconfiança e pela incerteza, até a alegria, confiança e vontade de lutar. A fala de Lira, uma das artesãs mais conhecidas de Araçuaí e

10 - De acordo com Tereza Coelho, três aviões aterrissaram em Araçuaí, com os convidados para a festa de inauguração do Campus.



- Sede do CAVJ
Araçuaí



- Pomar do
CAVJ



de todo o Vale do Jequitinhonha, é um exemplo:

"Vinha bastante estudante, todo mundo de camisinha amarela, algumas vezes com coisa extravagante, aqueles chapeuzão de palha, né, chapéu de couro e nós num sabia assim o que eles queriam, vinham fazer; e a casa da gente, a gente às vezes não tinha tudo organizado; a gente não tinha cadeira que comportasse todo mundo; às vezes a sala não comportava, uns entravam, ficavam do lado de dentro, outros do lado de fora e aquilo prá mãe era um horror; ela sentia assim vergonha, às vezes ela corria, muitas vezes ela correu; às vezes ficava né..." (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema".)

EXTENSÃO COMO LUGAR DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

Em primeiro lugar, essas experiências parecem haver significado muito mais do que um simples "campo" para a prática acadêmica. Para o grupo nelas envolvido, teriam sido "lugar" de uma prática pedagógica muito rica, e que, por isso mesmo, proporcionaria uma aprendizagem significativamente superior. A relação professor-aluno estabelecida nesse tipo de trabalho seria também diferente. Ela permitiria que o docente estivesse muito mais próximo do aluno, e que, juntos, ambos se relacionassem com o "objeto de trabalho e de conhecimento". As dúvidas e as certezas de um e de outro seriam compartilhadas, sendo os resultados (erros, acertos, projetos, propostas, dificuldades, teorias, etc.), portanto, uma produção coletiva.

Isso permite constatar que um contato mais constante com a realidade, associado a uma reflexão teórica anterior, talvez ensine muito mais do que cursos transmitidos apenas em sala de aula, além de possibilitar uma troca de experiências com as comunidades nas quais se trabalha. Assim, todos, ao mesmo tempo em que ensinam, também estão aprendendo muito. Professor e aluno se defrontam com problemas concretos, acerca dos quais trabalham juntos. Nessa pers-

pectiva, o professor não é o único que sabe, e ensina aos alunos, que não sabem, um saber pronto. No dizer de Guimarães ROSA:

"Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez?" (1980, p. 325)

A aprendizagem passa a ser buscada coletivamente, e parecer, para o aluno, outro sentido. Ele se interessa mais em aprender, pois percebe que o conhecimento não fica restrito ao espaço da sala de aula, e tem alguma utilidade também fora dali.

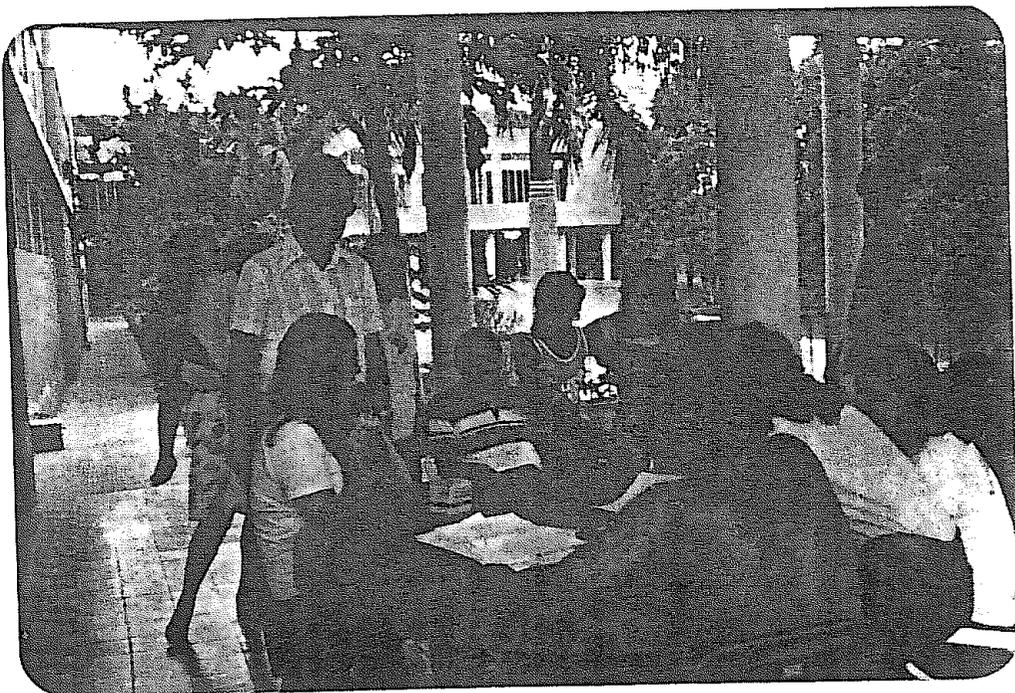
GRAMSCI também nos ajuda a pensar sobre isso:

"Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas 'originais'; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, 'socializá-las' por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais. (...)

O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato 'filosófico' bem mais importante e 'original' do que a descoberta, por parte de um 'gênio filosófico' de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais". (1978. p. 13-14).

Em um TEC - Trabalho de Estágio de Campo, produzido por uma equipe de estagiários de Psicologia, Serviço Social e Enfermagem que atuou na Vila Barraginha, os alunos fizeram as seguintes colocações:

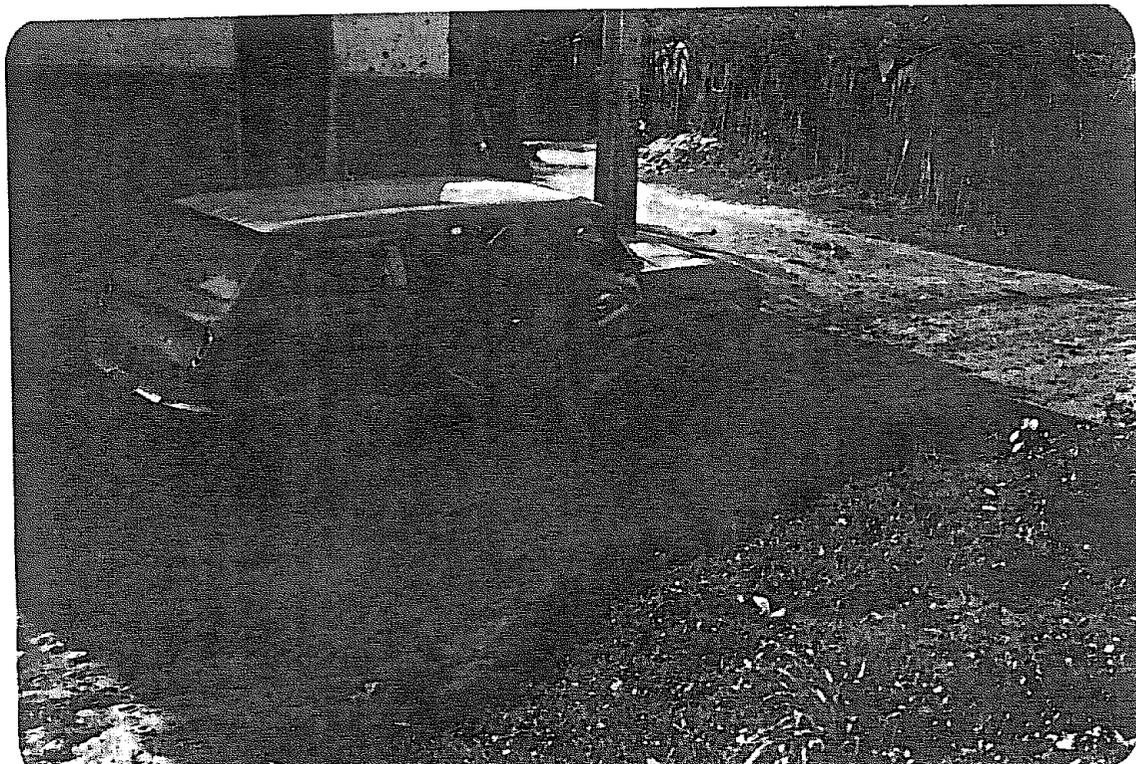
"O grupo que atua em Barraginha 'forma-se' no contato e na troca com a comunidade, em que pode utilizar conhecimento e aprender também. É um processo difícil, em que se deve estar aberto ao imprevisto, ao não conhecido, em que o profissional não mais detém o saber; e a 'verdade' surge na relação com o outro e não pertence a ninguém.



- Reunião de
trabalho no
CAVJ



- Famílias
líderes
Barra da
Barriguda



- Bairro
Pedregulho
Araçuaí

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Esse processo é facilitado pela postura dos supervisores, que não se sentem traídos por não reproduzirmos simplesmente o conhecimento que possuem, e, sim, participam conosco na produção de algo novo.

Todo esse processo envolve contradições, angústias, conflitos, que têm de ser discutidos; à medida que nos propomos a participar de uma ação transformadora, torna-se necessário repensar-nos e modificar-nos.

Sem essa própria vivência, torna-se difícil o assessoramento em outros grupos. Percebemos claramente que o momento vivido pelo grupo interfere diretamente na atuação com a comunidade". (PRATES, 1984. p. 6-7)

O trabalho realizado na Vila Barraginha e em Itaguara foi desenvolvido segundo os mesmos objetivos gerais propostos para o **Campus Avançado**, quais sejam:

"-Dar continuidade ao processo de organização comunitária, trabalhando junto aos grupos já existentes e estimulando a formação de novos grupos;

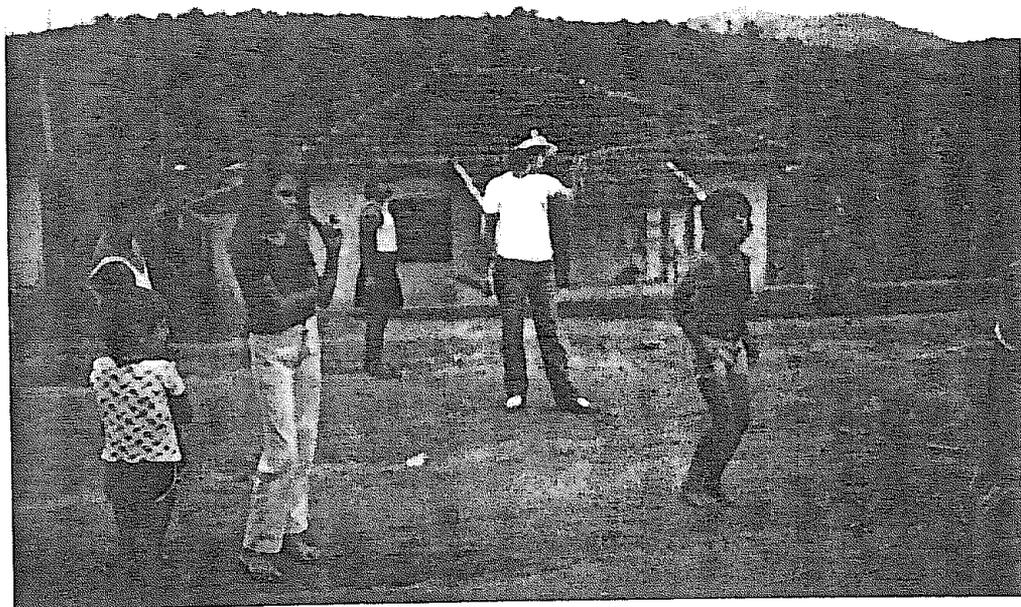
- Estreitar a relação teoria-prática a partir do tema 'Participação Social', buscando, através da vivência na comunidade, identificar, ampliar e reformular os fundamentos teóricos assimilados;

- Documentar, de forma reflexiva, o vivido e o aprendido do referencial teórico, possibilitando a produção e transmissão do conhecimento, através da elaboração de material didático;

- Evoluir em termos de equipe multidisciplinar para interdisciplinar, intensificando a complementaridade entre as áreas de Serviço Social, Psicologia e Enfermagem". (PUC-MG, 1984b. p. 4)

Foi possível perceber, nesse trabalho, uma preocupação com a realidade da comunidade e com sua própria maneira de organização. Procurou-se criar um retorno para a Universidade, a partir das experiências com a prática e a sistematização de textos e relatórios que pudessem ser transformados em material didático.

Em relação ao trabalho desenvolvido em Araçuaí, os esta-



- Itaguara
Bairro dos
Dias



- Itaguara
Bairro dos
Dias



- Casa de Dona
Dorica (Esco-
la Profis-
sionalizante
do Bairro dos
Dias)
Itaguara

giários de Serviço Social falam de suas questões:

"Para nós, que somos filhos do asfalto, ver de perto a realidade brasileira nos coloca uma série de questões. Ao ver, em Araçuaí, as mulheres, na beira do rio, lavando roupa e cantando o Hino Nacional, pensamos: até que ponto a ideologia dominante é reproduzida no cotidiano da classe popular? Essa classe possui um saber? Qual a sua história, do seu ponto de vista?

É importante ter informações teóricas sobre essa realidade, mas é fundamental ter uma identificação pela prática.

Revejo nesta hora tudo o que aprendi. Memória não morrerá." (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Em outros momentos, a descrição de alguns projetos de trabalho, feita por membros da comunidade ou da Universidade, apresenta detalhes significativos de uma extensão universitária que é, ao mesmo tempo, um processo educativo. Em um miniposto de Saúde, a fala de uma agente de saúde realça esse significado:

"A finalidade deste miniposto é: diminuir o índice de mortalidade materno-infantil, socorrer os pacientes na medida do possível, ou senão encaminhá-los ao médico, diminuir a distância para com os pacientes, verificar os cartões de vacina, alertar as mães para vacinarem seus filhos. Tentar aumentar o nível de saúde dentro da comunidade". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Uma estagiária de Enfermagem refere-se assim à sua experiência no trabalho do **Campus**:

"A nossa atuação como enfermeira é feita objetivando, principalmente, a educação para a saúde. Aproveitamos as reuniões, os cultos religiosos, e são propostas as discussões sobre assuntos relativos à saúde, em que orientamos a população. A gente assessora as comunidades na montagem de farmacinhas, estimula o uso das plantas medicinais que possuem, e treina os agentes

de saúde. A nossa atuação não é apenas no nível biológico e fisiológico, mas, principalmente, no nível social e educacional, de acordo com seus recursos; tratamos o doente como um todo, e não a doença. É um trabalho muito mais amplo e essencialmente humano, do que apenas a execução de técnicas hospitalares". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Já na fala de uma estudante de Odontologia, são realçados alguns aspectos da prática de integração entre o trabalho de prevenção e cura:

"A Odontologia Integral visa à conjugação do trabalho preventivo com o trabalho curativo, desmonopolizando o saber odontológico através do trabalho técnico, que permite, entre outras coisas, o aumento da cobertura sem prejuízo da qualidade. São cinco técnicas e um técnico de manutenção, todos eles da própria cidade, selecionados por concurso, e treinados através do curso teórico-prático. A simplificação faz parte da odontologia integral e possibilita a diminuição dos custos da prática odontológica, facilitando o manuseio do equipamento.

As técnicas realizam um trabalho de restauração e higienização oral. Essa clínica é móvel, e percorre cinco grupos escolares da cidade, dando atendimento às crianças, a partir dos 7 (sete) anos de idade. (...)

Prevenção à cárie e doença gengival: evidenciação de placa bacteriana feita pelas próprias crianças. Escovação dental diária e bochechos quinzenais com fluor. Há a participação direta da professora. (...)

Esse programa teve o financiamento do Minter por via da Secretaria do Planejamento e Codevale. Funcionou a partir de setembro de 1981 até julho de 1983. Nosso trabalho teve como objetivo principal mostrar aos órgãos governamentais que é possível melhorar as condições de saúde oral da população brasileira, não só com um trabalho curativo, mas fundamentalmente com a prevenção, desenvolvendo um trabalho técnico e a simplificação, que trazem consigo uma nova perspectiva para a prática odontológica. Como resultado, a Secretaria de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais não só irá manter o trabalho na cidade de Araçuaí, como também o estenderá para outras cidades do Vale do Jequitinhonha". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Saindo de Araçuaí, os trabalhos desenvolvidos nos "campi aproximados" de Vila Barraginha e Itaguara permitem salientar alguns desses aspectos. Assim, em um relatório da equipe de estagiários, são feitas as seguintes colocações:

"Membros da comunidade estão-se colocando mais nas reuniões e avaliando, inclusive, a sua própria participação. (...)

À medida que têm mais contato com a comunidade, os estagiários sentem maior firmeza. Aham, também, que o questionamento é importante para a equipe e para a população". (PRODAC - Relatório de Atividades em Barraginha e Itaguara)

Em um caderno de supervisão dos trabalhos, as seguintes anotações foram feitas:

"Em Barraginha está havendo maior participação dos pais nas questões da creche, por exemplo, presença maior nas reuniões e um mutirão para fechar com cimento uma antiga cisterna. (...)

Em Barraginha e Itaguara está havendo participação dos jovens da comunidade na preparação da Rua da Brincadeira. (...)

O salto da população da Rua do Alto: recebia esmolas e favores e passa a ser reivindicativa". (Notas de Supervisão de Estágio)

O processo educativo não se refere apenas aos alunos e docentes da UCMG, mas também à comunidade. A população também aprende e cresce, nesse processo.

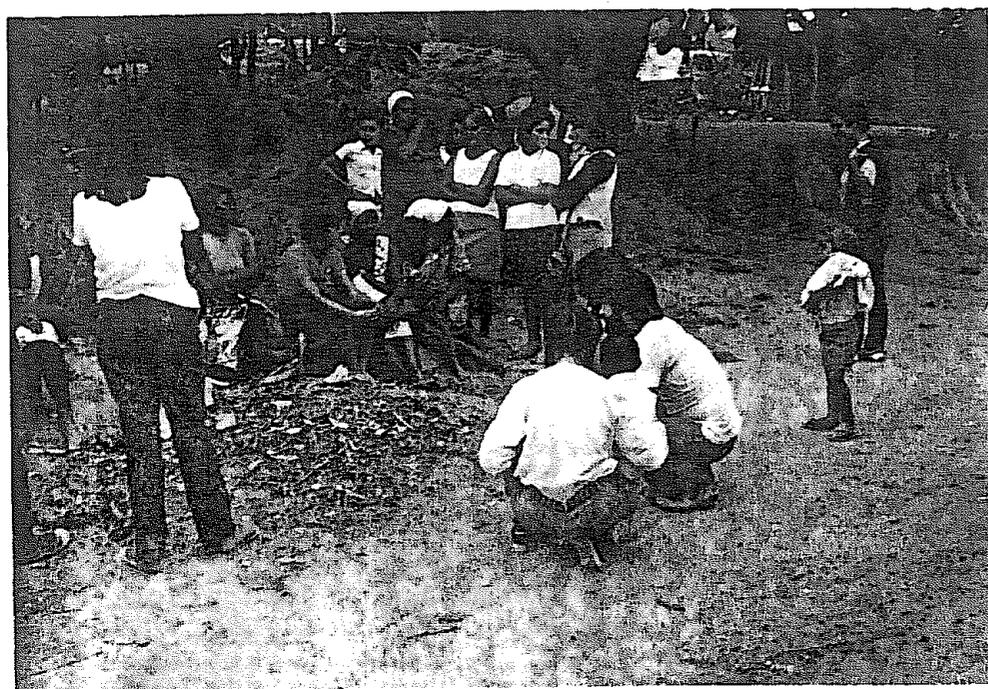
EXTENSÃO COMO LUGAR DE UM CONSTANTE REPENSAR DAS TEORIAS

Outro significado da extensão universitária, para o grupo, era de que ela seria, também, "lugar" de um constante repensar das teorias aprendidas, pois, quando se estava em Araçuaí, Itaguara, ou



- Rua do Alto
Itaguara

- Rua do Alto
Os moradores
recebem os
brinquedos
para conti-
nuarem as
atividades
com as crian-
ças



- Rua do Alto
A despedida...

ainda na Vila Barraginha, não se aplicavam simplesmente os conhecimentos que se tinha da Psicologia, do Serviço Social ou da Enfermagem, mas se buscava, com base naquela realidade, captar uma "nova dimensão" dessas mesmas áreas de saber, contribuindo para sua sistematização.

No caso do Departamento de Psicologia, quando o trabalho foi iniciado, em Araçuaí, não se sabia muito o que fazer, e que Psicologia produzir, mas se sabia muito bem o que não deveria e não poderia ser feito; que técnicas não deveriam ser usadas, que conhecimentos não se adequavam àquela realidade. Mais uma vez, o contato possibilitado por essa forma de extensão comunitária questiona as teorias ensinadas e aprendidas na Universidade. A prática assim desenvolvida parece oferecer material e condições para a elaboração de novos conhecimentos sobre a realidade. Daí ser possível pensar a extensão como um "lugar" de produção de conhecimento.

Embora as falas anteriores já tenham fornecido dados sobre tais questões, outros comentários de professores, alunos e membros das comunidades ajudam a compreender o significado da extensão universitária pensada como um processo educativo.

Uma estagiária do curso de Serviço Social fez uma colocação a respeito da aprendizagem desenvolvida na "prática":

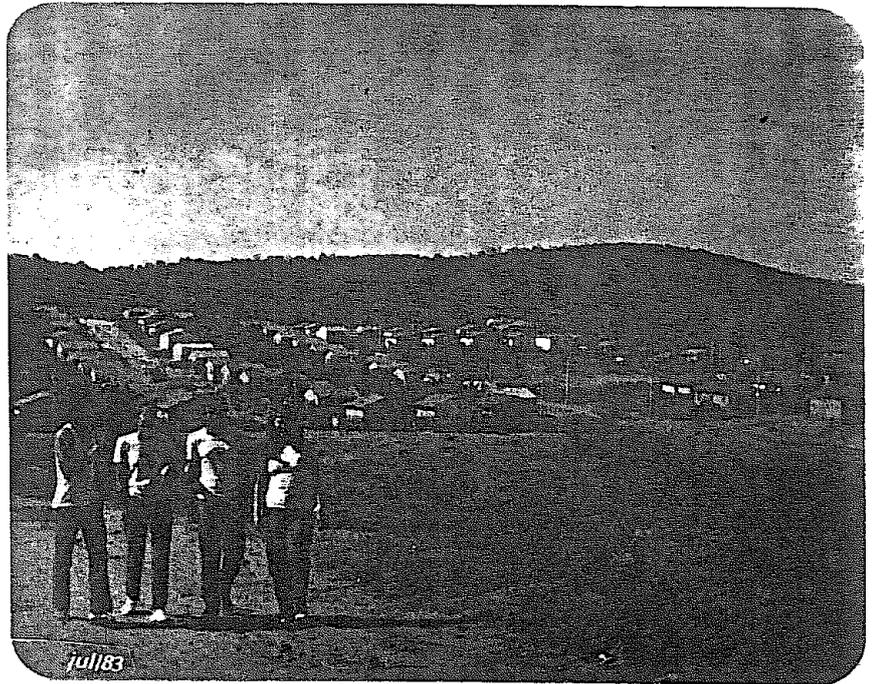
"Aqui a gente levanta cedo, e o trabalho começa logo; vai à comunidade, faz relatórios, é uma rotina gostosa; o tempo todo a gente se sente realmente ao lado do povo, aprendendo na prática aquilo que não se aprende na sala de aula". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Ainda recorrendo ao Documentário, observa-se a fala de professores, alunos e moradores, que chamam a atenção para o processo de aprendizagem coletiva desenvolvido a partir de uma grande in-



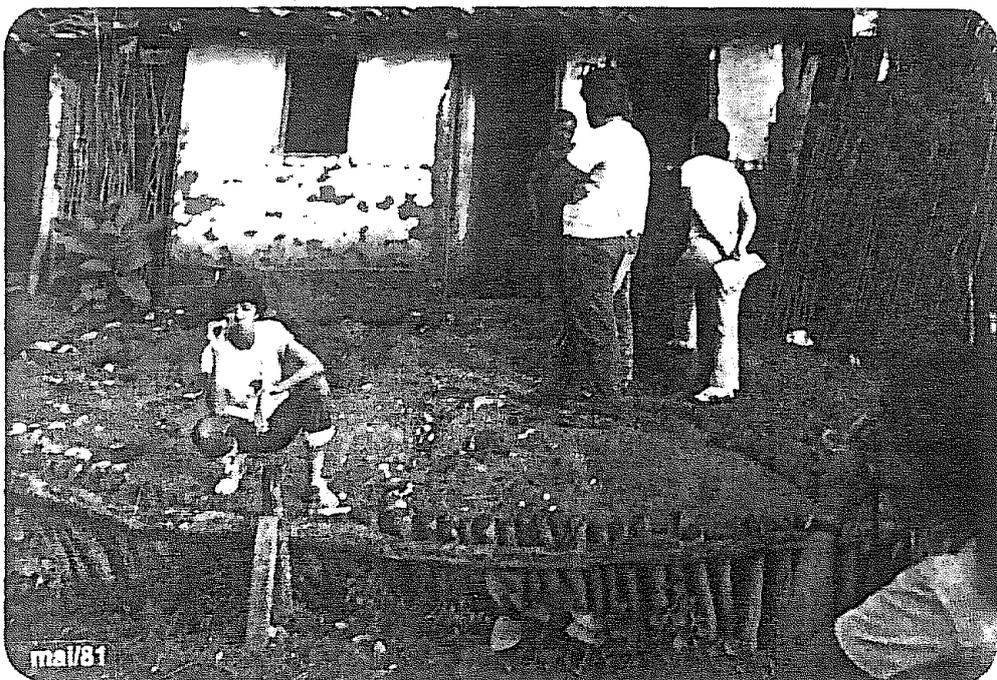
- Travessia do Rio
Jequitinhonha
Itinga

mai/81



Bairro Mutirão
Araçuaí

jul/83



- Bairro Pipoca
Araçuaí

mai/81

teração entre a teoria e a prática, destacando sempre a aprendizagem ocorrida no contato com a realidade social.

Prof^a Cecília Caram, do Departamento de Psicologia:

"A experiência no Vale contribuiu para o replanejamento do conteúdo e da metodologia de ensino de algumas disciplinas do curso, que encontraram alternativas para estreitar a relação teoria e prática. Forneceu também dados para as discussões acerca da reforma curricular do Curso de Psicologia como um todo, que essencialmente visa a seu engajamento no processo de mudança social brasileiro. Provocou inquietações nos alunos e professores, que geraram a elaboração de vários textos reflexivos e de projetos relativos à atuação do psicólogo e sua formação profissional.

Finalmente, acreditamos também ter contribuído para a comunidade escolar de Araçuaí, através do Projeto Psicologia Escolar, que nos colocou em contato com as evidentes causas sociais do insucesso escolar. Nesse sentido, encaminhamos os dados à Secretaria de Educação, como colaboração ao seu 'Plano de Reestruturação Educacional' no Estado de Minas Gerais".

Uma estagiária, também do Departamento de Psicologia, ressalta:

"Descobrimos que a única porta aberta para a Psicologia dentro de uma escola é a porta da Pedagogia, e foi por ela que entramos. Foi conhecendo o dia-a-dia de uma sala de aula, dando aulas na Escola Estadual Leopoldo Pereira, que conseguimos, pelo menos, orientar as professoras com a realidade do aluno. Nossa filosofia de trabalho consistia em não deixar que o ensino fosse uma espécie de roupa de tamanho único, que serve para todo mundo, mas como algo presente e flexível, de acordo com a realidade concreta e social". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

A experiência vivida em Vila Barraginha também é analisada como uma oportunidade importante para a formação profissional. Um dos estagiários que lá atuaram, quando entrevistado sobre essa ques-

tão, respondeu da seguinte maneira:

"O estágio está contribuindo para sua formação profissional?"

- Muito. Muito mesmo. Se não fosse esse estágio, ou o que esse estágio mobiliza em mim, eu acho, é claro, que estaria muito aquém do que eu estou agora. Tem me propiciado muito, tem sido muito importante para minha formação acadêmica; inclusive eu acho que deveria ser um estágio instituído para o Curso de Psicologia, ou pelo menos uma oportunidade que se pudesse dar para todas as pessoas que estão se formando em Psicologia. Eu não digo esse estágio só não; eu acho que o espaço da prática deve ser oferecido, ser propiciado para todas as pessoas, em todos os cursos, se não você corre o risco de estar sempre falando de uma realidade que você não conhece, estar sempre falando do discurso dos outros (...). Se você tem um espaço para produzir conhecimento, você vai estar falando de uma coisa que você fez, que você exerceu, e isso dá muita segurança profissional. Eu não acredito numa formação acadêmica sem uma prática". (Entrevista gravada)

EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE AÇÃO NA PERSPECTIVA DE UMA TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

A extensão universitária, nessa perspectiva, teria também o significado de um espaço que contribui para ações objetivando uma transformação da sociedade, à medida que se está atendendo a uma população que, até então, nunca ou quase nunca teve acesso a tais serviços. As atividades eram desenvolvidas com objetivos sócioeducativos, numa perspectiva de mobilização da população em torno da luta por melhores condições de vida. Era assumido muito mais um papel de assessoria, de "estar junto" com a população na luta, do que um papel de ensinar-lhes o que deveria ser feito, ou deixar de ser feito. Procurava-se sempre entender e esclarecer os determinantes sociais dos problemas e necessidades com os quais o grupo (professores, alunos e comunidade) se defrontava.

As falas a seguir mostram um pouco desse processo.

Para alguns moradores e lideranças locais, a presença do **Campus** Avançado em Araçuaí era tão fundamental que eles temiam que sua saída significasse um retrocesso para as comunidades. Uma artesã, Zefa, fala de como os estudantes e professores do **Campus** ensinavam e de como eles contribuíram para melhorar as relações entre as pessoas, principalmente os pobres:

"O **Campus** - por intermédio do **Campus** - de 10 anos para cá, Araçuaí está muito civilizada, eu posso provar, porque sou pessoa de fora. Moro aqui há 23 anos. Quando eu mascateava, nem o pessoal do lugar não sabe contar tanto do jeito que eu conto, porque eu mascateei cinco anos, andando sem parar, dentro de Araçuaí. Eu vendia jóia rica para os outros, mas eu não tinha valor. Quem tinha valor era o dinheiro que eu preparava para entregar aos meus senhores.

Eu passava por pessoas que tinham dinheiro. Eu parecia que era uma sombra. Eu não era ninguém. Eu dava um bom dia e ninguém nunca respondia. Durante 5 anos eu era uma pessoa desgostosa porque não tinha apoio de ninguém. Eu era feliz pra trabalhar, mas não era uma pessoa que estivesse à altura, pelo menos pra receber um bom dia dos outros, das pessoas que eram ricas. E depois que surgiu o **Campus**, que vieram os professores, visitantes de todos os países, estudantes com aquela alegria toda, com aquele apoio que davam à pobreza, o **Campus** foi a maior história, foi o maior livro de ensinamentos. Com poucos dias todo mundo dava bom dia. Todo rico, hoje em dia, sabe cumprimentar. Pareceu uma escola, todo mundo faz conta da pobreza, a pobreza não é mais desprezada. É por isso que nós teremos desgosto se o **Campus** acabar. Eu acho que se o **Campus** acabar vai haver também grande diferença dentro das comunidades de Araçuaí". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

E na fala de Lira, uma outra artesã, destaca-se a valorização do trabalho artesanal:

"É o que eu já falei e falo sempre, falo pra várias pessoas; é que se não fosse o **Campus** aqui não tinha

essa Associação dos Artesãos, porque foi com a vinda do **Campus** aqui, em 74, lembro muito bem, eu fazia minhas coisas e ninguém conhecia; a não ser poucas pessoas que conheciam o meu trabalho". (Documentário "Essa Terra Já Virou Tema")

Dona Tô, certamente a mais conhecida líder comunitária de Araçuaí, e uma das mais respeitadas, conta a história das lutas levadas em seu bairro e coloca sua preocupação:

"É, a nossa luta da Associação foi assim, a gente vivia aqui nos Bairros São Jorge e Itatiaia isolados. Não tinha água e nem luz. Então, quando foi um dia, a gente conversando com Dom Silvestre, ele perguntou: como vocês vivem assim, sem água e luz no Bairro? O que vocês gostariam de fazer para obter água e luz? Então a gente reuniu os moradores do Bairro e, através de reunião, começamos a reunir e discutir os assuntos, todos os nossos direitos. Aí, através de passeata, abaixo-assinado e muito pedido com as pessoas das entidades, e através das reuniões, a gente fazia direto; entrosamos com o **Campus**, com os estagiários, e a gente nunca mais parou com a luta. Então fazia passeatas, abaixo-assinados e vários pedidos, com as entidades também. Um dia, a gente foi, numa passeata, mais ou menos umas duzentas pessoas, até a casa do Prefeito e o Dom Silvestre também foi junto. Baldes de água, luz, com as velas acesas, lampião de querosene e muitas faixas, com várias frases. Dom Silvestre ofereceu 15 metros de morim para essas faixas: com muita ajuda dos estagiários do **Campus** - eles é que fizeram as faixas para nós. A gente ia pela rua gritando. E o Dom Silvestre perguntava: gente, o que vocês querem? A gente respondia: água e luz. A quem estão pedindo? Pro nosso Prefeito, João Rodrigues de Oliveira. Então, a gente ia cantando este canto pelas ruas: 'Estava triste sentado quando alguém me falou: procura nosso Prefeito, ele é o nosso salvador; Bairro São Jorge e Itatiaia sofreu, lá não tem água e está escuro como um breu, Senhor Prefeito, dó no seu coração, e mande água e luz, nos tira da escuridão'.

Isso era gritando pelas ruas. Quando a gente chega até a casa do Prefeito, a Loura ignorou com a gente, a esposa do João: Ah, mas João tem um coração do tamanho de um boi, aceita tudo; greve aqui em casa. Eu falei pra ela: Loura, isso não é greve, nós tão pedindo um direito nosso. Então, a gente vai pedir a Prefeito de outra cidade?!

ocê lembra, João, aquele dia que ocê entrou lá em casa e nos garantiu que até o dia 20 de janeiro nós tínhamos água e luz na nossa rua? Aí ele falou: garanti, sim.

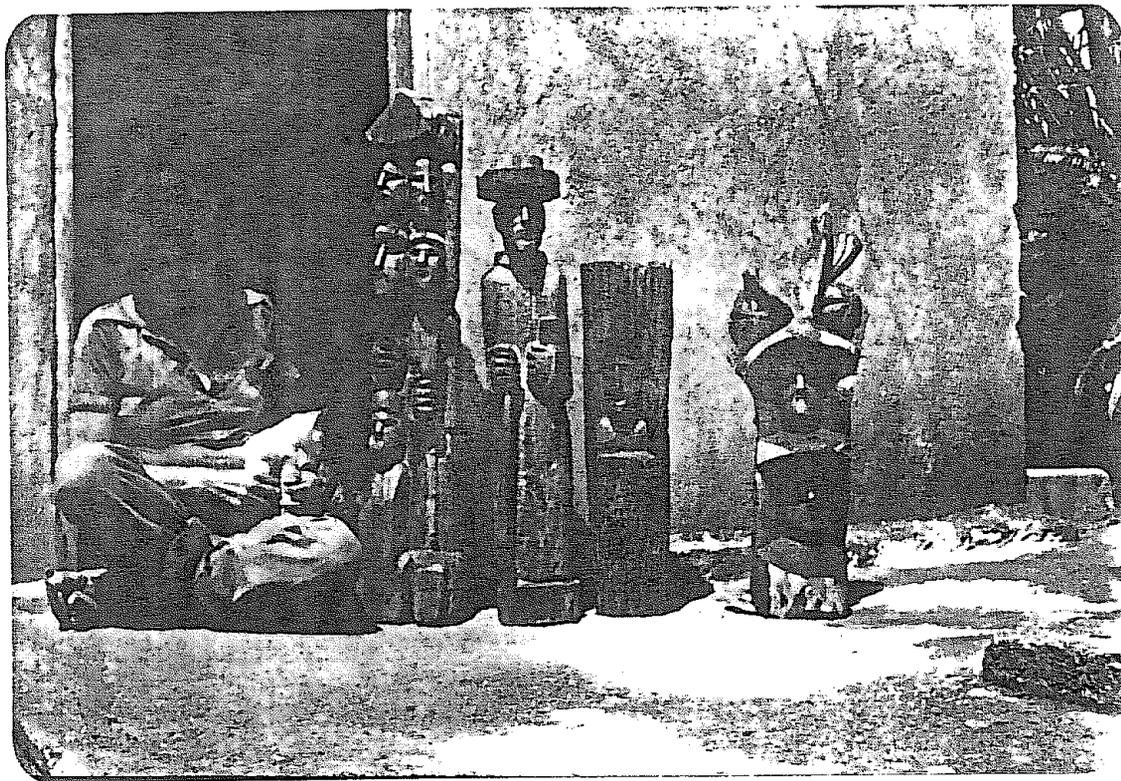
Pois é, então nós viemos pedir é isso ao senhor. O nosso direito. O Paulinho, estagiário do **Campus**, falou assim: João, dá os direito desse pessoal.

Ele falou assim: não está nas minhas mãos. Eu falei: tá sim, João, você, como Prefeito, isso é coisa que você pode resolver.

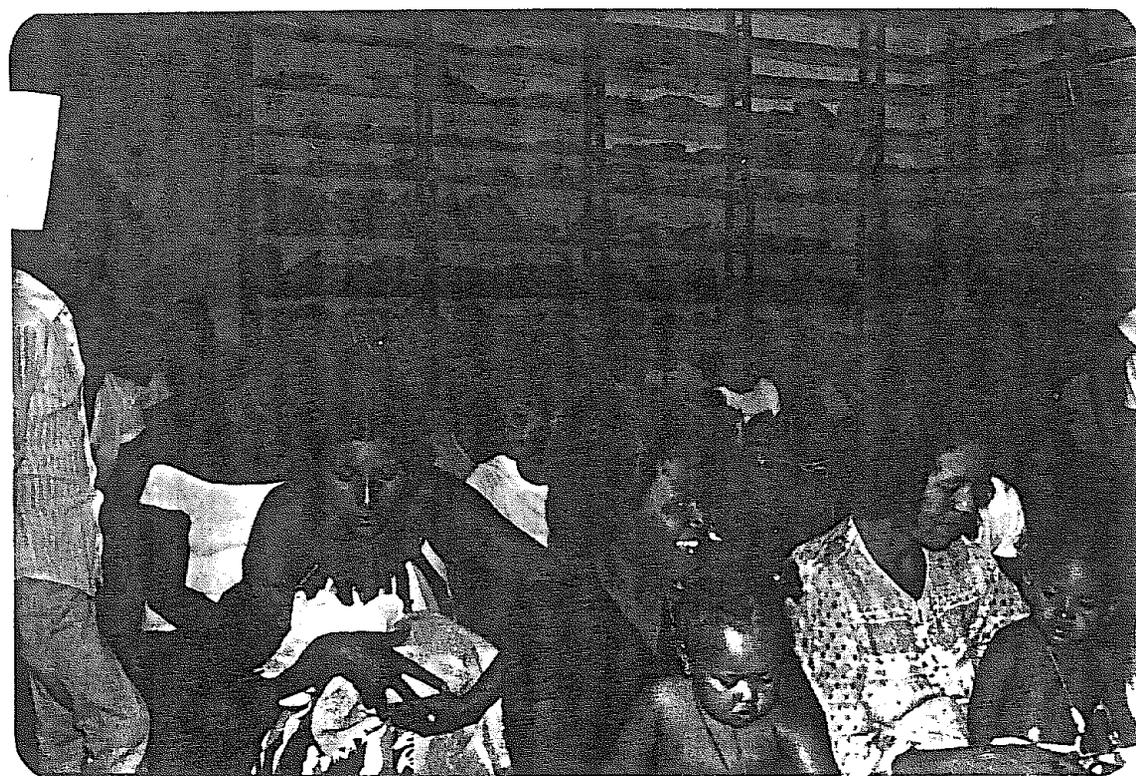
Depois, na semana seguinte, já vieram as aberturas de ruas, abertura dos esgotos para colocar os canos; aí continuamos com a nossa luta e obtivemos água e luz para o nosso bairro. Mas não é só isso que nós queremos não. Nós queremos mais coisas; e eu gostaria também que o **Campus** Avançado não acabasse agora, porque a ajuda nossa, a ajuda do **Campus** Avançado prá nós foi muito importante, e com as comunidades também; eu creio que sem o **Campus** estão sujeitas muitas comunidades a parar o trabalho; porque o **Campus** Avançado nos ajudou demais". (Assessoria à Organização de Movimentos Populares)

Já o "Seu Luís", Presidente da Associação dos Artesãos, fala de mudanças nos valores e costumes da população e da valorização do artesanato:

"A valorização do artesanato aqui pra nós foi a partir da instalação do **Campus** Avançado em Araçuaí. Apenas o artesanato utilitário, aquele de necessidade na vida das pessoas era comprado aqui na cidade. Mas o outro, de uma forma, de um modo geral, não tinha interesse nenhum. Depois do **Campus** Avançado aqui, a gente viu aí a cerâmica, é, pra colocar numa mesa ou coisa assim, e mesmo o chapéu de couro, que era usado pelo lavrador ou vaqueiro, ele passou a ser usado também por pessoas da cidade, por ver aqueles rapazes, aquelas moças usar aqui na cidade; aquelas bolsas de couro, a sandália de couro com solado de pneu também não era de interesse de ninguém aqui na cidade andar com aquilo nos pés ou com a bolsa de lado, ou qualquer coisa assim. A partir desses rapazes, com nível de estudos já bem mais graduado, então, o pessoal daqui se entusiasmou também, e a partir daí começou a usar aquilo, e aquilo saía pra fora, e pessoas de fora chegavam com aquilo aqui, pra eles era uma coisa



- O artesanato de Zefa
Araquai



- Exibição do filme "Essa Terra
Já Virou Tema" para os morado-
res do Coxixo - Araquai

até novidade, pessoas assim importantes, usando aquelas coisas que eles tinham aqui e a que não davam importância".

Continuando a viagem pelo Vale do Jequitinhonha, o narrador do documentário nos apresenta um novo Bairro, o "Arraial dos Crioulos":

"A atuação neste Bairro se deu a partir de 1974, quando as condições eram muito precárias. Seus moradores são, na maioria, lavradores, e as mulheres desempenham um papel de muita atuação junto às suas famílias".

Fala de um morador:

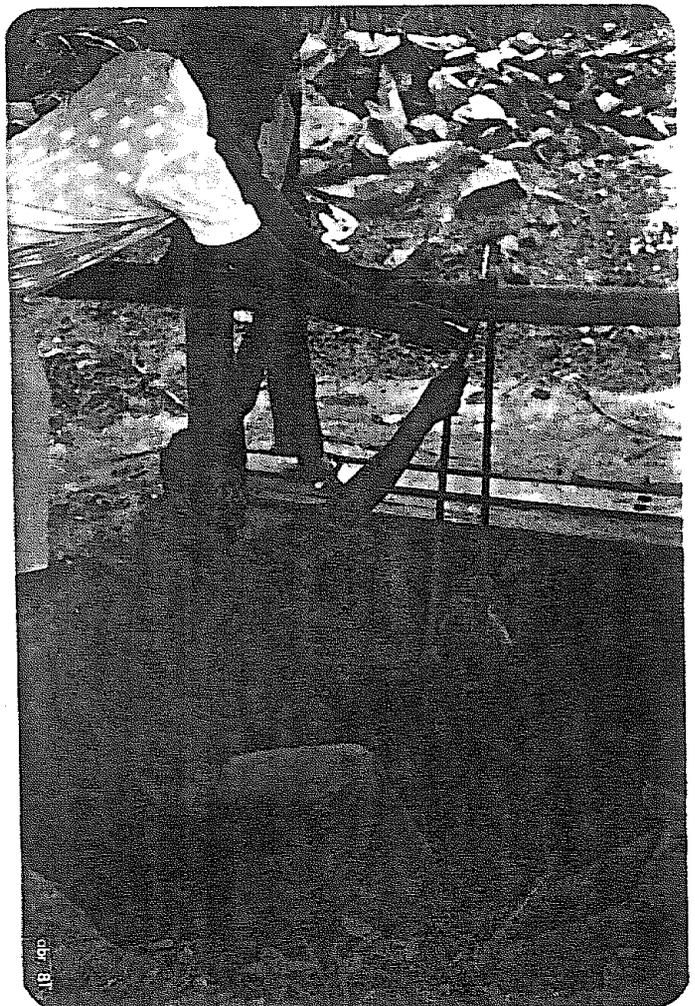
"Aqui no Bairro Arraial, a presença do pessoal do **Campus** foi ótima, porque nos ajudou muito, principalmente pelos estagiários da Medicina, e como também da Engenharia e Agronomia; eles nos ajudaram muito, nos deram muita explicação... Ah..., os estagiários da Medicina trabalharam aqui no Arraial desde 73, de 73 até 77; com sua boa vontade, fazendo consulta, dando remédio; eles nos explicavam muita coisa. Tanto eles ensinavam a gente algum remédio, como a gente também ensinava pra eles algumas plantas que a gente usava pra cura de febre, desinteria como diz, né, e outras coisas; a gente ensinava a eles também. E os da Agronomia ensinavam também pra gente como tratar da terra, pra ter uma colheita melhor".

Ainda sobre o significado do trabalho para a comunidade, dois estagiários de Vila Barraginha se manifestaram:

"A partir do momento em que há uma tomada de decisão e uma partida para a ação, e isto tudo feito pela própria comunidade, isto é o maior termômetro de que as coisas estão crescendo, estão acontecendo, estão mudando. A própria atitude da comunidade denuncia esta mudança. A própria exigência deles, em cima da gente, da nossa presença". (Entrevista gravada)

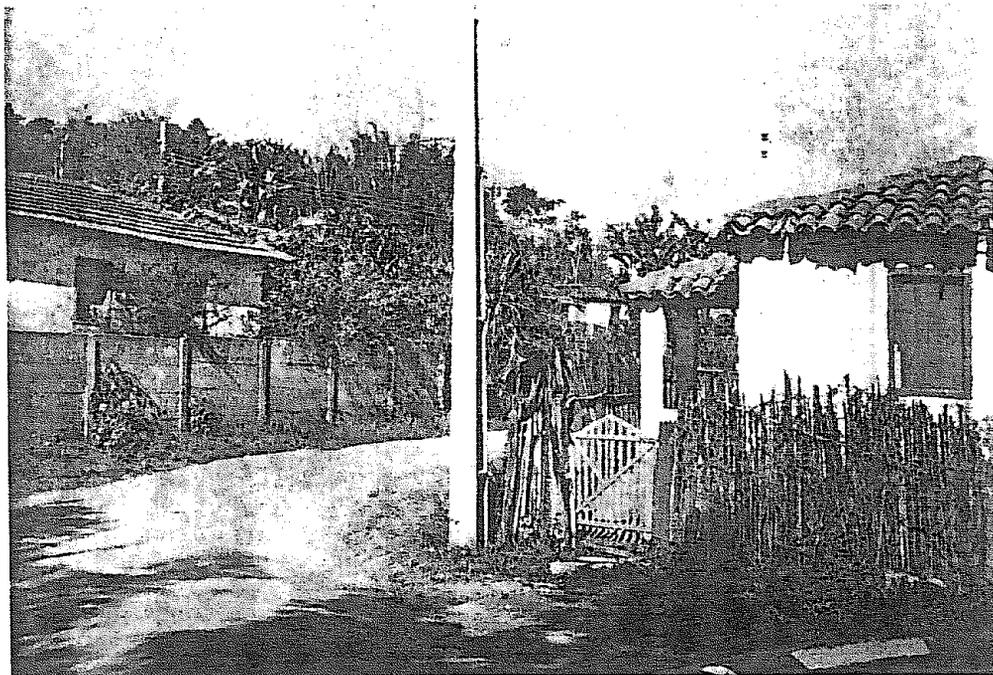


- Barra da
Barriguda
Araçuaí



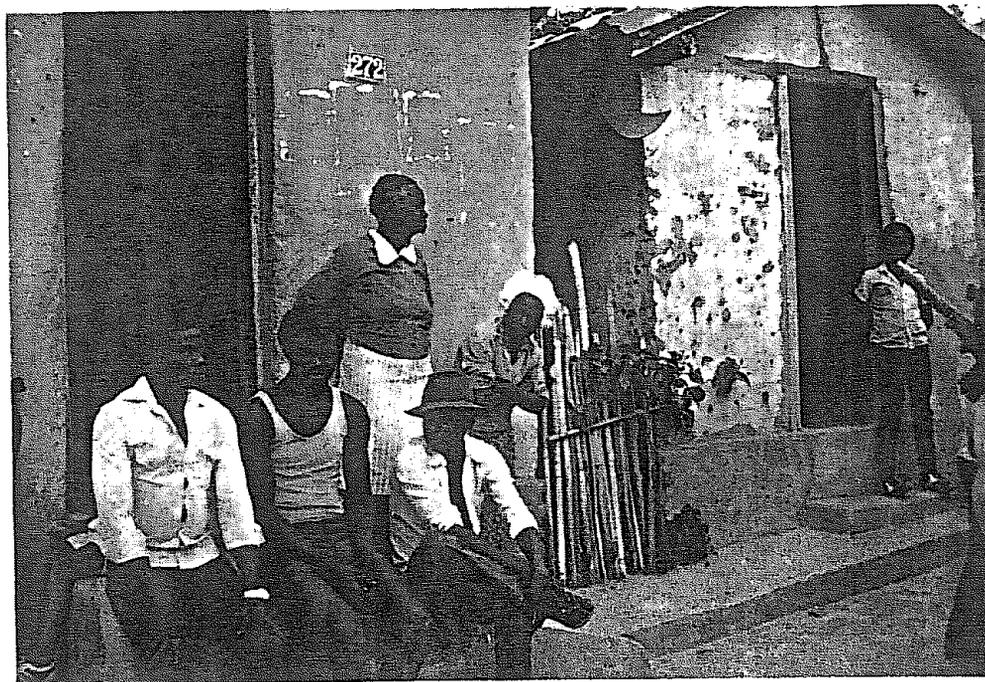
ARQUIVO NACIONAL DE FOTOGRAFIA

- Itaguara
Bairro dos
Coelhos



- Itaguara
Bairro dos
Coelhos

- Itaguara
Bairro dos
Coelhos



"Nós tivemos o maior respeito com a comunidade, acho que a comunidade percebeu isto. Era uma experiência nova para a gente sim, mas era um trabalho sério, era uma atuação séria, que procurava atender à demanda da comunidade ou assessorar a comunidade no seu processo. Não pretendíamos intervir no processo da comunidade, apenas assessorá-la. Não sei se eu posso falar por eles, pela comunidade, mas a minha fantasia é de que a gente foi útil". (Entrevista gravada)

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Além desses pontos, é importante mencionar um último aspecto, mas não menos significativo, ou seja, o fato de que se estava buscando a realização de um trabalho numa perspectiva interdisciplinar, e não somente multidisciplinar. Na perspectiva multidisciplinar, existem experiências de trabalho conjunto de vários profissionais em torno de um objeto único. Cada um dá a sua opinião, e lida com um aspecto isolado desse objeto de trabalho. É o exemplo clássico do hospital psiquiátrico tradicional, em que não há uma real integração da equipe, pois cada um atende isoladamente o paciente, ou a parte que lhe cabe dele, através de uma divisão feita levando-se em conta as áreas profissionais, e não a realidade e as necessidades concretas desse objeto, no caso, o paciente.

Numa perspectiva de interdisciplinaridade, os vários profissionais atuariam de forma integrada, tentando ver o objeto de trabalho como um todo, discutindo entre si suas contribuições. É claro que um psicólogo poderia estar, em alguns momentos, mais "capacitado" para entender certos aspectos psicológicos que surgissem no decorrer de um trabalho, mas nada impediria que um assistente social, um enfermeiro, ou outro profissional pudesse participar e dividir o conhecimento que se conseguisse obter. Isso parece contribuir para uma desmonopolização do saber profissional e para uma visão "mais inteira" da realidade. O conhecimento produzido dessa

forma poderia oferecer maiores condições para uma atuação efetiva com as comunidades com as quais se trabalhasse.

Todos os estagiários foram unânimes em apontar a interdisciplinaridade como uma das características mais significativas, sendo a mais significativa dos trabalhos realizados em Araçuaí e principalmente em Vila Barraginha e Itaguara. Os depoimentos a seguir, retirados de entrevistas gravadas com alguns desses estagiários confirmam esse dado.

"Por que você escolheu o estágio em Itaguara?

- Pelo grande interesse que eu tinha, primeiro, pela área rural, pelo trabalho comunitário, especificamente na área rural, e também, por conhecimento de que este estágio era um estágio mais complexo, e com um trabalho interdisciplinar, que é o trabalho que eu acreditava como a forma mais correta de se trabalhar hoje em dia, principalmente em comunidade.

(...) Cada um chamava a atenção para aqueles aspectos que percebia mais, pela formação que tinha; talvez o outro não percebesse. Dessa forma a gente podia assessorar de uma forma mais completa os grupos.

(...) Você ficou satisfeita com o estágio?

- Fiquei satisfeita com o estágio, foi muito rico. Eu acho que poderia levantar mil pontos de porque foi rico. Primeiro, minha expectativa era o trabalho de comunidade; mas eu acho que cresci mais foi no trabalho interdisciplinar, descobrir o que é este trabalho e ampliar mesmo a minha visão para perceber que, hoje em dia, na sociedade em que a gente vive, em que já está tudo tão dividido, a divisão capitalista vai dividindo tudo, cada vez mais, a tendência é esta; uma proposta de trabalho interdisciplinar, eu acho que é a coisa mais revolucionária que pode haver; e é a coisa que pode atingir mais e transformar mais... Perceber também como é diferente trabalhar em comunidade com profissionais, de uma forma interdisciplinar ou trabalhar isoladamente, como assistente social ou como psicólogo. Por melhor que seja sua formação, por mais completa que seja, por mais competente que você seja, por mais comprometido que você seja, nunca vai poder contribuir de uma forma totalizante para aquele determinado grupo. Então eu acho que a

riqueza maior foi esse trabalho interdisciplinar; saber que você pode trabalhar interdisciplinarmente não só ali, no momento, mas a nível de orientação, de supervisão, de programação de atividades, de elaboração do conhecimento, em todos esses momentos. E a resposta disso, o resultado é o próprio desenvolvimento da comunidade, que é muito mais completo. A comunidade não cresce mais para um lado ou mais para outro, mas ela cresce completa. Acho que humanamente e intelectualmente a gente cresce muito mais num trabalho interdisciplinar do que num trabalho individual. Eu acho que o que mais ficou do estágio para mim foi isso, a importância do trabalho interdisciplinar.

Depois, fazendo outro estágio que não tem essa dimensão, eu sinto que não consigo atingir, por mais que eu me esforce, me prepare, eu sou limitada. A maior dificuldade agora é justamente essa, de não poder estar trabalhando com outros profissionais". (Entrevista gravada)

Outro depoimento aponta nesta mesma direção:

"Qual o significado do estágio para você, para o Curso de Psicologia?

- O que me enriqueceu muito foi essa experiência de interdisciplinaridade e de atuação com a comunidade". (Entrevista gravada)

No que diz respeito à avaliação dos trabalhos, os alunos ressaltam sempre o saldo positivo. Os problemas apontados dizem respeito, em sua maioria, às dificuldades da Universidade para absorver a dinâmica do trabalho de extensão - orientação, atuação em campo, supervisão, acompanhamento no campo de estágio, etc. -, e incorporar os retornos e mudanças por ele provocados. Os depoimentos parecem confirmar, ainda, uma certa marginalidade da extensão universitária.

"Há algumas castrações institucionais que realmente baixam o pique da gente, e não só a nível da Universidade; eu acho que a própria situação que hoje nós vivemos no país, a própria situação de desemprego, de

insegurança profissional, de insegurança tanto da gente, estudante que atua lá, quanto da própria comunidade, onde a maioria das pessoas estão passando fome, estão desempregadas, isto dificulta demais o trabalho, as perspectivas são negras justamente porque a situação do país é negra". (Entrevista gravada)

"Você ficou satisfeita com o estágio?

- Com o trabalho na comunidade, sim, com a experiência da supervisão e do trabalho com outras áreas, também; agora, quanto ao estágio ligado à Escola, à Instituição (PUC-MG e Projeto Rondon), não. Acho que foi desgastante, a gente se empenhava, tinha que pesquisar, tinha que estudar, e isto demandava um tempo grande; a gente não tinha apoio da Instituição para isso, pelo contrário né! E isto foi um desgaste. (...)

Quanto ao significado do estágio para mim, me enriqueceu muito esta experiência de interdisciplinaridade e de atuação com a comunidade. Para o Curso de Psicologia, eu acho que a nossa experiência em Barraginha serviu para balançar um pouco aqui; acho que mexeu um pouco com a estrutura da Escola, da Instituição. Foi um trabalho que incomodou, na medida em que a gente ia para a área de estágio, tinha dúvidas, queria estudar mais, queria repensar. Alguma coisa que a gente tinha visto aqui na Escola e que não estava condizente com o que a gente estava vendo lá, e não havia espaço. A gente começou a pressionar e acho que incomodou sim à Universidade. (...)

Acho que a experiência foi um perigo para a Universidade. Quando você passa a ter uma prática, você consegue, passa a ter também uma consciência crítica maior e isso incomoda; principalmente um trabalho interdisciplinar. Várias áreas passam a ter maiores contatos e passa-se a discutir inclusive a relação entre essas Escolas dentro da Universidade; você incomoda; incomoda quando passa a discutir o papel do professor, a relação professor-aluno, daí, a relação de poder". (Entrevista gravada)

"O estágio correspondeu às suas expectativas iniciais?

- Eu acho até que superou, porque eu pensava mais em um trabalho com os adultos; eu nunca pensei em, num trabalho comunitário, se envolver crianças, grupos formais. Sabia que envolvia a Instituição e os moradores. Superou bem a expectativa nesse ponto. Eu vi que não era só trabalhar com um grupo isolado, mas era um grupo com toda a sua complexidade, com tudo aquilo que implicava no grupo, família, mulher, criança, o

grupo de Alcoólatras Anônimos, o Sindicato, que é um outro momento da vida deles, a Igreja. Então, superou em termos de descobrir o que é o trabalho comunitário, como ele deve ser visto realmente, e não como a gente vê, todo fragmentado, em momentos diferentes". (Entrevista gravada)

Uma experiência que teve esse significado foi vivida pela equipe que atuava em Itaguara, e poderia ser sintetizada com o relato dos estagiários Miriam e Valdemar:

UM MENINO CHAMADO JAILSON

"Estávamos no final de julho. Final de férias escolares... Final de um mês, de um período que ficaria marcado em nossas vidas pela rica experiência que vivíamos, pelo mais coerente e efetivo estudo - processo educativo - que acontecia junto com as comunidades da periferia de Itaguara, cidade a 100 km de Belo Horizonte, pela Fernão Dias, para onde nos dirigíamos, de 15 em 15 dias, estudantes de Enfermagem, Psicologia e Serviço Social, a fim de nos formarmos enquanto homens e profissionais.

Estávamos justamente neste instante, naquele momento transbordante de vida, de resultados, de colheita de frutos de uma experiência de estágio que vinha se desenvolvendo já há mais de 3 anos, como um campus aproximado da PUC-MG.

Mas como tudo que dá certo neste País, como tudo aquilo que propicia avanços, transformações, Organização, tinha chegado também o momento de se por um ponto final àquela "pedra no sapato". Pedra no sapato da Universidade, que constata que seu estudante aprende mais na prática, e começa a questionar as bases que sustentam a Universidade; pedra no sapato das "senhoras" da sociedade de Itaguara, incomodadas com a consciência que passam a ter as suas empregadas domésticas, as mulheres que lhes vendem lenha, sobre seus direitos e seus valores; pedra no sapato do poder público local, que se sente incomodado com as reivindicações das populações periféricas, de água, esgoto, saúde, educação, condições mínimas de uma vida mais digna.

Era sobre isto que conversávamos na Rua do Alto, uma destas comunidades junto com as quais desenvolvíamos o nosso trabalho, quando escutamos uma voz de criança que chamava um de nossos colegas pelo nome - Olha, o

Jailson quer despedir de vocês!

Foi uma surpresa!!!, quando olhamos e vimos descer, caminhando, de mãos dadas com seu pai, o pequeno Jailson, que agora expressava no olhar toda a energia de uma criança de 4 anos de idade.

Todos se olharam, surpresos com o que estavam vendo. Era um momento de despedidas..." 11

A história de Jailson marcou a todos, estagiários, comunidade e professores supervisores. Sua luta foi um exemplo para a comunidade e um gratificante retorno para alunos e professores da Universidade. Quando o conhecemos, ele praticamente não falava e não andava, ficando a maior parte do tempo enganchado na cintura de sua irmã. Vê-lo caminhando e chamando por nós no dia em que encerrávamos nosso trabalho em Itaguara foi algo inesquecível. Deixamos Itaguara com a certeza de que nosso trabalho estava alcançando seus objetivos.

CONCLUSÃO

SECRETARIA DE ECONOMIA FEDERAL

Embora o capítulo anterior já tenha sido conclusivo em vários aspectos, cabem aqui mais algumas observações. É natural que se pergunte se este trabalho alcançou seus objetivos, ou seja, analisar as atividades de extensão realizadas pelo PRODAC, verificando se proporcionaram o desenvolvimento de um processo educativo, envolvendo professores, alunos e comunidades.

Parece que os fatos, depoimentos e análises mostradas respondem afirmativamente às questões propostas no Capítulo I.

Se pensadas numa perspectiva crítica, buscando uma ação problematizadora e comprometida com a transformação social, atividades de extensão podem significar um espaço para a superação da quase sempre presente dicotomia entre ensino, pesquisa e extensão. Currículos podem ser reorientados e programas de estágio podem ser mais efetivos, quando pensados como atividades de prestação de serviços à população. Isso pôde ser visto de maneira mais efetiva no caso de Psicologia, Serviço Social, Enfermagem e Odontologia, cursos especialmente focalizados neste trabalho.

As falas dos membros das comunidades mostram alguns resultados dos trabalhos da Universidade junto a elas, testemunhando uma relação mútua de amizade e respeito.

Nem sempre os benefícios conseguidos pelas comunidades, bem como outros resultados dos trabalhos são passíveis de avaliações objetivas, pelos parâmetros tradicionais. O movimento das comunidades, às vezes, é confuso, aparentemente desorganizado e lento, sendo, por isso, analisado negativamente. No caso da Psicologia, enquanto ciência que tem como objeto o comportamento humano, muitas vezes uma certa "desorganização" e um movimento de, no mínimo, "desacomodação", podem ser extremamente positivos, pois significam mudança, vida, ainda que sejam, ao mesmo tempo, dolorosos e até

angustiantes.

Para os alunos e professores, constatou-se ter sido uma experiência gratificante acompanhar o processo de construção da identidade das crianças do Coxixo em Araçuaí, e da Rua do Alto, em Itaguara, bem como a criação da Associação do Bairro dos Dias e a luta pelas melhorias na creche da Vila Barraginha. Isso sem falar no Jailson e no que seu crescimento significou para os moradores da Rua do Alto. Do ponto de vista do ensino, o contato com a realidade possibilitado pelo PRODAC teve conseqüências na sua reorientação, com vistas a uma maior vinculação da teoria à prática.

Por outro lado, ainda é concreta a existência de limitações para a extensão. Mesmo que sua presença esteja sendo mais constante em seminários, publicações e documentos diversos, nos últimos anos, percebe-se que a maioria das universidades ainda não consegue colocar em prática a extensão proposta nos documentos. A falta de verbas parece ser um dos principais motivos dessa dificuldade. Em alguns casos, a análise da literatura revela um tratamento diferenciado para a extensão, distante ainda da indissociabilidade ensino/pesquisa.

No caso da PUC-MG - e isso não é privilégio dela -, mesmo com tantos aspectos positivos, essas atividades foram muito reduzidas, e, em alguns casos completamente interrompidas. As dificuldades de financiamento para os projetos foram as principais causas de sua interrupção. Entretanto, é importante mencionar que mesmo com o encerramento de vários deles, muito da filosofia do trabalho permanece e, certamente, influencia e fundamenta outros trabalhos atualmente desenvolvidos.

Parece haver faltado, ao PRODAC, maior sistematização de seu trabalho, bem como uma coletivização mais constante de suas reflexões, o que poderia mobilizar outros professores e alunos para a

extensão universitária.

Além disso, a equipe interdisciplinar foi dissolvida exatamente quando seu trabalho começava a apresentar os primeiros resultados, ou seja, com cerca de um ano de atividade. É necessário observar que o trabalho de extensão, principalmente a extensão comunitária, dificilmente proporciona retornos significativos e duradouros num período de tempo tão curto.

Por fim, cabe, ainda, apontar alguns limites desta dissertação. O tempo transcorrido entre a elaboração do projeto da dissertação, em 83/84, e sua conclusão, agora em 89, certamente prejudicou um pouco a análise, dificultando o retorno mais imediato para a Universidade e para as comunidades envolvidas. Porém, ainda que tenha havido esse lapso de tempo, as conclusões do presente trabalho podem servir como pontos de reflexão para outras atividades de extensão da PUC-MG, bem como de outras Universidades.

Gostaria, também, de reafirmar minha crença na conquista de um maior espaço, por parte da extensão universitária, e a confiança de que ela poderá significar a possibilidade de uma Universidade mais comprometida com a sociedade em que vivemos.

ANEXO 1

PLANOS DE AÇÃO ELABORADOS E COLOCADOS EM PRÁTICA NO
CAMPUS AVANÇADO DO VALE DO JEQUITINHONHA, DURANTE O ANO DE 1981

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araquá - Zona Urbana	Incentivar o desenvolvimento comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamentos de Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, Letras, Geografia/História. - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Diocese de Araquá - Prefeitura Municipal de Araquá 	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas domiciliares; - Assistência técnica às hortas caseiras já existentes; - Encaminhamento de crianças para a "Creche Casulo"; - Palestras sobre eventuais problemas de gravidez para as mães que frequentam a Creche; - Elaboração de uma apostila sobre alimentação da criança de 0(zero) a 03(três) anos de idade; - Treinamento para o pessoal que trabalha na Creche sobre nutrição e pediatria social; - Acompanhamento e atualização dos cartões de vacina das crianças e exames de fezes em 30 crianças; - Atividades didático-pedagógicas para as crianças da Creche; - Reunião com as mães das crianças para orientação sobre o desenvolvimento global das mesmas; - Organização de tardes recreativas com as crianças do bairro; - Levantamento de interesses para o Curso de Alfabetização de adultos; - Estudo do método de alfabetização a ser utilizado; - Treinamento em Belo Horizonte, sobre o método de alfabetização a ser usado, para estagiários de Pedagogia; - Formação de turma de alunos; - Aulas diárias durante três meses.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araquá - Zona Urbana	Incentivar o desenvolvimento da população dos bairros.	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Serviço Social, História/Geografia - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Prefeitura Municipal de Araquá - D.A.E./MG - D.E.R./MG - Diocese de Araquá 	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas domiciliares; - Participação nas reuniões da Associação dos Bairros; - Distribuição de sementes de hortaliças; - Distribuição e plantio de mudas de café; - Assistência técnica às hortas caseiras; - Reunião com os moradores dos bairros com o objetivo de "alcançar" o trabalho de abertura das ruas; - Reunião com os moradores para discussão dos problemas de infra-estrutura dos bairros; - Levantamento estatístico para implantar o CIAME.

REALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Zona Urbana 	<p>Verificação das necessidades básicas da comunidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, Geografia/História - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Prefeitura Municipal de Araçuaí - Novo Mobraal - Paróquia Santo Antônio - Fundação Benevolência 	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas domiciliares; - Levantamento e inscrição das famílias interessadas em água e fossa; - Formação de mutirões para a instalação de água e construção de fossas; - Reuniões com participantes dos mutirões para planejamento e avaliação; - Participação constante no trabalho dos mutirões; - Visitas à COPASA para maiores esclarecimentos na instalação de água e aquisição de material; - Compra do material necessário para a instalação de água e construção de fossas; - Distribuição do material para cada família inscrita; - Instalação de água em 25 casas; - Formação de grupos para fabricação de tijolos e telhas; - Fabricação de 18.000 tijolos e 1.000 telhas; - Construção de 28 fossas secas; - Reuniões semanais com a comunidade, incentivando o trabalho comunitário; - Distribuição de feira semanal aos participantes do mutirão; - Implantação de uma farmacinha comunitária; - Reunião com a comunidade para esclarecer o funcionamento da farmacinha e com a participação da população; - Plantio de 1.500 mudas de árvores frutíferas.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araçuaí - Zona Urbana	Legalização civil da comunidade carente, para facilitar sua atuação na obtenção de recursos, benefícios, etc.	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamentos de Serviço Social, Enfermagem, Psicologia, Geografia/História, Letras - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - L.B.A.; - Cartórios de Araçuaí e de Itira; - Diocese de Araçuaí 	<ul style="list-style-type: none"> - Atendimento individual para registro civil; - Encaminhamento das fichas aos cartórios de Araçuaí e Itira.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araçuaí - Itinga e Virgem da Lapa - Zona Urbana	Recuperação de hortas e pomares	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Ação Social Santo Antônio: Araçuaí; - Grupo Escolar Industrial São José: Araçuaí; - Grupo Escolar Franciscano Pereira: Itinga; - Grupo Escolar Comendador Murta: Itinga; - Grupo Escolar Católico Cearense: Virgem da Lapa; - Comunidade Rural de Santana: Virgem da Lapa; - Comunidade Rural de Taquaral, Itinga; - Prefeitura Municipal: Araçuaí. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação de hortas pela população; - Recuperação de hortas e pomares; - Aulas sobre hortas para crianças da Escola Estadual; - Treinamento para combate às formigas; - Distribuição de sementes de couve, tomate, alface, pepino, quiabo, cenoura, beterraba, pimentão, rabanete e repolho; - Formação de novas sementeiras e hortas; - Construção da cerca da horta do "Campus".

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araçuaí - Zona Rural	Incentivar o espírito comunitário	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Serviço Social, Enfermagem, Geografia/História, Pedagogia - Escola Superior de Agricultura de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Prefeitura Municipal de Araçuaí - Fundação Benevolência 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação nos cultos dominicais, para contato com a comunidade; - Contato com a Inspetora de Ensino de Araçuaí; - Assessoramento nos trabalhos realizados pelas pessoas da comunidade: construção de uma cisterna, utilização do arado para preparar a terra; farmacinha comunitária e criação da 4ª série de 1º Grau.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araçuaí - Zona Urbana	Suprir as necessidades básicas da população	- Universidade Católica de Minas Gerais: Departamentos de Serviço Social, Psicologia, Enfermagem, Pedagogia	- Paróquia Santo Antônio - Diocese de Araçuaí	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação do método a ser desenvolvido; - Levantamento dos interessados para o Curso de Alfabetização; - Formação de classe; - Organização de uma Rua do Recreio para as crianças; - Participação ativa no desempenho da Rua do Recreio.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	TÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araquá - Zona Urbana	Treinar e capacitar atendentes de Enfermagem, para melhor desempenho de suas funções	- Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Enfermagem	- Hospital de Araquá; - Hospital de Joalma; - Hospital de Medina.	<ul style="list-style-type: none"> - Contato com os Hospitais interessados; - Inscrições dos alunos; - Organização do Plano de Curso; - Elaboração de apostilas para o uso dos alunos; - Aulas teóricas e aulas práticas sobre: <ul style="list-style-type: none"> . Clínica Médica; . Clínica Pediátrica e Berçário; . Obstetrícia; . Bloco Cirúrgico; . C.M.E.; . Ambulatório. - Solenidade especial para entrega de certificado aos participantes.

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Araçuaí - Zona Urbana	Melhorar o nível de higiene e saúde da população através de uma campanha educativa	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Serviço Social, Enfermagem, Psicologia - Escola Superior de Lavras 	<ul style="list-style-type: none"> - Prefeitura Municipal de Araçuaí; - Mobral; - Posto de Saúde; - Lions Clube de Araçuaí; - Diocese de Araçuaí; - Política Militar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Período de janeiro a junho/81 . reunião com os líderes da cidade . visitas domiciliares . divulgação da Campanha

LOCALIZAÇÃO	OBJETIVO GERAL	UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARTICIPANTES	AÇÃO ARTICULADA	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Itinga - Zona Urbana	Despertar os jovens para o trabalho comunitário	- Universidade Católica de Minas Gerais: Departamento de Serviço Social, Enfermagem, Psicologia.	- Mobra; - Prefeitura Municipal de Araquai	<ul style="list-style-type: none"> - Visitas informais aos jovens; - Participação nos encontros dos jovens; - Palestras sobre a formação de grupos e outros assuntos de interesse dos jovens; - Discussões sobre a orientação e estruturação do grupo. <p style="text-align: right;"><u>FONTE:</u> Relatório de Atividades da UCMG, 1981, p. 64 a 75.</p>

ANEXO 2

A HISTÓRIA DE JAILSON

UM MENINO CHAMADO JAILSON

Miriam Campolina D. Peixoto^{*}Valdemar Silva Valverde^{**}

Estávamos no final de julho. Final de férias escolares... Final de um mês, de um período que ficaria marcado em nossas vidas pela rica experiência que vivíamos, pelo mais coerente e efetivo estudo - processo educativo - que acontecia junto com as comunidades da periferia de Itaguara, cidade a 100 km de Belo Horizonte, pela Fernão Dias, para onde nos dirigíamos, de 15 em 15 dias, estudantes de Enfermagem, Psicologia e Serviço Social, a fim de nos formarmos enquanto homens e profissionais.

Estávamos, justamente neste instante, naquele momento transbordante de vida, de resultados, de colheita de frutos de uma experiência de estágio que vinha se desenvolvendo já há mais de 3 anos, como um campus aproximado da PUC-MG.

Mas como tudo que dá certo neste País, como tudo aquilo que propicia avanços, transformações, Organização, tinha chegado também o momento de se por um ponto final àquela "pedra no sapato". Pedra no sapato da Universidade, que constata que seu estudante aprende mais na prática, e começa a questionar as bases que sustentam a Universidade; pedra no sapato das "senhoras" da sociedade de Itaguara, incomodadas com a consciência que passam a ter as suas empregadas domésticas, as mulheres que lhes vendem lenha, sobre seus direitos e seus valores; pedra no sapato do poder público local, que se sente incomodado com as reivindicações das populações periféri-

* Estagiária do Curso de Serviço Social em Itaguara.

** Estagiário do Curso de Psicologia em Itaguara.

cas, de água, esgoto, saúde, educação, condições mínimas de uma vida mais digna.

Era sobre isto que conversávamos na Rua do Alto, uma destas comunidades junto com as quais desenvolvíamos o nosso trabalho, quando escutamos uma voz de criança que chamava um de nossos colegas pelo nome - Olha, o Jailson quer despedir de vocês!

Foi uma surpresa!!!, quando olhamos e vimos descer, caminhando, de mãos dadas com seu pai, o pequeno Jailson, que agora expressava no olhar toda a energia de uma criança de 4 anos de idade.

Todos se olharam, surpresos com o que estavam vendo. Era um momento de despedidas...

Começamos a nos lembrar de como encontramos Jailson quando chegamos ali. Encontramos na rua do Alto uma população predominantemente negra, marcada pelo preconceito racial e subjugada pela exploração econômica, e constituída de empregadas domésticas, trabalhadores rurais, alcóolatrás, prostitutas e um grande número de crianças. Além do trabalho com os adultos, desenvolvíamos atividades lúdico-pedagógicas com as crianças do bairro, visando um melhor desenvolvimento bio-psico-pedagógico e social das mesmas. Atividades pensadas, coordenadas e avaliadas continuamente e conjuntamente por toda a equipe que se propunha um trabalho numa dimensão interdisciplinar. Eram frequentes, também, reuniões com os pais para conversar sobre as crianças.

O trabalho era realizado em uma parte da Rua, que tinha pouco movimento, barrancos, poeira e muito espaço. Contávamos com mais ou menos 40 crianças, com idades variando de 8 meses até 15 anos. Eram crianças retraídas, agressivas, onde podia ser lido todo um quadro de miséria que atravessava suas vidas, a vida de suas fa-

mílias. Um alto índice de alcoolismo e, conseqüentemente, marginalização da população da cidade. Crianças que traziam em suas expressões, em sua fala, em seu corpo, sinais de terem apanhado, sido xingadas, maltratadas... Crianças carentes de afeto. E, como não poderia deixar de ser diante desse quadro, doentes, com problemas na escola, enfim, incômodo para a sociedade...

Entre todas essas crianças, nos chamava especial atenção um menino. Negro, de olhos sempre abaixados e tristonhos, que não conseguia se sustentar e nem andar com as próprias pernas; mas não deixava de ir, nenhuma vez, às atividades com o pessoal que vinha da "Universidade". Tinha uma expressão de envelhecimento precoce, a cara amarrada e estava sempre enganchado na cintura da irmã. Quando ela ia brincar, ele ficava alí num canto, olhando ao longe, batendo um toquinho contra outro, até a irmã pegá-lo de volta. Às vezes ele arriscava um olhar para as outras crianças que brincavam ou para um de nós da equipe. Ele tinha 4 anos, era menor que os outros meninos de sua idade e o sentimento provocado ao olhá-lo era de fragilidade e de um certo abandono. Quando perguntamos à irmã porque ele não andava ela respondeu que ele nunca tinha andado, sempre fôra carregado. Procuramos nos informar mais, sabermos mais detalhes a respeito do fato, o que não nos levou mais longe. A criança nunca tinha apresentado qualquer sintoma de doença física, do tipo paralisia, ou outra causa que pudesse provocar tal disfunção. - O que aconteceu? Simplesmente, na época em que ele deveria ter sido estimulado a andar, foi carregado. Como essa situação se prolongou, suas pernas começaram a atrofiar.

Entendemos que Jailson precisava de uma atenção especial, não somente nossa, mas de seus pais e das outras crianças. Era necessário um esforço coletivo. Conversamos com seus pais, que diziam já tê-lo levado várias vezes ao médico, que havia se limitado a receitar vitaminas. Recomendamos a eles que tentassem dar mais atenção

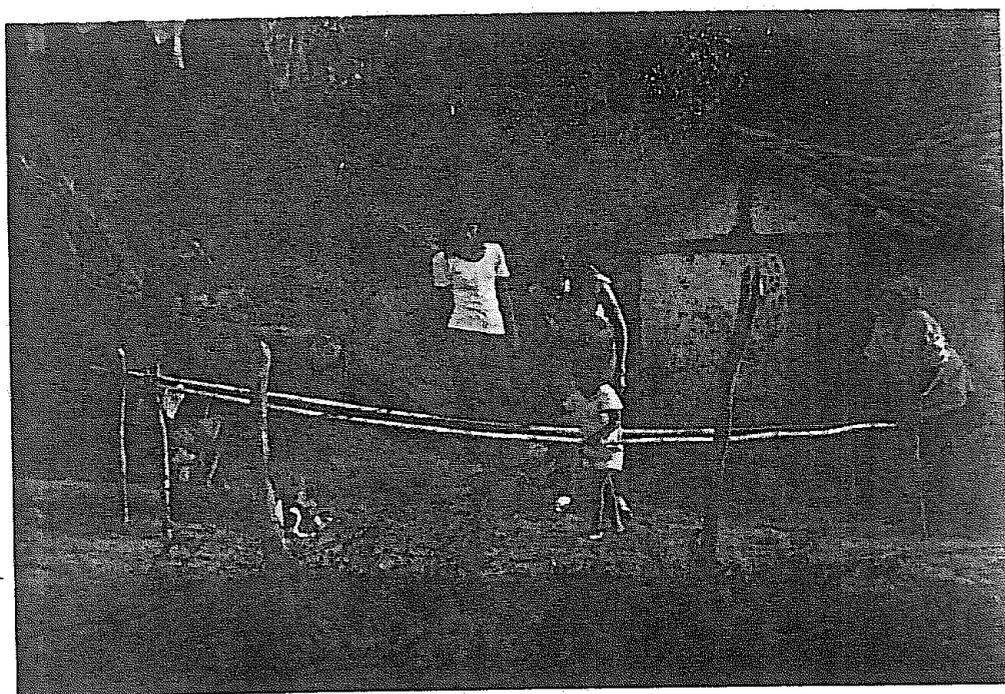
a Jailson. Às outras crianças, pedimos que envolvessem Jailson em suas brincadeiras, e que tivessem paciência com suas limitações.

A partir daí, começamos a aplicar massagens nas suas pernas e pés, objetivando reativar a sensibilização da região amortecida. Concomitantemente, dávamos orientações aos pais e irmãos para que adotassem o mesmo procedimento. De certa forma começamos a "exigir" uma reação da criança em relação à sua auto locomoção, dando em troca confiança e lhe assegurando os primeiros passos.

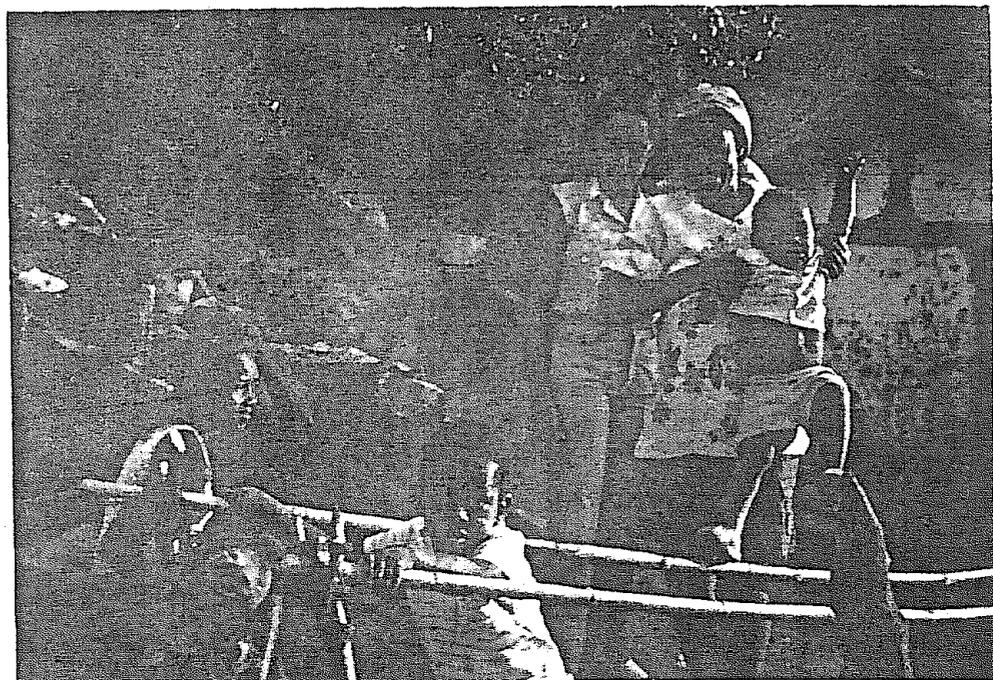
Foi quando ficou mais clara a necessidade de andar da criança, e o quanto ela se empenhava nesse projeto. Prova disso é que à medida em que alcançava alguns avanços, progressos, sua fisionomia mudava. Com o passar do tempo, ele já deixava escapar um sorriso e ameaçava dizer algumas palavras, além de ficar contando os dias para poder estar em contato com o grupo, e principalmente com o Valdemar, que passou a ser o principal responsável por essa atividade.

Um certo dia, após uma atividade em que as crianças "fabricavam" brinquedos, se utilizando de sucatas, um desses brinquedos absorvia especialmente a atenção de Jailson. Era um "vai e vem", feito de garrafas plásticas de água mineral e uma corda de nylon. Quando a corda passou perto dele o menino esticou o corpo tentando agarrá-la. Observando a atenção de Jailson e o brinquedo, tivemos uma idéia. Pedimos às crianças que nos emprestassem o "vai e vem". Enquanto nós o desmontávamos, as crianças, agora paradas todas elas, nos olhavam com curiosidade.

Aproveitando as duas cordas, que eram usadas no brinquedo, armamos uma "paralela" e com ajuda das crianças, que já esperavam com expectativa o resultado, já entendendo o que pretendíamos, colocamos Jailson entre as duas cordas. Ele, ainda sem entender completamente, esforçava-se por ficar de pé, com a ajuda de sua irmã e com



- Jailson em sua
Paralela
Itaguara



os estímulos e aplausos de todas as crianças que agora o assistiam. Tentava trocar alguns passos. Foi um primeiro exercício de caminhar e uma grande pista.

Sugerimos ao pai de Jailson que fizesse uma "paralela" utilizando-se de bambus, que eram abundantes ali perto. Pedimos à sua mãe que dedicasse, diariamente, algum tempo para ajudá-lo no exercício. Acreditávamos que, dessa forma, Jailson se exercitaria e ainda teria a atenção da mãe.

Quando voltamos a Itaguara, passados 15 dias, encontramos a "paralela de bambu" feita, e, logo que nos viu, Jailson, com gestos, pediu que o colocassem lá, para nos mostrar o seu progresso. Olhava-nos timidamente, e sorria, a cada passo dado.

Daí em diante, durante as brincadeiras, ele já não olhava ao longe, mas para as crianças, talvez a pensar naquilo que poderia fazer quando estivesse andando sozinho. Hora e outra, uma das crianças sentava-se com Jailson e brincava um pouco com seus toquinhos. Ele já se tinha incluído no grupo. Toda a "Rua" comentava a evolução do menino Jailson. Foi como se sua luta mobilizasse todos. O trabalho com os adultos tomou novos rumos, com a participação dos moradores crescendo em quantidade e se ampliando em termos de qualidade. Parecia que todos estavam muito mais dispostos para enfrentar suas dificuldades, seguindo o exemplo de Jailson.

O tempo foi passando e ele, a cada dia, progredia mais. Por problemas com o corte de verba, suspendemos por algum tempo nossas viagens a Itaguara. Quando voltamos, já para nos despedirmos das comunidades, assistimos à emocionante cena de Jailson descendo o morro de mãos dadas com seu pai, caminhando e nos chamando pelo nome.

Em seu olhar e na lembrança daquele momento, a certeza de que tanto mais se ampliam as possibilidades de transformação, quando

os problemas são pensados em sua totalidade, e não quando se ministra receitas isoladamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Reforma universitária. Brasília, 1972.
- _____. Uma nova política para a educação superior brasileira - relatório final da Comissão Nacional para a Reformulação da Educação Superior. Brasília, 1985.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Extensão universitária e movimento social. Enfoque, Belo Horizonte (0):25-27, set. 1986.
- FONSECA, José Otávio Penido da. A prestação de serviços de saúde como espaço do ensino médico, na Faculdade de Medicina da UFMG, no período de 1980 a 1986. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, 1988. (Dissertação, Mestrado)
- GRAMSCI, Antônio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- GURGEL, Roberto Mauro. Extensão universitária: comunicação ou domesticação. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1986.
- PRATES, Cláudia de Castilho et alii. Trabalho de estágio de campo-Vila Barraginha. Belo Horizonte, jun. 1984.
- PUC-MG. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Relatório de atividades - 1983. Belo Horizonte, 1984a.
- _____. Relatório de atividades - 1984. Belo Horizonte, 1985.
- PUC-MG. PRODAC - Programa de Desenvolvimento e Ação Comunitária. Relatório das atividades desenvolvidas na Vila Barraginha e em Itaguara durante o ano de 1983. Belo Horizonte, 1984b.
- REIS, Renato Hilário dos. A conceituação da extensão universitária. Educação Brasileira, Brasília (12):43-54, 2º sem. 1984.
- ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. As oito teses equivocadas sobre a extensão universitária. In: A UNIVERSIDADE e o desenvolvimento regional. Fortaleza, UFC, 1980. (Seminário promovido pelo CETREDE, com a colaboração da UFC, realizado no período de 5 a 8 de 1980, em Fortaleza) p. 216-244.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980.

SANCHIS, Pierre. Extensão universitária, sociedade e cultura. Enfoque, Belo Horizonte (0):20-23, set. 1986.

SAVIANI, Dermeval. Extensão universitária: uma abordagem não-extensionista. Educação & Sociedade, São Paulo, (8):61-73, mar. 1981.

II ENCONTRO de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas. Conexão, Belo Horizonte (2):18-20, jul. 1988.

UCMG. Universidade Católica de Minas Gerais. Relatório anual de 1979. Belo Horizonte, 1980.

_____. Relatório anual - 1980. Belo Horizonte, 1981.

_____. Relatório anual - 1982. Belo Horizonte, 1983.

_____. Relatório das atividades de 1970. Belo Horizonte, 1970.

_____. Relatório das atividades de 1972. Belo Horizonte, 1973.

_____. Relatório das atividades de 1973. Belo Horizonte, 1974a.

_____. Relatório das atividades de 1974. Belo Horizonte, 1975a.

_____. Relatório de atividades - 1976. Belo Horizonte, 1977a.

_____. Relatório de atividades - 1981. Belo Horizonte, 1982a.

_____. Centro de Extensão. Relatório de atividades - 1973. Belo Horizonte, 1974b.

_____. Centro de Extensão. Relatório de atividades - 1974. Belo Horizonte, 1975b.

_____. Centro de Extensão. Relatório de atividades - 1978. Belo Horizonte, 1979.

_____. Centro de Extensão. Fundação Dom Cabral. Relatório de atividades - 1976. Belo Horizonte, 1977b.

_____. Faculdade de Ciências Humanas. Supervisão Geral das Extensões do Interior. Notícias sobre as extensões no interior do estado. Belo Horizonte, 1975c.

_____. GT-UCMG. Relatório das atividades de extensão - 1977. Belo Horizonte, 1978.

_____. PRODAC. Notas do PRODAC para colaboração na discussão da extensão universitária na UCMG. Belo Horizonte, 1982b.

_____. PRODAC . Proposta de integração das ações de extensão da UCMG. Belo Horizonte, 1982c.

ZEN, Ana Maria Dalla. A atividade de extensão na UFRGS: êxitos, falhas e perspectivas. Educação e Realidade, Porto Alegre, 6(1):7-15, jan./abr. 1981.